

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Rosane Miguel Alvim Mendonça

**Saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense no início do século XX e a
formação da elite mineira: 1906 a 1922**

Juiz de Fora

2025

Rosane Miguel Alvim Mendonça

**Saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense no início do século XX e a
formação da elite mineira: 1906 a 1922**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.
Área de concentração: Educação Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Araújo de Oliveira

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mendonça, Rosane Miguel Alvim .

Saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense no início do século XX e a formação da elite mineira: : 1906 a 1922 / Rosane Miguel Alvim Mendonça. -- 2025.

133 f.

Orientadora: Maria Cristina Araújo de Oliveira

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, 2025.

1. História da educação matemática. 2. Saberes matemáticos. 3. Ginásio Leopoldinense. I. Oliveira, Maria Cristina Araújo de , orient. II. Título.

Rosane Miguel Alvim Mendonça

Saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense no início do século XX e a formação da elite mineira: 1906 a 1922

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação Matemática. Área de concentração: Educação Matemática.

Aprovada em 21 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Cristina Araújo de Oliveira - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Maria Cecília Bueno Fischer - Membro externo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. José Manuel Leonardo de Matos - Membro interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 10/07/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Araujo de Oliveira, Professor(a)**, em 23/07/2025, às 14:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cecilia Bueno Fischer, Usuário Externo**, em 11/08/2025, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Manuel Leonardo de Matos, Usuário Externo**, em 14/08/2025, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2495327** e o código CRC **2C8E6C01**.

Dedico este trabalho a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, acreditam na magia do conhecimento como uma rota para a transformação — de si mesmos, dos outros e do mundo. Àqueles que entendem a educação como uma prática cultural através da qual significados são criados, experiências são reinventadas e até mesmo verdades estabelecidas são feitas para serem abaladas e questionadas e a quem se atreve a sonhar com futuros diferentes e possíveis.

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação marca não apenas a conclusão de uma etapa acadêmica, mas também a consolidação de um percurso pessoal profundamente significativo. Ao longo dessa jornada, muitas pessoas estiveram ao meu lado, oferecendo apoio, inspiração, generosidade e amizade. A todas elas, expresso aqui minha mais sincera gratidão.

À memória dos meus pais, Geraldo e Elza, meu mais profundo e emocionado agradecimento. Embora já não estejam fisicamente presentes, permanecem vivos em mim por tudo o que me ensinaram.

Ao meu filho Paulo, que é e sempre será minha maior motivação, agradeço pelo amor puro e pela paciência diante das ausências inevitáveis ao longo desta jornada.

Ao meu esposo Janderson, por caminhar ao meu lado, e à minha nora, Carmelita pelo constante incentivo, apoio e palavras de encorajamento, que foram fundamentais.

À minha orientadora, professora Maria Cristina, registro minha profunda gratidão pela escuta atenta, pela orientação cuidadosa e pelo respeito às minhas inquietações e caminhos de pesquisa. Sua sensibilidade, competência intelectual e generosidade foram indispensáveis para a construção deste trabalho. Agradeço pela confiança e pela presença firme e serena em cada etapa dessa trajetória.

Agradeço, de forma especial, aos alunos do terceiro ano (3EMTI 3/2025) que participaram ativamente deste estudo, cuja colaboração, interesse e engajamento foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores e colegas do mestrado, meu reconhecimento pelo convívio enriquecedor, pelas trocas de experiências e pelo espírito de colaboração que tornaram esta caminhada menos solitária e mais significativa. Cada encontro, aula e discussão contribuíram para o amadurecimento desta pesquisa.

Aos integrantes do Grupo de História da Educação Matemática (GHEMAT-UFJF), agradeço pelas contribuições teóricas e pelas instigantes reflexões que ampliaram minha compreensão sobre os diversos temas que permearam a minha pesquisa. O pertencimento a esse grupo representou um espaço fértil de aprendizado coletivo, escuta sensível e compromisso com a pesquisa.

Aos amigos e amigas - em especial à professora Nayara Fintelman - que, com paciência e generosidade, estiveram ao meu lado nos momentos mais desafiadores, oferecendo palavras de incentivo, apoio prático e, muitas vezes, um silêncio acolhedor. Expresso, aqui, minha mais profunda gratidão.

E, sobretudo, agradeço a Deus, pela força que me sustentou, pela fé que me guiou e pela graça que me acompanhou em todos os momentos. Em cada passo deste percurso, reconheço Sua presença amorosa, que me conduziu mesmo nos dias mais incertos. A Ele, rendo minha gratidão e louvor.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta dissertação se tornasse realidade, meu muito obrigada!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê” (Schopenhauer, s.n.).

RESUMO

Esta dissertação investiga o ensino de matemática no Gymnasio Leopoldinense, tradicional instituição de ensino localizada em Leopoldina/MG, entre os anos de 1906, data de sua fundação, e 1922. O objetivo deste estudo é analisar os saberes matemáticos ensinados no contexto do referido estabelecimento, com vistas a responder à seguinte indagação: quais matemáticas foram mobilizadas e de que modo contribuíram para a formação da elite mineira no início do século XX? A escolha do recorte temporal e espacial justifica-se pela relevância do Gymnasio ao organizar seus cursos: primário, secundário, normal, técnico e superior em Farmácia e Odontologia, dentro do cenário mineiro pautado na tentativa de constituição de um modelo educacional voltado à distinção social, e, também, na delimitação cronológica de uma das principais fontes analisadas neste estudo — o Ementario da instituição, publicado em 1925. A pesquisa fundamenta-se nos aportes da História Cultural, dialogando com as contribuições teóricas de Peter Burke, André Chervel, Dominique Julia e Roger Chartier, especialmente no que tange às noções de disciplina escolar e cultura escolar e, também, em Jacques Le Goff, ao tratar dos temas memória e espaços de memória. O *corpus* documental é composto pelo *Ementario do Gymnasio Leopoldinense*, pela análise de matérias publicadas na Gazeta Leopoldinense e por livros didáticos utilizados no período, com destaque para as obras de Olavo Freire e Antônio Trajano. A metodologia adotada é a pesquisa histórica, ao construir representações, priorizando a análise interpretativa das fontes. Os resultados revelam a presença de um ensino de matemática marcado por práticas que valorizavam o método intuitivo e os saberes disciplinares organizados em torno de uma proposta formativa voltada à racionalidade e à ordem, elementos fundamentais à formação de uma elite intelectual e social. Através dos vestígios encontrados — como a monumentalidade física do edifício, os espaços de aprendizagem oferecidos, os métodos pedagógicos adotados e, também, o alinhamento do currículo, mediante as equiparações às Escolas Normais Oficiais e ao Colégio Pedro II — essa matemática escolar, ao ser institucionalizada no Gymnasio Leopoldinense, tornou-se um instrumento pedagógico de seleção e distinção, contribuindo significativamente para a legitimação de um projeto educacional que visava preservar e reforçar a hierarquia social vigente.

Palavras-chave: História da Educação Matemática; Saberes matemáticos; Ginásio Leopoldinense.

ABSTRACT

This dissertation examines the teaching of mathematics at *Gymnasio Leopoldinense*, a traditional educational institution located in Leopoldina, Minas Gerais, between 1906 (the year of its foundation) and 1922. The study aims to analyze the mathematical knowledge taught at this institution, seeking to answer the following question: Which forms of mathematics were mobilized, and how did they contribute to the formation of the Minas Gerais elite in the early 20th century? The chosen timeframe and geographical scope are justified by the significance of *Gymnasio Leopoldinense*, which offered primary, secondary, teacher training, technical, and higher education courses in Pharmacy and Dentistry. This selection reflects both the regional context—marked by efforts to establish an educational model geared toward social distinction—and the chronological boundaries of one of this study's key sources: the institution's *Ementário* (Curriculum Guide), published in 1925. The research is grounded in Cultural History, engaging with theoretical contributions from Peter Burke, André Chervel, Dominique Julia, and Roger Chartier—particularly their concepts of school discipline and school culture—as well as Jacques Le Goff's reflections on memory and sites of memory. The documentary corpus comprises *Gymnasio Leopoldinense*'s *Ementário*, articles published in *Gazeta Leopoldinense*, and mathematics textbooks used during the period, with emphasis on works by Olavo Freire and Antônio Trajano. The methodology follows historical research principles, constructing representations through interpretive analysis of sources. The findings reveal mathematics education characterized by practices that prioritized the intuitive method and disciplinary knowledge structured around a formative proposal centered on rationality and order—key elements in shaping an intellectual and social elite. Traces found in the physical monumentality of the building, the learning spaces provided, the pedagogical methods adopted, and the curriculum's alignment with official benchmarks (such as *Escolas Normais Oficiais* and *Colégio Pedro II*) demonstrate that, once institutionalized at *Gymnasio Leopoldinense*, school mathematics became a pedagogical tool for selection and distinction. Ultimately, it played a significant role in legitimizing an educational project designed to preserve and reinforce the prevailing social hierarchy.

Keywords: History of Mathematical Education; Mathematical knowledge; Leopoldinense Gymnasium.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Foto do Laboratório de Pharmacologia	41
Figura 2	- Foto dos ensinos dispensados ao Aprendizado Agrícola.....	42
Figura 3	- Foto do Prédio da “Pharmacia Central”, que deu origem ao Gymnasio Leopoldinense	45
Figura 4	- Foto do Gymnasio Leopoldinense em seu início de funcionamento	46
Figura 5	- Foto do Gymnasio Leopoldinense na atualidade	49
Figura 6	- Foto do Diretor (José Botelho Reis) e corpo Docente do Gymnasio Leopoldinense	51
Figura 7	- Foto do Gabinete de Physica	56
Figura 8	- Foto do Museu de História Natural.....	57
Figura 9	- Foto do Laboratório de Chimica	58
Figura 10	- Foto dos materiais remanescentes dos laboratórios do GL do início do século XX	59
Figura 11	- Fotos de outros objetos remanescentes do acervo.....	60
Figura 12	- Foto da “Parte Geral” do Ementario	62
Figura 13	- Foto de um dos Tópicos da Parte Geral	62
Figura 14	- Foto da contracapa do Ementario	64
Figura 15	- Foto do Professor e Diretor José Botelho Reis	64
Figura 16	- Foto das bases orgânicas do curso: da instrução e do regime escolar	67
Figura 17	- Poema “Gymnasio Leopoldinense No dia de sua Inauguração”	69
Figura 18	- “HYMNO Da Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense”	70
Figura 19	- Foto de um dos tópicos da Parte Geral: “GYMNASIO LEOPOLDINENSE”	70
Figura 20	- Foto de um dos tópicos da Parte Geral: “Impressões de Leopoldina” ..	72
Figura 21	- Foto de um dos tópicos da Parte Geral: “DO LIVRO DE VISITAS DO GYMNASIO LEOPOLDINENSE”	73
Figura 22	- Foto da Matriz Curricular da Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense	76
Figura 23	- Foto da “Gazeta de Leopoldina” em 10/06/1906.....	79
Figura 24	- Fotos de exemplares (compilados) do jornal a Gazeta de Leopoldina.	80
Figura 25	- Foto das instruções para os uniformes dos estudantes	83
Figura 26	- Foto da primeira matrícula efetuada no Gymnasio Leopoldinense	83

Figura 27	- Foto dos livros disponíveis para compra na Livraria da Gazeta.....	85
Figura 28	- Foto da nomenclatura das cadeiras 2 e 6	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Fontes da Revisão Bibliográfica.....	31
Quadro 2	- Cursos presentes no “Gymnasio Leopoldinense”	74
Quadro 3	- Regulamento do “Gymnasio Leopoldinense”, com as disciplinas do 1º ao 3º Anos (novembro de 1906).....	88
Quadro 4	- Regulamento do “Gymnasio Leopoldinense”, com as disciplinas do 4º ao 6º Anos (novembro de 1906).....	89
Quadro 5	- Quadro sobre os ensinos da 2ª Cadeira, do 1º Anno (Arithmetica) ...	93
Quadro 6	- Quadro sobre os ensinos da 2ª Cadeira, do 2º Anno (Geometria).....	94
Quadro 7	- Quadro sobre os ensinos da 2ª Cadeira, do 3º Anno (Arithmetica Commercial e Escripuração Mercantil).....	95
Quadro 8	- Quadro sobre os ensinos da 6ª Cadeira, do 1º Anno (Desenho)	96
Quadro 9	- Quadro sobre os ensinos da 6ª Cadeira, do 2º Anno.....	97
Quadro 10	- Quadro sobre os ensinos da 6ª Cadeira, do 3º Anno.....	97
Quadro 11	- Quadro sobre os saberes identificados no Curso Primário e no Curso Normal.....	112
Quadro 12	- Quadro sobre os saberes identificados no Curso Secundário e no Curso Normal.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EBRAPEM	Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática
F.I.C	Frères de l’instruction Chrétienne
GHEMAT	Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática
GL	Ginásio Leopoldinense
RSL	Revisão Sistemática de Literatura
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
1 EMTI 4	Turma do 1º Ano do Ensino Médio em Tempo Integral, 4ª turma
2 EMTI 4	Turma do 2º Ano do Ensino Médio em Tempo Integral, 4ª turma
3 EMTI 3	Turma do 3º Ano do Ensino Médio em Tempo Integral, 3ª turma

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	17
1	CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	21
1.1	PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES.....	21
1.2	A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	24
1.3	LEVANTAMENTO DAS FONTES.....	26
2	REVISÃO DE LITERATURA	29
3	O GYMNASIO LEOPOLDINENSE E OS ENSINOS DA MATEMÁTICA	39
3.1	A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO CONTEXTO LOCAL E NACIONAL.....	43
3.2	A ESCOLA POR ELA MESMA	51
3.3	O ENSINO E OS MÉTODOS UTILIZADOS NA ESCOLA.....	53
3.3.1	O Método Intuitivo	53
3.4	AS MATEMÁTICAS PRESENTES NA ESCOLA ENTRE 1906 E 1922.....	61
3.4.1	O <i>Ementario</i> da Escola – Primeiras Análises	61
3.4.2	O <i>Ementario</i> da Escola: indícios das matemáticas presentes	73
3.4.3	A <i>Gazeta de Leopoldina</i> e as matemáticas no Gymnasio Leopoldinense entre 1906 e 1922	78
3.5	ENFIM... O QUE PODEMOS DIZER SOBRE AS MATEMÁTICAS NO GYMNASIO LEOPOLDINENSE ENTRE 1906 E 1922?	101
3.5.1	Análise Comparativa dos saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense	111
4	REFLEXÕES FINAIS SOBRE O ENSINO DE MATEMÁTICA NO GYMNASIO LEOPOLDINENSE	116
	REFERÊNCIAS	123
	ANEXO A - Decreto de equiparação da Escola Normal às Escolas Normais Oficiais	128
	ANEXO B - Decreto de equiparação do Gymnasio Leopoldinense ao Gymnasio Nacional	129
	ANEXO C - Resumo estatístico da matrícula nos cursos primário, secundário do Gymnasio Leopoldinense, de 1906 a 1922	130
	ANEXO D - Resumo estatístico da matrícula na Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense	131

ANEXO E - Resumo estatístico da matrícula no curso de Pharmacia de 1913 a 1922.....	132
ANEXO F - Resumo estatístico da matrícula no Curso de Odontologia	133

INTRODUÇÃO

A quase totalidade de minha vida escolar aconteceu em instituições públicas de ensino, do Ensino Fundamental ao Médio. Foi no Ensino Fundamental II, em 1978, que ingressei na Escola Estadual Professor Botelho Reis ou ginásio – denominação esta alusiva ao Gymnasio Leopoldinense, remontando à sua fundação, em 1906. A maioria das pessoas refere-se dessa forma a essa instituição de ensino.

Até o Ensino Médio, o contato com o ensino de Matemática, ministrado por educadores de referência na localidade, despertou-me a paixão pelo conhecimento e propiciou-me o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas ao conteúdo. Essa paixão ultrapassou o tempo, levando-me ao ensino superior, com a licenciatura em Matemática, uma especialização em Fundamentos da Matemática e outra em Didática do Ensino Superior.

Antes de concluir minha graduação, em 1988, fui convidada a ministrar aulas de Matemática e Estatística numa instituição particular de ensino, onde consolidei minha escolha pela carreira docente. Como professora de Matemática, algumas inquietações sobre o quanto era desafiador ensinar, como ocorria a aprendizagem dos conteúdos pelos estudantes, como compreender o erro e tê-lo como recurso importante para a aprendizagem, e também a aversão que muitos estudantes tinham à disciplina, dentre outras, instigaram-me a buscar – desde cedo – nos estudos complementares, uma base teórica e didático-metodológica para fortalecer minha formação, o que viria impactar diretamente a minha prática docente.

A partir de 1994, comecei a atuar como professora de Matemática e Física nas escolas públicas estaduais do município de Leopoldina, onde resido. Em 2002, através de concurso público estadual, efetivei-me em dois cargos para o ensino de Matemática.

Em 2016, fui convidada pela direção da Escola Estadual Professor Botelho Reis, onde lecionava e ainda mantenho meu vínculo profissional, a assumir a coordenação do Ensino Médio em Tempo Integral e, posteriormente, em 2019, a coordenação da área de Matemática onde permaneci até 2023, ano em que ocorreu a extinção do cargo, por mudanças na política educacional estadual, via Documento Orientador para as Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

Enquanto coordenadora da área de Matemática, estabeleci e construí objetivos organizacionais e pedagógicos; favoreci discussões e reflexões; orientei os

professores sobre o planejamento das aulas de Matemática; ampliei minha experiência profissional, lidando com os problemas do ensino e da aprendizagem da disciplina. Além disso, busquei estratégias, junto aos colegas de área, para melhoria dos índices das avaliações externas, tão cobrados pela Secretaria Estadual de Educação. Assim compreendi a importância de realizar pesquisas e de buscar embasamento teórico sólido como forma de minimizar as dificuldades e incertezas que permeiam a prática cotidiana. E pude contribuir para o aprimoramento do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, ou seja, da atividade docente.

Com a pandemia e aulas no modo remoto, tive a oportunidade de refletir ainda mais sobre essas questões: estudei e participei de congressos, simpósios e seminários, encontrando algumas respostas e caminhos prováveis na Educação Matemática. Através de leituras e discussões e uma análise sob perspectiva histórica, ao discutir a matemática na escola – conforme aponta Valente (2016) –, enveredamos por vertentes diversas: seja para ensinar conteúdos matemáticos ou com finalidade didática da aprendizagem (nossa prática diária) ou quando nos assumimos como matemáticos, dentre outros posicionamentos. O importante, ele afirma, é a “realização de um esforço” para a presença dela – a matemática – na escola, ou seja, colocá-la em evidência. Nós, professores, fazemos “esses movimentos” – sob ópticas diversas, todos os dias.

Em 2021, comecei a participar do Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática (Ghemat), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), coordenado pela minha orientadora, Maria Cristina Araújo de Oliveira, o que muito favoreceu o aprofundamento de temas ligados à educação matemática. Nas linhas iniciais deste estudo, insiro-me oficialmente no campo da pesquisa acadêmica.

Através do livro *Da realidade à ação: Reflexões sobre Educação e Matemática*, de Ubiratan D'Ambrosio (1986), aprofundei-me nas questões que traziam inquietações em minha prática docente, tais como: por que estudar e ensinar Matemática, que Matemática estava sendo ensinada na América Latina, e como esse estudo e ensino se apresentam com influência direta na melhoria da qualidade de vida dos estudantes? Algumas temáticas, como disciplina, currículo, ensino, aprendizagem, relações de poder, escola pública *versus* privada, educação básica, formação de professores e outros questionamentos, levaram-me ao Mestrado Profissional em Educação Matemática – uma meta que pretendia ser conquistada – e nele ingressei, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em março de 2022.

A partir de minha participação no grupo Ghemat – UFJF, em que as discussões diversas sobre história da educação matemática, saberes profissionais e formação de professores compõem-se em prioridades de preocupação e debates e, aproveitando minha atuação enquanto coordenadora de área, minha pesquisa inclinou-se para o campo dos saberes profissionais e formação docente.

Este estudo seria direcionado aos professores que ensinam matemática e outras disciplinas afins, buscando evidenciar as relações entre formação, saberes e prática docentes, tendências temáticas em pesquisa internacional em educação matemática, segundo Kilpatrick (1994 *apud* Fiorentini; Lorenzato, 2006). Esta pesquisa, ainda em andamento, foi apresentada no XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (EBRAPEM), em Vitória, no Espírito Santo, em outubro de 2023. Ao explicitar, dentro dos moldes do referido congresso, as bases de minha pesquisa, a observação e a intervenção de um dos pares, em consonância com minha orientadora, “falou mais alto” a referência sobre a história da escola na qual trabalho: completava 118 anos em 2024, e era grande sua importância no cenário educacional da região da Zona da Mata e de Minas Gerais. Ademais, considerou-se a evidência – encontrada após um levantamento das fontes – de que essa criação da escola carregava um projeto ainda maior, pensado pelos seus fundadores, os irmãos José Monteiro Ribeiro Junqueira, advogado, e Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira, médico.

A fundação do Ginásio Leopoldinense marca na história de Leopoldina o início brilhantíssimo de uma nova e fecunda época, que jamais será olvidada pelo povo desta parte rica e florescente do Estado de Minas Gerais. Na estagnação dolorosa em que debatia Leopoldina, há sete anos passados, surgiram, como uma consoladora esperança, os vultos eminentes e altamente queridos dos Drs. José Monteiro Ribeiro Junqueira e Custódio Junqueira, possuidores de energia inquebrável, de uma vontade indomável, e levantaram, com assombro, dos cépticos e descrentes, a idéia da criação de um estabelecimento que fosse viveiro de homens dignos e superiormente instruídos. Foi uma passada agigantada, um, empreendimento que parecia acima dos recursos existentes nesta cidade simples e modesta e que tendia a abismar uma decadência próxima e inevitável. Ao ser lançada tão patriótica quão humanitária idéia, houve o espanto de alguns, que já a julgavam perdida ou irrealizável e previam a sua ruína na asfixia da materialidade brutal, que às vezes costuma levar de vencida, esmagando, os ideais mais puros e elevatados (Nogueira, 2011, p.73).

O legado que esta escola deixou e ainda deixa, ao longo de sua existência, provocou um novo olhar para minha pesquisa. A partir desse congresso - marco da mudança e redirecionamento deste estudo, cujo atual objetivo consiste em aprofundar-se nos ensinamentos presentes nessa instituição e elaborar uma representação sobre eles -, surgiu minha nova questão de pesquisa: quais saberes matemáticos estiveram presentes nesta instituição, o *Gymnasio Leopoldinense*, no período de 1906 a 1922? Para responder a esta pergunta, buscamos encontrar vestígios “das matemáticas” presentes nessa escola e perceber como esses vestígios se alinham à proposta e ao intento de seus idealizadores, ao criar, no início do século XX, esse estabelecimento de ensino – de caráter particular, com a principal finalidade de “[...] facilitar a educação da mocidade, esse magnífico viveiro de futuros cidadãos, aos quais, por uma sucessão lógica e natural das coisas, serão confiados, amanhã, os destinos gloriosos da Pátria” (Reis, 1925, p. IV).

Cabe destacar que a instituição, alinhada a essa proposta pedagógica, ofertava, na época considerada pela pesquisa, todos os níveis de ensino — do primário ao superior —, assegurando o acesso àqueles que desejassem adentrar seus espaços formativos.

Assim, as incursões ao acervo documental da escola, uma das primeiras ações para o posterior encontro do documento histórico *Ementario* (*Ementario do Gymnasio Leopoldinense*, volume 1, 1906-1922), possibilitaram apresentar, no recorte temporal explicitado na minha questão norteadora, toda a rotina da escola: matrícula de alunos, notas em cursos preparatórios, relação de professores, cursos ofertados e suas respectivas autorizações de funcionamento, relação de disciplinas de cada curso. Esse documento constituir-se-á no guia inicial e principal desta pesquisa, para compreender as matemáticas presentes nessa instituição de ensino.

Ao desenvolver este estudo, optamos por manter a grafia e a nomenclatura utilizadas à época, tal como aparecem nas fontes consultadas, incluindo o nome original da instituição, as denominações das disciplinas e demais termos recorrentes ao longo desta pesquisa. Preservando a grafia original, respeitamos a materialidade das fontes, valorizando os vestígios simbólicos que ajudam a compreender a lógica interna desse universo escolar. No entanto, nas futuras reflexões e análises, utilizaremos a grafia atualizada dos vocábulos para garantir uma maior clareza e fluidez aos textos.

1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

1.1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, a partir da exposição do referencial teórico-metodológico, iremos discorrer sobre as ideias e conceitos dos autores que dão embasamento a essa investigação e elaborar reflexões da pesquisadora sobre esses referenciais.

A partir dos estudos da História Cultural, há um despertar nos futuros historiadores, ao defender uma tese, para uma abordagem que leve a cultura para além do fazer humano, como condição do fazer existir e estar no mundo em diferentes temporalidades e territórios geográficos (Burke, 2008).

embora não possamos esperar que os historiadores culturais resolvam todos os problemas contemporâneos, o estudo da história cultural deveria permitir às pessoas pensar sobre algumas dessas questões de maneira mais lúcida. (Burke, 2008, p. 180).

Tal afirmação permite que nós, pesquisadores – “buscadores” de ideias e fatos –, nos apoiemos nessa grande tarefa que é produzir informações que conectem os seres, fazendo-os refletir, não sobre um modelo, uma corrente, mas sobre o quão importante é valorizar a memória e a história de tudo (espaço, objetos, pessoas, cotidiano, ações, reações, dentre outros).

Para Valente (2022), na pesquisa histórica, o pesquisador precisa apropriar-se de ferramentas para dar respostas à sua problemática. Ao optarmos pela História Cultural, compreendemos que “a História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1988, p. 16-17).

É precisamente esse olhar que articula as investigações aqui examinadas, ainda que tratem de temas distintos. Todos eles se inserem na perspectiva da História Social e Cultural, ao evidenciar processos sociais, representações culturais e conflitos — sejam eles políticos ou subjetivos — vivenciados por sujeitos comuns em contextos históricos específicos.

O pesquisador, ao compreender o objeto de pesquisa sob a ótica da História Cultural, deve na sua tarefa: “[...] propor a inteligibilidade mais adequada possível de um objeto, um *corpus*, um problema” (Chartier, 2002, p.10).

Para desenvolver esta pesquisa, iremos analisar, inicialmente, os documentos que compõem o acervo da Escola Estadual Professor Botelho Reis – matrículas, notas de avaliações, de exames preparatórios, matriz curricular, professores de matemática, cursos oferecidos –, a fim de sistematizar uma narrativa histórica sobre os saberes matemáticos ofertados pela escola, no recorte temporal de 1906 a 1922. Tais documentos se constituem em fontes históricas para nossa pesquisa.

‘Fonte Histórica’ é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são a marca da história. Quando um indivíduo escreve um texto ou retorce um galho de árvore de modo a que sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos esses momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural (Barros, 2019, p.1, grifo nosso).

Essas interpretações, que serão produzidas por essa análise documental, demonstram a importância desta escritura denominada desdobrada:¹ “a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor” (Certeau, 1975 *apud* Chartier, 2009, p. 15).

A noção de representação, conforme trabalhada por Roger Chartier (1988), oferece um instrumental teórico valioso para a análise das práticas escolares, especialmente quando se trata de investigar como determinados saberes são

¹ Com Reinhart Koselleck (1998), de Certeau foi, sem dúvida, o historiador mais atento às propriedades formais do discurso histórico, colocado e diferenciado dentro da classe dos relatos. Demonstrou como a escritura da história, que supõe a ordem cronológica, o fechamento do texto e o recheio dos interstícios, inverte o procedimento, da investigação, que parte do presente, que poderia não ter fim e que se confronta sem cessar com as lacunas da documentação. Demonstrou também, que diferentemente dos outros relatos, a escritura da história está desdobrada, folheada, fragmentada: “coloca-se como historiográfico o discurso que ‘compreende’ seu outro - a crônica, o arquivo, o documento -, quer dizer, aquilo que organiza folheado, do qual uma metade contínua, se apóia sobre outra, disseminada, e assim dá o poder de dizer o que a outra significa sem a saber.” [...]” (De Certeau, 1975 *apud* Chartier, 2009, p. 14).

concebidos, organizados e legitimados socialmente em um dado contexto histórico. Para Chartier, as representações não são apenas reflexos da realidade, mas produções culturais que moldam as formas pelas quais os sujeitos percebem e interpretam o mundo. Assim, ao estudar o ensino de matemática no *Gymnasio Leopoldinense* entre 1906 e 1922, compreendê-lo como uma representação permite situar esse ensino dentro de um sistema mais amplo de significações, práticas escolares e disputas simbólicas, evidenciando o papel da escola na construção de uma determinada imagem da matemática como saber escolar.

Nesse sentido, a abordagem das representações não se restringe à análise de conteúdos curriculares ou à adoção de métodos pedagógicos, mas busca compreender como o saber matemático foi construído, transmitido e apropriado em meio a estratégias institucionais e expectativas sociais. A matemática ensinada no *Gymnasio* não é entendida apenas como um conjunto de conhecimentos neutros, mas como um saber atravessado por valores, normas e objetivos que refletem uma determinada ordem cultural. A representação do ensino matemático, portanto, revela não apenas o que se ensinava, mas como esse ensino contribuía para formar uma elite intelectual e social, alinhada aos projetos educacionais e políticos da Primeira República.

Para Valente (2013), foi-se o tempo no qual a escrita histórica devia ser tratada como um retrato do passado, uma cópia fidedigna dele. A história, nessa perspectiva, passa a ser uma maneira de representar o passado, que deve ser enunciada por uma narrativa. Muito mais do que coletar dados daquilo que se passou noutros tempos e descrevê-los fielmente, tal como foram encontrados, o historiador precisa construir sua narrativa - à semelhança de um artesão que, ao reunir e organizar retalhos de tecido, transforma-os em uma colcha de retalhos, fruto do seu ofício, de “fazer arte”.

Quando se ultrapassa a ideia de que a história não é uma cópia do que ocorreu no passado, mas sim uma construção do historiador, a partir de vestígios que esse passado deixou no presente, passa-se a tratar a *história como uma produção*. Será ofício do historiador, **produzir fatos históricos apresentando-os sob forma de uma narrativa** (Valente, 2013, p. 25, grifo nosso).

Essas afirmações apontam para uma concepção de história enquanto prática discursiva, na qual o historiador atua como mediador entre os vestígios do passado e a escrita do presente. Essa perspectiva, fundamental à História Cultural, permite

compreender que a análise dos saberes matemáticos e dos ensinamentos no Ginásio Leopoldinense, entre 1906 e 1922, não se limita à simples recuperação de dados, mas envolve a construção de uma narrativa que dê inteligibilidade às práticas escolares daquele período, considerando seus sentidos sociais, culturais e políticos.

1.2 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Pensado, primeiramente, como uma investigação que relaciona a formação de professores que ensinam matemática e sua atuação docente, especificamente sob o enfoque da geometria analítica, o estudo iniciado a partir de minha atuação enquanto professora e coordenadora da área de matemática da Escola Estadual Professor Botelho Reis – o Ginásio Leopoldinense – sofreu uma mudança de abordagem, a partir de minha participação, juntamente com minha orientadora, professora Maria Cristina Araújo de Oliveira, no XXVII EBRAPEM, na cidade de Vitória, em outubro de 2023, evidenciada pela observação dos pares na apresentação de meu projeto de pesquisa intitulado: *Saberes profissionais relativos ao ensino de Geometria: formação e atuação docentes* (considerações iniciais).

Após a apresentação, baseada ainda nas observações e sugestões dos colegas participantes, evidenciou-se, imediatamente, uma possível troca de enfoque na pesquisa, uma vez que a referida escola apresenta um manancial de informações – em seu acervo histórico documental centenário – que possibilitou esse olhar diferenciado, mais aguçado e crível sobre a importância histórica dessa instituição de ensino no cenário educacional da região, do estado e do País, sendo, no início do século XX, equiparada à Escola Normal Oficial e ao Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, entidade de grande importância para a educação no Brasil e que conseguiu manter sua excelência acadêmica em dois períodos importantes da história do Brasil, o Império e o início da República, além de se constituir no berço dos pensamentos e ideias sobre a educação matemática, com as ideias de Euclides Roxo.

O Ginásio Leopoldinense passou então por distintos momentos de equiparação de seus cursos, tanto ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, no caso do ensino secundário, como à escola Normal Oficial do Estado de Minas Gerais. A Escola Normal do Ginásio Leopoldinense foi equiparada a esta em 06 de setembro de 1906, pelo decreto n.1942, do então presidente do estado de Minas Gerais, Dr. Francisco Salles. O curso secundário foi equiparado ao Ginásio

Nacional, em 26 de novembro de 1908, pelo decreto n. 7193, e a Faculdade de Farmácia, em 1921 (Oliveira, 2016, p. 74).

Pensando a pesquisa a partir desta nova perspectiva, evidenciaram-se duas dimensões que explicam e contribuem para essa construção do objeto de pesquisa. Uma relacionada à orientação de Maria Cristina Araújo de Oliveira, que torna possível uma investigação sobre os saberes matemáticos presentes no *Gymnasio Leopoldinense*, a partir da história da educação matemática, um dos temas de sua linha de pesquisa, orientação e interesse; e uma outra referente à produção de história da educação no município onde se insere a referida instituição de ensino.

O estudo parte da análise de referências bibliográficas e do diálogo com pesquisadores da história do município de Leopoldina para compreender a construção da história da educação local. O foco recai sobre a formação de uma ideologia educacional implantada pela elite dominante, analisando como esse processo se estruturou no contexto regional e influenciou as instituições de ensino.

Dentro desse panorama, um aspecto específico da investigação se volta para a história da educação matemática. O estudo busca compreender o papel dos saberes matemáticos na consolidação dessa ideologia educacional, observando como os conteúdos matemáticos e suas abordagens pedagógicas contribuíram para reforçar valores e hierarquias sociais no período. Evidenciamos também que optamos por modificar o título deste estudo, que antes era *As matemáticas no Gymnasio Leopoldinense no início do século XX e a formação da elite mineira: 1906 a 1922* e foi substituído por *Saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense no início do século XX e a formação da elite mineira: 1906 a 1922*, em virtude de que os cursos ofertados pelo *Gymnasio Leopoldinense* eram organizados pelos “ramos da matemática”. Antes de se consolidar como uma disciplina escolar unificada, a matemática era ensinada de forma fragmentada, com ênfase em ramos distintos, como a Aritmética, a Álgebra e a Geometria, os quais, com o tempo, foram sendo integrados sob uma mesma estrutura curricular a partir da década de 1930².

Outra escolha que fizemos neste trabalho foi manter a grafia original dos diversos termos abordados, como “*Arithmetica, Ementario, Gymnasio*” ou outros, conforme aparecem no período em análise. Esse registro não representa apenas uma

² Valente discute esse percurso sobre “tratados” ou “ramos matemáticos”, utilizados à época até a unificação da disciplina em sua palestra disponível em vídeo (A MATEMÁTICA, 2021).

opção da forma como se escreve, mas é também uma postura metodológica, destinada a respeitar os marcadores linguísticos e culturais de uma época histórica. Ao manter a grafia e a linguagem originais, pretendemos expor os vestígios do passado, proporcionando uma experiência mais fiel ao universo discursivo e institucional da época e valorizando os sentidos produzidos em contextos diversos.

O recorte temporal de 1906 a 1922 baseia-se, principalmente, no *Ementario do Gymnasio Leopoldinense, volume 1*, publicado em 1925 e que faz parte do acervo da referida escola. Esse documento contém tanto informações subjetivas, como cartas que expressam impressões sobre a cidade de Leopoldina e a instituição de ensino, quanto dados objetivos e quantitativos referentes aos cursos oferecidos, à composição do corpo docente e discente, às matérias e disciplinas elencadas para o ensino e a outros elementos estruturais da escola.

1.3 LEVANTAMENTO DAS FONTES

As fontes, para além da revisão da literatura, foram fundamentais para a construção do objeto de pesquisa, que trata dos saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense, no período de 1906 a 1922, para a concretização de um projeto de dominação da elite local. Sobre isso, Oliveira (2016) afirma que essa instituição funcionava sob regime particular, destinada a uma parcela da população representada pela elite local, o que lhe conferia *status* de distinção social, de conhecimento elitizado e pautado pela busca permanente de uma riqueza científica e cultural, constituindo-se em parte dos anseios desse segmento social.

Entre os documentos obtidos no acervo da escola, destacamos o *Ementario* do Gymnasio Leopoldinense, escrito pelo diretor da instituição à época e que continha detalhes sobre a rotina escolar e administrativa. Também encontramos outros documentos, como registros de matrículas, de movimentação de alunos, atas de resultados, livros de pagamentos de professores e outros colaboradores, além de exemplares do Jornal *A Gazeta de Leopoldina*.

Grande parte desse acervo encontra-se no *hall* dos laboratórios, distribuído em armários e prateleiras, e necessita de organização e catalogação para facilitar o seu manuseio e a obtenção de dados que possam enriquecer a pesquisa atual e aprofundar futuros estudos.

Aproveitando um antigo projeto de valorização dos espaços e o acervo dessa instituição, esta pesquisadora, juntamente com a professora de História, Nayara Fintelman – que se tornou parceira nas etapas de um projeto desenvolvido a partir de uma conversa sobre a participação da pesquisadora no Programa de Mestrado Profissional da UFJF com uma turma de primeiro ano do ensino médio – realizou algumas ações de forma interdisciplinar, o que mais tarde se constituiria em um produto educacional: "*Uma proposta educativa de valorização do acervo escolar como espaço de memória e investigação das práticas matemáticas no Gymnasio Leopoldinense*". Passamos a realizar, quando era viável pelo tempo escolar, em horários duplos (aulas consecutivas) em que estivéssemos disponíveis ou no extraturno, algumas incursões a este espaço – antessala dos laboratórios –, onde se encontram dispostos esses materiais da época, buscando informações que contribuíssem para este estudo sobre os saberes matemáticos no período elencado (1906 a 1922) e o fundamentassem.

Numa dessas visitas aos materiais do acervo, ao encontrarmos alguns exemplares da *Gazeta de Leopoldina*, percebemos que esta publicação trazia uma seção destinada aos assuntos dessa escola e passamos a utilizá-la como fonte. Seu acervo – composto da maioria dos exemplares físicos, também em estado degradado de conservação –, encontra-se na Biblioteca Municipal de Leopoldina, que frequentamos durante alguns meses, para aprofundar algumas ideias referentes à nossa questão de investigação. Ali encontramos grandes dificuldades: os exemplares encontravam-se em avançado estado de deterioração, dispostos de forma desorganizada e com lacunas significativas de determinadas épocas, uma vez que muitas edições estavam ausentes ou em más condições de acesso, o que tornava impossível, muitas vezes, serem manuseados. Mesmo com o uso de luvas e jaleco – obrigatório no espaço –, o simples toque nos materiais fazia com que se fragmentassem, revelando sua fragilidade extrema.

Também destacamos o resgate de memórias, através de conversas informais com ex-professoras da instituição e do contato com familiares de professores que faziam parte do corpo docente na primeira metade do século XX. Fizemos ainda reuniões – no modo virtual – com pesquisadores interessados no estudo da história de Leopoldina, sempre com o objetivo de ampliar conhecimentos acerca da grandiosidade da instituição e dos atores envolvidos em sua organização, quer seja

pedagógica e/ou administrativa, com seus métodos de ensino modernos corroborando o projeto político iniciado e pensado com a sua fundação.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, realiza-se uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), com o objetivo de mapear e discutir os principais estudos sobre o ensino de matemática e a formação educacional da elite em Minas Gerais, particularmente no contexto dos primeiros anos do *Gymnasio Leopoldinense*, entre 1906 e 1922. A pesquisa se situa em um momento de transição e organização institucional do ensino no Brasil, quando as escolas secundárias emergiam como espaços de construção e disseminação de saberes formais, exercendo papel crucial na formação de quadros dirigentes e intelectuais. Este processo, atrelado às especificidades da sociedade mineira e à centralidade do *Gymnasio Leopoldinense*, mostra-se relevante para uma análise que foque tanto na construção do saber matemático quanto no impacto social da educação na configuração de elites regionais. De acordo com o entendimento de Nogueira (2011), a inserção deste estabelecimento de ensino no município de Leopoldina, na Zona da Mata Mineira, buscava resgatar seu passado de glórias no cenário mineiro.

Na segunda metade do século XIX, Leopoldina era um dos polos cafeeiros mais prósperos da Região. Sua produção era escoada para o Rio de Janeiro e, de lá, exportada para outros países. O café contribuiu para a formação de uma elite econômica e política, e proporcionou melhorias urbanas à cidade, como a energia elétrica, a ferrovia, estabelecimentos comerciais e educacionais. A crise do café, ao final do século XIX e princípio do século XX, preocupava essa elite, pois uma nova conjuntura política e econômica delineava-se no País, ameaçando os valores e os ideais particulares oriundos da cafeicultura, gerando a necessidade de um novo ambiente, de uma nova configuração para que o *status* e o poder permanecessem. Assim como o Estado, para Leopoldina urgia uma solução para enfrentamento dessa crise, pois “[...] assiste-se a um processo de edificação de estruturas de pensamento onde a escola é a chave para o “progresso” (Nogueira, 2011, p. 27). E Nogueira completa: “Nesse sentido, a fundação do *Ginásio Leopoldinense*, em 1906, acabaria por se tornar um verdadeiro símbolo onde se depositavam as esperanças das oligarquias e das camadas médias locais com relação ao futuro da cidade” (Nogueira, 2011, p. 72).

Este processo – que é a revisão sistemática de literatura – busca identificar, avaliar e interpretar toda pesquisa disponível e relevante sobre um estudo específico: possibilita uma análise detalhada dos achados e a identificação de lacunas na

literatura; auxilia a construção de novos saberes e a elaboração de perguntas para esta e futuras investigações.

Neste estudo, a RSL buscou mapear e sintetizar a literatura relevante, priorizando artigos, teses e dissertações que abordam o ensino de matemática, os ginásios e os grupos escolares, bem como as finalidades educacionais destinadas às elites da época. Para tal, a pesquisa seguiu as etapas metodológicas descritas por Botelho, Cunha e Macedo (2011), que propõem a definição de critérios de inclusão e exclusão, a seleção das bases de dados, a extração e a análise dos dados e, por fim, a síntese dos achados. A adoção dessa metodologia estruturada é essencial, pois assegura uma visão abrangente das práticas e dos conhecimentos que marcaram a trajetória do ensino de matemática no *Gymnasio Leopoldinense*, ao mesmo tempo que possibilita a análise das transformações curriculares e metodológicas em consonância com o contexto histórico e social da época. Para essa empreitada, os artigos, as dissertações e as teses foram analisados a partir de seus resumos e lidos na íntegra, quando as exposições se mostraram relevantes e produtivas para o encaminhamento da pesquisa.

A perspectiva teórica da História Cultural, pautada em autores como Burke (2008) e Chartier (1988), complementa o arcabouço metodológico, ao enfatizar a relevância da cultura escolar e das disciplinas no processo de formação das identidades e na construção dos saberes formais (Chervel, 1990; Julia, 2001).

Dessa forma, esta revisão sistemática não apenas busca responder à questão central – Que saberes matemáticos estiveram presentes nos ensinamentos do *Gymnasio Leopoldinense*, de 1906 a 1922? –, mas também examina as relações entre o saber matemático e os processos de distinção social e mobilidade que caracterizaram o ideário de formação de uma elite local mineira nesse período.

Dessa maneira, este capítulo propõe uma revisão criteriosa e fundamentada dos principais trabalhos acadêmicos relacionados ao tema, guiada por um processo de análise minucioso que visa contribuir para o avanço do conhecimento sobre a história da educação matemática e suas implicações na configuração social do início do século XX em Minas Gerais, nessa instituição de ensino centenária e ímpar e nesse recorte temporal. Esta análise busca encontrar trabalhos que conversam e se alinham a esta pesquisa e também perceber o quanto podem agregar e contribuir com o desenvolvimento deste estudo.

Fizemos um levantamento a partir das plataformas digitais: [<http://bdtd.ibict.br/>] e [www.scielo.org], e as palavras-chave escolhidas foram: ensinos, matemática, recorte temporal: 1906 a 1922 e grupos escolares e ginásios. A seguir justificamos a escolha de cada uma delas, lembrando que foram inseridas nas plataformas de pesquisa juntas, separadas por vírgula, e na ordem apresentada a seguir:

1. Ensinos: apresenta caráter abrangente, permitindo analisar não apenas a disciplina, mas também os métodos pedagógicos e outros aspectos que, organizados em práticas, refletiam valores e intencionalidades da sociedade;
2. Matemática: o termo foi selecionado por se tratar do objeto central desta pesquisa, permitindo a articulação com os materiais didáticos dispensados, os currículos oficiais e as representações sociais da disciplina no contexto da Primeira República;
3. Recorte temporal: 1906 a 1922: esse recorte corresponde a um período de consolidação dos ginásios como instituições educacionais e também se relaciona ao delineamento das atividades da instituição pesquisada, através da fonte principal dessa pesquisa – *Ementario do Gymnasio Leopoldinense*;
4. Grupos escolares e ginásios: a criação dos grupos escolares e sua expansão estavam alinhadas às reformas educacionais que buscavam modernizar a instrução pública no Brasil. Os ginásios representavam a principal via de acesso à educação secundária e superior no País.

O resultado dessa revisão, baseada nas palavras-chave, levou-nos a selecionar dentre os trabalhos encontrados – artigos, dissertações e teses – cinco trabalhos relacionados no Quadro 1.

Quadro 1 - Fontes da Revisão Bibliográfica

	Título	Ano	Autor (es)	Tipo
1	<i>D. Pedro II e a Matemática: interesses, mestres e estudos</i>	2022	Flávia dos Santos Soares e João Bosco Pitombeira Fernandes de Carvalho	Artigo
2	<i>Cotidiano e Práticas</i>	2008	Andréia Dalcin	Tese

	<i>Salesianas no Ensino de Matemática entre 1885 e 1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus São Paulo: construindo uma história</i>			
3	<i>Entre o Ensino Ativo e a Escola Ativa: os Métodos de Ensino de Aritmética nos Grupos Escolares Catarinenses (1910-1946)</i>	2016	Thuysa Schlichting de Souza	Dissertação
4	<i>A Escolarização da Matemática nos Grupos Escolares Paraenses (1899-1930)</i>	2017	Francisca Janice dos Santos Fortaleza	Dissertação
5	<i>Do Ginásio para as Escolas Normais: as Mudanças na Formação Matemática dos professores do Paraná (1920-1936)</i>	2015	Iara da Silva França	Dissertação

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Os critérios de exclusão consideraram que: os trabalhos ora apresentavam foco em períodos distintos do escolhido para essa pesquisa, sem subsídios relevantes para o entendimento do contexto analisado; ora abordavam apenas a evolução dos conceitos matemáticos, sem considerar o ensino e a circulação no ambiente escolar; ou, ainda, apresentavam fatos históricos ou cronologias sem análise teórica e metodológicas alinhadas à História Cultural e não poderiam contribuir, de forma significativa, para o encaminhamento deste estudo.

Estabelecemos essas análises de exclusão pela leitura dos resumos desses trabalhos. Quando, ao contrário, encontramos alguma ideia que pudesse fundamentar

teoricamente e/ou metodologicamente nossa pesquisa, ou nos instigasse a partir de uma frase ou reflexão, fazíamos uma leitura um pouco mais detalhada de seções importantes e ou do trabalho em sua totalidade.

O artigo de Soares e Carvalho (2022) permite compreender os modos e os métodos de um modelo de educação proposto para um dos membros da família real, na pessoa do Imperador Pedro II. Saber da história de seus mestres e suas formações acadêmicas, as obras utilizadas e o que se pretendia com essa tarefa de educar, pode esclarecer sobre a educação que se pretendia proporcionar ao educando, nesse caso, o futuro imperador, e pensar além: quais processos se estabeleceram e/ou foram propostos (finalidades educacionais) pelos sujeitos envolvidos com a criação do Gymnasio Leopoldinense? O que se pretendia de um estudante do GL, em termos de cultura escolar, é uma indagação importante. Também é relevante encontrar indícios que possam enriquecer, trazer dados importantes e caminhos diversos para o desenvolvimento deste estudo.

Na tese de Dalcin (2008), múltiplos elementos se encontram em conformidade com este trabalho, pois sua prioridade é investigar as práticas pedagógicas relativas aos ensinamentos matemáticos em um estabelecimento de ensino de São Paulo - o Colégio Liceu Coração de Jesus - atreladas a uma orientação religiosa, a salesiana.

Este presente estudo também analisa esses ensinamentos e, embora sem as influências religiosas que visavam formar um cidadão de modo a contribuir para a sociedade baseado em princípios cristãos, procura entender como as disciplinas, dentro de uma realidade escolar específica pode ou não contribuir para a manutenção de um ideário econômico, político e social de perpetuação no poder e inserção nas altas esferas. “O futuro de Leopoldina dependerá do GYMNASIO LEOPOLDINENSE, de onde inevitavelmente sahirão as porvindouras gerações, que terão que **dirigir os seus destinos, de alevantar a intellectualidade deste municipio e da Patria**” (Reis, 1925, p. 2, grifo nosso).

Enquanto os ensinamentos matemáticos no Liceu serviam a um propósito moral, os do Gymnasio Leopoldinense parecem evidenciar um caráter acadêmico, de excelência, como forma de distinção; e um outro, de caráter técnico e de ofício, para os vários setores de serviços que demandavam essas habilidades.

O aprendizado Agrícola do Gymnasio Leopoldinense, fundado e mantido pelo Gymnasio Leopoldinense, tem por fim formar

trabalhadores aptos para os diversos serviços da lavoura, de acordo com as modernas praticas agronomicas (Reis, 1925, p. 138).

Um outro aspecto que influenciou nosso aprofundamento, para além dos resumos, foi a “coincidência” na escolha, pelos pesquisadores, dos objetos de pesquisa – os ensinamentos matemáticos – em duas instituições grandiosas, de arquitetura imponente e de grande destaque: O Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, e o Gymnasio Leopoldinense, na Zona da Mata Mineira.

Dentre as várias obras salesianas optei por estudar o Liceu Coração de Jesus em São Paulo por questões inicialmente circunstanciais. Lecionei de 2001 a 2004 no Centro Universitário Salesiano de São Paulo, cujo prédio é o mesmo onde durante o dia o colégio funciona. A arquitetura do prédio desde a primeira vez que lá estive me chamou a atenção. A grandiosidade do espaço, a suntuosidade da Igreja do Sagrado Coração, os corredores, as imagens, a biblioteca... enfim, algo que não é possível explicar aguçou minha curiosidade de imediato (Dalcin, 2008, p. 4).

O Gymnasio Leopoldinense também se apresenta como uma construção imponente, com colunas em estilo neoclássico, salas diversas, laboratórios bem equipados, quartos de banho e de dormir, refeitório, ou seja, uma obra para impressionar e se estabelecer como templo de saber e de distinção no imaginário da sociedade mineira.

Um outro ponto importante é a fundamentação teórica que se alinha aos dois trabalhos, com Burke, Michel de Certeau, Chartier, Dominique Julia e André Chervel. A História Cultural serve de forte apoio, ao analisar as práticas educacionais e os significados que se atribuem ao ensino de matemática em diferentes contextos, assim como as práticas e as representações. Analisar, em Dalcin (2008), o papel dos currículos no Liceu (especificamente o da matemática) e refletir sobre a sua tarefa de formar moralmente e religiosamente os estudantes, pode trazer para esta pesquisa indicativos de como o currículo matemático, em se tratando do Gymnasio Leopoldinense, priorizava um projeto formativo voltado às elites a partir do entendimento de que as disciplinas escolares e a cultura escolar se caracterizam como construções sociais e culturais inerentes e inseparáveis das finalidades educacionais pensadas, adaptadas e difundidas.

Cabe destacar um aspecto relevante: assim como este estudo - ainda que com diferenças quanto ao tipo de acervo e ao foco da análise -, o trabalho de Dalcin (2008)

também se utiliza de fontes primárias e registros escolares como base investigativa. Há mais de uma via de cruzamento entre os dois trabalhos. Citamos a primeira delas: a construção de uma narrativa.

Ela nos lembra ainda das dificuldades e dos desafios propostos ao historiador que busca tecer essas narrativas:

Investigar as práticas escolares no cotidiano de uma instituição escolar como o Liceu Coração de Jesus constitui-se num desafio, na medida em que temos uma série de dificuldades de diferentes naturezas, tanto teórico-metodológicas **como de acesso a documentos e constituição de fontes**. A distância temporal inviabiliza o relato oral de pessoas que viveram o período estudado, a escassez de documentos impressos ou, quando existem, exigem um árduo trabalho de levantamento, de arquivamento e de análise (Dalcin, 2008, p. 8, grifo nosso).

Também encontramos estes e outros desafios: natureza do acesso, materiais muito deteriorados e não catalogados, bem como sua escassez, o que se deve, primeiramente, a sua distância temporal.

No texto de Dalcin (2008), encontramos a segunda convergência: as relações sociais que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos no processo:

Após estudos da educação salesiana, optei por centrar a problemática da pesquisa na busca de conhecer como se desenvolveu o ensino da matemática no interior da escola Liceu Coração de Jesus de São Paulo nos seus primeiros 44 anos com a perspectiva de compreender as relações sociais, culturais e principalmente as práticas cotidianas escolares, os modos de fazer, que caracterizam tal instituição (Dalcin, 2008, p. 5).

Assim, com a escolha de Dalcin pelo marco temporal – o início das atividades do Liceu –, nosso estudo também foca nos primeiros anos de atividades do Gymnasio Leopoldinense, possibilitando um provável entendimento de suas finalidades educacionais no momento de sua fundação, fato este que, talvez, possa caracterizar mais abertamente ou com maior número de elementos as intenções educacionais, sociais e políticas propostas por seus fundadores, ou seja, que tipo de perfil se desejava formar entre os estudantes que ingressavam no GL e quais eram as expectativas depositadas sobre eles ao concluírem a sua formação? E, entre os dois extremos, permeavam o cotidiano desse estudante: a oferta de conteúdos matemáticos específicos, as metodologias, os ambientes que favoreciam ou não a aprendizagem, o perfil dos professores, dentre outros.

Em se tratando da dissertação de Souza (2016), o referencial teórico apresenta alinhamento com o estudo que estamos conduzindo: ambos se baseiam na História Cultural, na História das Disciplinas Escolares e na Cultura Escolar, mencionadas anteriormente, além de se utilizarem de documentos como fonte de pesquisa – ela, Programas de Ensino e materiais didáticos; e nosso estudo, a fonte histórica: o *Ementario*, além de jornais e revistas da época e ainda o interesse em práticas pedagógicas históricas. Souza (2016) analisa ainda a influência do Método Intuitivo e da Escola Nova em terras catarinenses, num período similar – embora um pouco mais abrangente (1910-1946) –, e o nosso estudo considera a apropriação do Método Intuitivo, que reverberava no início do século XX no Brasil e se transformava, assim, na inovação pedagógica da época, que poderia responder aos anseios de uma educação mais atual e modificadora, mas, talvez, sem a mesma influência direta da Escola Nova. Temos numa descrição, no *Ementario*, uma observação que corrobora esta tentativa de trazer para esse estabelecimento as inovações que se pretendia na época:

Todas estas salas são munidas de carteiras magnificas, como apenas vi em raros collegios do Rio. Os quadros-negros, os mappas muraes, os aparelhos variadissimos, para o **ensino intuitivo** estão sempre á disposição do professorado, que assim dispõe de todas as facilidades para alcançar os mais brilhantes resultados (Reis, 1925, p.152-153, grifo nosso).

Enquanto o trabalho de Souza (2016) foca na introdução dos novos métodos pedagógicos transformando o ensino de aritmética e na forma como eles foram apropriados para o fazer pedagógico do período no ensino primário, nossa pesquisa tenta examinar os saberes presentes no GL e o modo como estes se associavam aos movimentos sociais e políticos mais amplos, que faziam parte dos objetivos das elites dominantes no município – um projeto pensado e organizado para sua continuidade no poder local, bem como para a inserção gradativa dos alunos que ali se formariam nos diferentes âmbitos da sociedade a nível estadual e nacional.

Uma convergência relevante é o fato de que tanto Santa Catarina quanto Minas Gerais também vivenciavam um período de transição em sua malha educacional, à procura de modelos pedagógicos modernos e que superassem o modelo tradicional vigente. Santa Catarina, impulsionada pela Reforma Orestes Guimarães (1910), e

Minas Gerais, como centro político e importante no País, com foco considerável na formação de uma elite dirigente, alinhada aos interesses da época³.

Em ambos os contextos (regiões Sul e Sudeste) permeavam movimentos educacionais republicanos como um espaço de modernização cultural e social, o que pode favorecer análises mais consistentes e prováveis conclusões.

[...] durante a primeira metade do século XX, a educação pública no Brasil foi marcada por movimentos de renovação educacional que almejavam uma nova ordem social para a nação brasileira. Nos diferentes estados do país aconteceram reformas visando a reestruturação da instrução pública e sua adequação aos modernos métodos de ensino, provenientes principalmente dos Estados Unidos e de alguns países da Europa (Souza, 2016, p. 25).

A partir da dissertação de Fortaleza (2017), pudemos avançar em algumas ideias. Seu trabalho destaca o desenvolvimento dos grupos escolares e a importância da matemática no currículo, bem como a escolarização da matemática, visando compreender a formação básica dos alunos no ensino primário, focando nos conteúdos de Aritmética, Geometria e Desenho. Seu texto se insere no campo da história da educação matemática, investigando a institucionalização e a escolarização da matemática no mesmo recorte temporal que estamos analisando. A leitura de sua dissertação permitiu-nos compreender como os saberes matemáticos foram formalizados e implementados com a adoção do método intuitivo no ensino da matemática. Esse método também está relacionado à nossa pesquisa.

Embora Fortaleza (2017) foque suas pesquisas num *locus* geográfico diferente do nosso trabalho, ou seja, no ensino primário nos grupos escolares paraenses, a proximidade histórica do contexto abrangente permitiu-nos inferências que podem corroborar, a princípio, o aprofundamento de nossa análise a partir do ensino da matemática. Ao nos aprofundarmos nas questões principais da pesquisa, observando como a realidade local influencia nos modelos pedagógicos e como estes servem a determinados interesses, sejam de quaisquer naturezas (ideológica, política, cultural, econômica, social), foi uma grata surpresa manusear as partes do estudo de Fortaleza

³ O Ginásio era o futuro em construção, minuciosamente planejado. A busca do Nacional através do regional: evocava o mineiro como *único* com capacidade para ditar o rumo da Nação. No Ementário do Ginásio Leopoldinense, José Botelho Reis deixa clara a posição do colégio em relação ao futuro dos estudantes leopoldinenses e de Minas Gerais, na medida em que os identifica como futuros guias da Nação (Nogueira, 2011, p.77).

2017) e tentar analisar alguns trechos que mantêm uma confluência direta com o nosso estudo: a criação de uma narrativa a respeito de um objeto de pesquisa sobre os saberes matemáticos.

O estudo de França (2015), ao discutir como a matemática escolar influenciou os projetos de modernização regional - considerando o papel do professor no processo -, pode trazer indícios que complementem a nossa busca de entender os ensinamentos no GL e o modo como estes respondiam aos anseios dos fundadores, bem como dos demais elementos envolvidos no processo de formação das elites, que procuramos compreender a partir da matemática elencada como ensino naquela época. O estudo também traz intersecção com nosso recorte temporal e apresenta, em suas considerações, uma ponderação detalhada sobre as práticas matemáticas e currículos no Paraná. Aborda ainda a formação matemática ofertada para as normalistas, incluindo Aritmética, Geometria e Álgebra, Desenho e Trabalhos Manuais. As disciplinas pedagógicas, pensadas a partir de um ideal republicano, restringiam-se às lições de Metodologia da Aritmética e da Álgebra inseridas na disciplina de Pedagogia. Com efeito, embora seja um contexto da região Sul, pode nos dar a possibilidade de estabelecer um contraste com o cenário mineiro. Alinhado a nossa pesquisa, que também analisa como o Método Intuitivo foi inserido e utilizado nos domínios do ambiente escolar, o trabalho de França pode expandir e complementar nossas considerações finais, enriquecendo nossas análises e evidenciando lacunas, que, com certeza, irão se apresentar em sua conclusão. Assim como em outros títulos da presente revisão bibliográfica, França (2015), ao fazer uso da História Cultural e da História das Disciplinas Escolares, reforça a legitimidade teórica e metodológica desta atual investigação.

3 O GYMNASIO LEOPOLDINENSE E OS ENSINOS DA MATEMÁTICA

A matemática acompanhou o diferencial curricular do Gymnasio Leopoldinense frente às outras instituições de ensino do município. Um exemplo a se comentar foi a criação, em 1907, do Grupo Escolar, de caráter público, pelo decreto nº 2112. Foi inaugurado em março de 1908 e, de acordo com Oliveira (2016), deveria ser representativo e constituído como “templos do saber”, encorpado pelos preceitos republicanos e em oposição às denominadas escolas isoladas, que funcionavam na precariedade e sem infraestrutura. Mas nem a sua estrutura física ultrapassou a do Gymnasio Leopoldinense.

Logo nos primeiros anos de seu funcionamento apresentou a necessidade de reformas em suas instalações, devido às condições precárias de suas paredes, sendo necessária sua transferência para outro prédio, mais afastado da região central (Oliveira, 2016, p.98).

Era necessário, assim, permitir aos filhos da elite política e econômica da região o mais moderno ensino advindo das teorias educacionais da época, embasadas nas reformas educacionais com suas diretrizes pedagógicas, a centralidade do estudante no processo de aprendizagem, dentre outras. Numa das apresentações da estrutura física e do funcionamento da escola encontradas, de acordo com Oliveira (2016), há a descrição de uma sala destinada aos ensinamentos matemáticos. Era liberado o acesso aos materiais utilizados pelos professores para esse propósito, por exemplo, o quadro negro, e também para o estudo intuitivo de geologia e mineralogia – que entendemos encerrar nuances matemáticas como medidas e contagem de amostras –, além de aparatos industriais e armários com pesos e artefatos métricos.

Essas descrições são condizentes com os ideais de modernidade nos métodos de ensino que preconizavam os seus fundadores:

A valorização destes espaços e materiais didáticos indicava a importância dada ao método intuitivo [...] Assim, em vez de lugares de frequência, museus e bibliotecas passavam também a espaços de experimentação (Faria Filho; Vidal, 2000, p. 29).

Era necessário instrumentalizar “seus filhos” com raciocínio lógico-matemático que lhes desse condições de manter e ampliar seus domínios, embasar-se na tomada de opiniões, na prevalência de escolhas assertivas para as decisões, na elaboração ágil de estratégias fundamentadas em cálculos precisos e desenhos minuciosamente

traçados, delineavam-se os contornos da vida, das ações e da formação moral do estudante, em um período marcado por profundas transformações na história de um país recém-ingresso no regime republicano.

Conforme afirma Oliveira (2016), foi no segundo ano de funcionamento que o curso primário foi criado, com a finalidade de integrar, em seus domínios, os filhos da elite que frequentavam o Grupo Escolar Ribeiro Junqueira – assim denominado em homenagem a um dos fundadores do Gymnasio Leopoldinense –, ao mesmo tempo preparando-os para o curso secundário, que também era ofertado pela instituição:

A proposta do curso particular era de um programa de ensino diferenciado do desenvolvido na instituição primária pública, que segundo os diretores da instituição deveria estar voltado para atender as especificidades e necessidades das crianças pobres (Oliveira, 2016, p. 99).

Encontramos em Faria Filho e Vidal (2000), a ideia de que o espaço e o tempo escolares não se constituem em dimensões neutras ou meramente convencionais, mas, sim, como estruturas carregadas de significados e intencionalidades e que integram e conformam as práticas do ensino.

Percebemos essas “marcas” de finalidades pedagógicas na observação de fotos dos laboratórios na época, destinados à apropriação dos conhecimentos necessários que se pretendia, utilizando os mais modernos aparatos tecnológicos vindos da Europa, como se pode visualizar na Figura 1.

Figura 1 - Foto do Laboratório de Pharmacologia



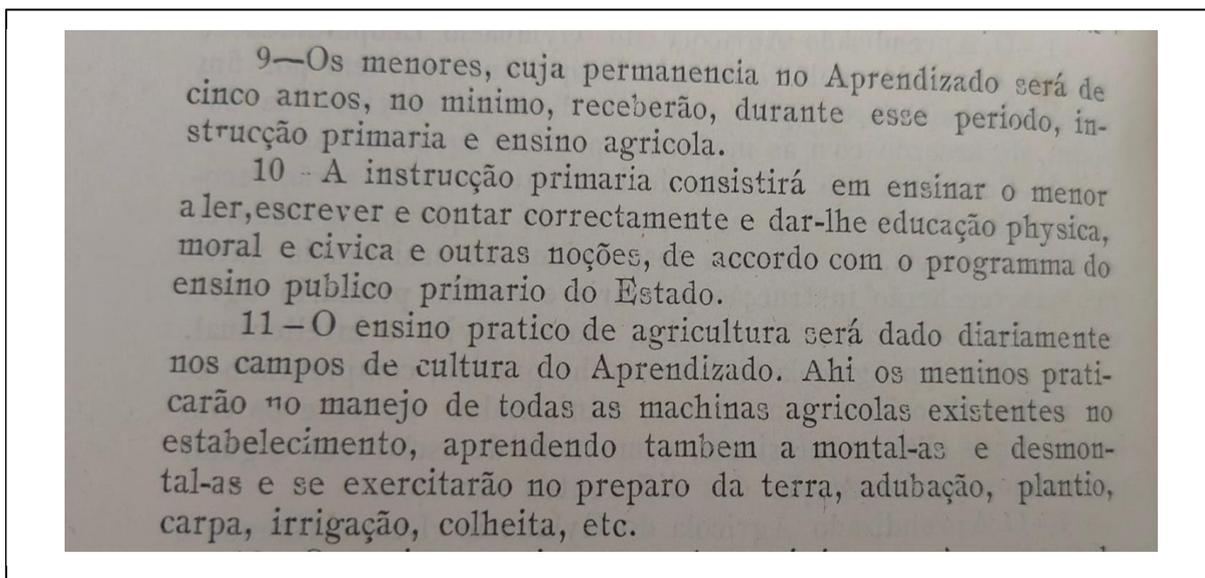
Fonte: Reis (1925, p. 129-130).

Nota-se, pela análise dos documentos aos quais tivemos acesso, que havia uma matemática ensinada para os filhos da elite e outra, mais prática, para as classes populares – como no curso de Ensino Agrícola.

A primeira, a matemática que embasava o poder local e regional, mais diferenciada e elaborada, que permitisse a expansão do estudante tanto enquanto indivíduo, no seio familiar, como em sua inserção na sociedade brasileira e mundial: “Possuir um filho estudando em uma escola conceituada era dar um passo a mais no caminho do poder. [...] A herança cultural e a conta bancária definiam quem ocupava os melhores cargos e seguia as melhores carreiras” (Nogueira, 2011, p.81).

E uma outra matemática, voltada às camadas populares, para ser usada em situações simples do cotidiano, que não exigiam cálculos elaborados, pois não se podia utilizá-la como instrumento de poder para esse grupo social em questão. Percebemos essa diferenciação analisando as normativas da escola para esse segmento de ensino na Figura 2.

Figura 2 - Foto dos ensinamentos dispensados ao Aprendizado Agrícola



Fonte: Reis (1925, p.139).

Pensamos que encontrar, especificamente nos saberes matemáticos, essas diferenciações a partir dos conteúdos ensinados, os métodos pedagógicos e os materiais dispensados para esse fim, talvez nos possibilite uma compreensão, apoiada em Nogueira (2011), de como isso se associava à conversão de hierarquias sociais em hierarquias escolares e funcionava como mola propulsora da legitimação e perpetuação de uma determinada ordem social. Foi o que aconteceu, provavelmente, nesse estabelecimento de ensino.

E os companheiros apparecem-me também... Uns, lá estão, por terras estrangeiras, a completar seus estudos; outros, completam-n'os em faculdades do paiz; outros muitos abandonaram a carreira das letras, e são hoje lavradores, industriaes, uma infinidade de cousas, servindo todos á patria amada, utilizando todos os conselhos e os ensinamentos que nos foram aqui ministrados (Reis, 1925, p.159-160).

Essas impressões demonstram as inserções que se pretendiam com os estudantes, que por ali passaram, nos diversos espaços de atuação na sociedade.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO CONTEXTO LOCAL E NACIONAL

Localizada na Zona da Mata Leste do estado de Minas Gerais, Leopoldina teve sua origem em 1854, quando, pela Lei 666, de 27 de abril daquele ano, o antigo Arraial de São Sebastião do Feijão Cru, distrito da Vila de São Manuel do Pomba, pertencente a Mar de Espanha, recebeu o *status* de município. Em 1861, a Vila de Leopoldina foi elevada à categoria de cidade, tornando-se a sede do município. Na antiga região dos “Sertões Proibidos” do período colonial, rota de contrabandistas para escoamento ilegal da produção de ouro e diamante, criava-se o referido município, que se tornou, na segunda metade do século XIX, um dos mais promissores na cafeicultura da Zona da Mata e do estado mineiro. A decadência da atividade aurífera na região das Minas favoreceu a ocupação da Zona da Mata Leste, quando muitas famílias abastadas passaram a receber sesmarias (lotes de terras) nas localidades. A necessidade de abastecer essas famílias de víveres contribuiu para a presença de tropeiros, que circulavam pelos vários caminhos, transportando mercadorias em lombos de mulas, estabelecendo pontos de parada que se tornaram arraiais e, entre eles, o Arraial de São Sebastião do Feijão Cru, origem da Vila de Leopoldina.

Na segunda metade do século XIX, atividades ligadas à exploração da terra e ao grande número de escravizados marcaram a economia, a política e a sociedade. O café foi o elo entre o município e a cidade do Rio de Janeiro, para onde era transportado pelos trilhos da Companhia Estrada de Ferro Leopoldina. A presença de um ramal ferroviário no município não apenas contribuiu para o escoamento da produção local, como também favoreceu um intercâmbio comercial que permitiu o afloramento de atividades mercantis, a chegada de novos moradores – muitos de origem europeia –, entre eles estudantes que buscavam suas escolas particulares, fundadas entre 1896 e 1914. Dentre estas, destacou-se durante a República Velha, a partir de sua fundação em 03 de junho de 1906, o Gymnasio Leopoldinense.

A prosperidade proporcionada pela economia cafeeira contribuiu para a configuração urbanística da cidade de Leopoldina, iluminada pela, até então, Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, no entorno de uma área rural diversamente povoada por pequenos agricultores, fazendeiros – muitos deles membros da elite política e econômica locais –, trabalhadores rurais e imigrantes, principalmente aqueles de origem italiana. A atividade industrial foi limitada no

município, e isso relacionou-se ao domínio político, econômico e cultural da oligarquia agrária, do setor cafeeiro e de alguns comerciantes.

Nogueira (2011) afirma que o município revelava uma apartação social entre a elite local e as classes populares, em sua maioria empobrecidas. O ideário de progresso e modernidade dos grupos dominantes distanciava-os das outras camadas sociais locais, perpetuando o modelo civilizador do período colonial, através do qual muitos comportamentos distinguiram alguns grupos sociais de outros. Esse modelo esteve presente, também, através da articulação entre as elites local e mineira, na configuração da instalação dos estabelecimentos de ensino, tendo esta como uma forma de perpetuação da ordem para favorecer o controle social e os valores oligárquicos republicanos. Pensava-se num modelo de educação voltado àqueles que seriam os futuros dirigentes locais e da nação, bem como àqueles que os ajudariam nessa tarefa. Ainda segundo Nogueira (2011), o ensino oferecido pelo Ginásio Leopoldinense favorecia as elites dominantes e reproduzia o processo de apartação. A escola era o espaço onde o desenvolvimento intelectual dessa oligarquia construiria e perpetuaria os seus valores.

O Ginásio Leopoldinense cumpriu seu papel como instrumento de dominação. Mesmo a rede de ensino público estava sujeita à sua influência, pois nele formavam-se professores que ocupavam as cadeiras públicas e que eram responsáveis pela transmissão dos paradigmas culturais da elite. Através de bolsas de estudo e do Ensino Agrícola, recrutava, entre as camadas subalternas, trabalhadores para qualificação, reforçando, dessa forma, as estruturas de dominação das oligarquias (Nogueira, 2011, p. 112).

Nas escolas, havia uma ordem estabelecida por normas institucionais e reformas educacionais, e a manutenção dessa ordem contribuiria para o progresso dessa elite – o ideal positivista da República Brasileira esteve presente no sistema escolar estabelecido.

Construída em local estratégico e pensada para ocupar posição de destaque no município de Leopoldina, bem como consolidar todo o processo – citado anteriormente – de glorificação da elite dominante, a instituição particular de ensino Gymnasio Leopoldinense, fundada pelos irmãos, José Monteiro Ribeiro Junqueira e Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira, instalou-se no centro urbano da cidade, onde já se encontravam outras instâncias representativas dos poderes constituídos na época do Império, como a cadeia, a igreja e a Câmara Municipal, além de outras edificações privadas.

Na Figura 3, observa-se a edificação que deu origem ao Gymnasio Leopoldinense.

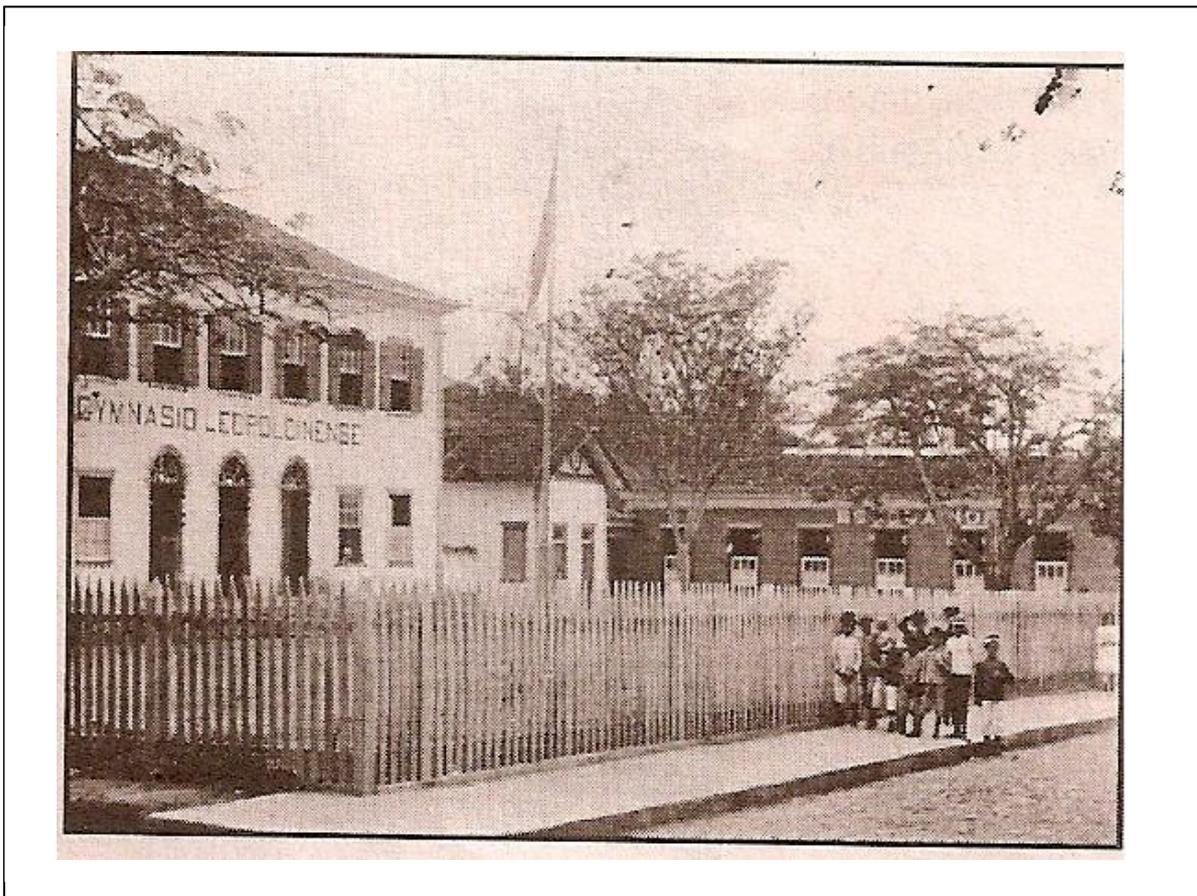
Figura 3 - Foto do Prédio da “Pharmacia Central”, que deu origem ao Gymnasio Leopoldinense



Fonte: Bonin (2020, p.68).

Na Figura 4, temos a imagem da escola, onde funcionava, em destaque, o Gymnasio Leopoldinense e, à direita do edifício, o prédio da Escola Normal e os estudantes (em segundo plano). Em Souza (2001), encontramos que este tipo de representação mostra a escola como local que merece ser exibido, recordado, através de seu significado cultural e social.

Figura 4 - Foto do Gymnasio Leopoldinense em seu início de funcionamento



Fonte: Blog José do Carmo *apud* Oliveira, 2016, p. 112.

Com prédio de monumental arquitetura, que exemplificava os ideais republicanos de progresso – em consonância com o ideário de “templos de civilização” constante na historiografia da educação –, a instituição diferenciava-se das demais escolas do município.

O monumento serve de testemunho do poder, um legado à memória coletiva, a fim de perpetuar-se, recordando sua existência às gerações futuras. Portanto, é um legado criado pela mão do homem, e por ele edificado para carregar toda uma carga de concepções que farão símbolo de uma mensagem a ser passada. O monumento encerra em si uma monumentalidade, transcendendo o seu limite no espaço urbano, viajando no imaginário. A monumentalidade faz-se documento tanto da história como da geografia de uma sociedade, simbolizando o poder, e derivando da intenção de fazer do espaço urbano um palco com cenografia exuberante. capaz de gerar emoções, reviver tradições e relações; conseguindo estar nos lugares e no imaginário das pessoas (Bonin, 2020, p. 66-67, grifo nosso).

Desde os critérios para contratação de professores, passando pelos cursos ofertados, os padrões exigidos para a manutenção da disciplina, a matriz curricular alinhada às grandes instituições educacionais do País, a preocupação com o mobiliário inspirado na *art déco*, a oferta de salas temáticas, biblioteca, refeitórios, dormitórios, quartos de banho, salas de estudos e laboratórios que favoreciam uma formação ampla para a vida escolar e futura vida profissional dos estudantes, percebe-se um projeto grandioso de uma instituição de ensino que assumia cada vez mais papel de destaque no cenário educacional local e regional. Oliveira (2016) afirma que o Gymnasio Leopoldinense foi equiparado, em 1908, ao Colégio Pedro II, visto que conservou, até meados do século XX, o caráter de instituição modelar para todo o ensino secundário brasileiro.

As diretrizes básicas do Ginásio Leopoldinense estavam de pleno acordo com o contexto no qual se inseria. Era uma escola feita para atender às necessidades da jovem elite da Zona da Mata Leste, oferecendo suporte para sua promoção a nível regional e estadual. Por outro lado, era também organismo capaz de reproduzir valores das camadas dominantes, através de uma educação 'physica, moral e cívica' (Nogueira, 2011, p. 91)

Com a criação do Gymnasio Leopoldinense, o município de Leopoldina atraiu estudantes de várias localidades, bem como os filhos de fazendeiros da Zona da Mata, ficando assim denominado: "Athenas da Zona da Mata". Na primeira década do século XX, Leopoldina foi chamada de "a cidade dos estudantes": havia mais ou menos 500 ao todo, divididos em todos os níveis de ensino e modalidades, porém seus habitantes não ultrapassavam muito o dobro desse número (Reis, 1925).

A monumentalidade do Gymnasio Leopoldinense foi pensada também para permitir a funcionalidade dos métodos pedagógicos. Para os seus fundadores, era o símbolo de progresso e civilidade. Com as crises do setor cafeeiro, seria o propulsor máximo de uma sociedade que estava perdendo suas referências de um passado glorioso e que buscava aguerridamente recuperar essa condição. De acordo com Nogueira (2011), seu objetivo era formar homens dignos e superiormente instruídos, recrutados também de outras localidades para formar uma nova força política: culta, empreendedora e formada nos padrões mais rígidos de conduta moral – desse grupo saíam, num futuro próximo: artistas, escritores, profissionais liberais, professores, dentre outros, para ocuparem posições de destaque na sociedade, detendo capital

político e cultural. Para isso, o Gymnasio oferecia um ensino vasto: jardim de infância, ensino primário, secundário, normal, militar e superior, em Odontologia e Farmácia e ensino agrícola, o que o tornava incomum, não somente na região, mas também em âmbito nacional.

Com exceção do Aprendizado Agrícola, que era voltado para os menos favorecidos – crianças pobres e órfãos –, todos os outros níveis e modalidades de ensino eram destinados à elite, pois os alunos vinham das classes sociais mais abastadas, recrutados desde o nível elementar e habilitados às ocupações que exigiam nível superior, oferecidas na instituição pela Escola de Farmácia e de Odontologia.

Oliveira (2016) aponta que a Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense foi equiparada à Escola Normal Oficial do Estado de Minas Gerais, em 06 de setembro de 1906, pelo decreto n. 1942, do então presidente do estado de Minas Gerais, Dr. Francisco Salles. Sua criação objetivava formar professoras para atuar no magistério primário, enquanto os cursos superiores oferecidos teriam o papel de formar os docentes que atuariam nos cursos secundários – o que denota identidades profissionais distintas na configuração dessas profissionalizações.

[...] e bem assim avultado numero de professoras normalistas, que estão a prestar á reforma do ensino primario, á frente das escolas singulares ou dos grupos escolares, os mais devotados serviços e pondo em realce a sua comprovada competencia (Reis, 1925, p. 158).

Ainda segundo Oliveira (2016), diante da materialidade desse estabelecimento, que abrangia os ensinos desde o jardim de infância ao ensino superior, nos seus 20 primeiros anos de funcionamento, acredita-se, em hipótese, que o Gymnasio, baseado nos princípios republicanos de modernização e progresso, bem como na manutenção da oligarquia, tenha sido responsável pela formação de parte da elite da Zona da Mata Mineira e de formação docente para o ensino normal.

Em 1955, o Gymnasio Leopoldinense foi transformado em Escola Estadual Professor Botelho Reis, passando, oficialmente, a integrar a rede pública estadual de ensino. Antes, porém, de 1906 a 1926, essa instituição teve caráter particular, conforme já mencionado; municipal, de 1926 a 1946; religioso, de 1946 a 1955; e, até à atualidade, permanece pertencente à rede estadual de ensino de Minas Gerais. Sua atual nomenclatura deve-se a seu terceiro diretor, José Botelho Reis, elogiado por

seus contemporâneos e egresso do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Considerado a personificação da escola, José Botelho Reis é assim citado no *Ementario do Gymnasio Leopoldinense*: “tão identificado e tão irmanado está o professor Botelho Reis com o Gymnasio que, á lembrança deste, acóde sempre a personalidade daquele; - fallar de um, é relembrar sempre o outro” (Reis, 1925, p. XIV).

Em 1995, o edifício do estabelecimento de ensino foi tombado como patrimônio histórico pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, conservando a originalidade de seu estilo arquitetônico. Na fachada (retratada na Figura 5), sob as bênçãos de São José - uma herança do bispado de Leopoldina -, encontra-se, logo abaixo, num triângulo, a frase extraída da obra *Eneida*, de Virgílio: “*mens agitat molem*” (o espírito comanda a matéria), que representa, entre outros aspectos, a valorização da ciência, da racionalidade, e corrobora o mito de que a educação seria propulsora da ascensão social.

Figura 5 - Foto do Gymnasio Leopoldinense na atualidade



Fonte: Oliveira (2021).

Através das leituras que constituíram a base da minha pesquisa, percebe-se que o Gymnasio Leopoldinense manteve, ao longo da primeira metade do século XX, a materialização de instrumentos de poder para sustentar a ideologia da elite

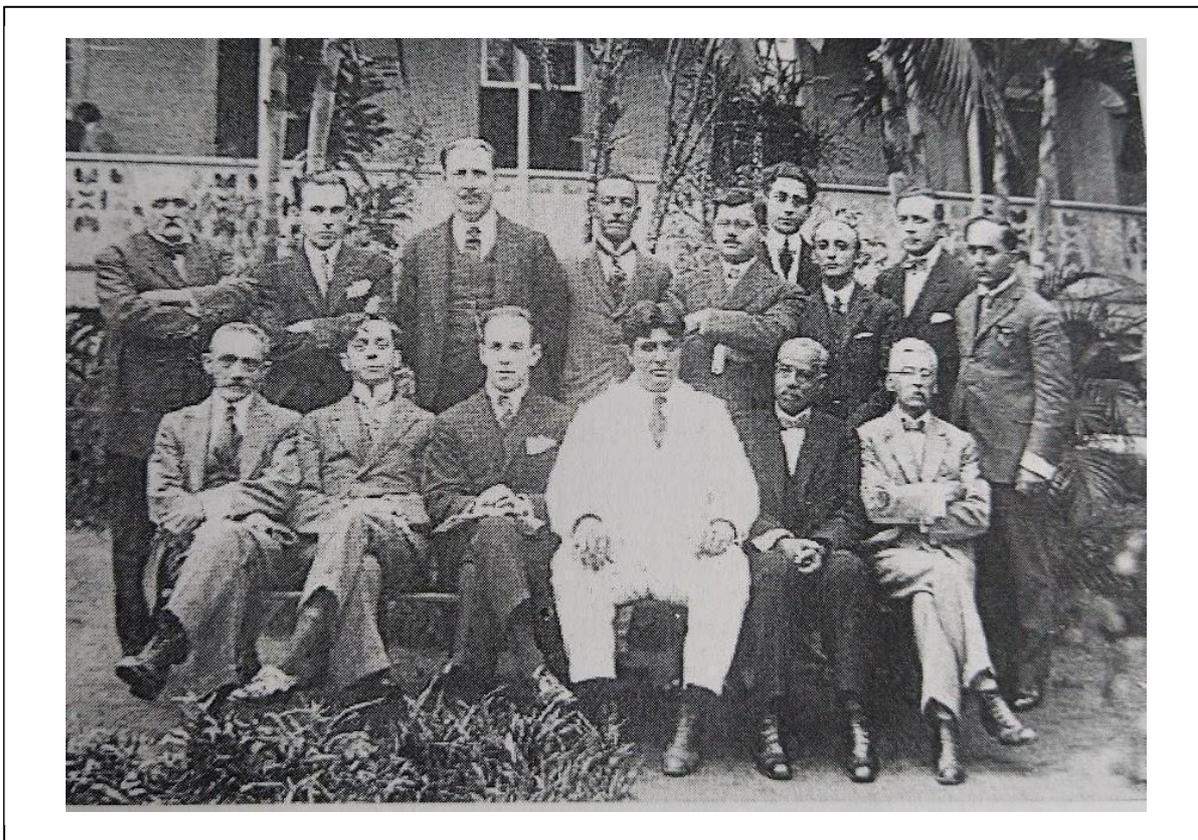
dominante através de um ensino diferenciado no contexto local e regional. Frente às crises provocadas pelo setor cafeeiro, a expansão do ensino ofertado pela instituição foi mola propulsora para a idealização do progresso e da prosperidade que essa elite temia perder. Como afirma Nogueira (2011), o Gymnasio Leopoldinense foi agente organizador de uma sociedade em que os valores da elite dominante precisavam ser adaptados a um novo mundo, como uma sombra que alcançava toda uma sociedade, preenchendo um espaço dentro do imaginário local e regional. Essa instituição de ensino, de acordo com Oliveira (2016), configurou-se como um projeto educativo de formação das elites dirigentes: extrapolando seu caráter institucional, buscou conformar-se à proposta de modernização do País, com base na manutenção de uma estrutura econômica, agrária e dual.

Mais do que uma escola particular, o Ginásio foi um estabelecimento de ensino que atuou de uma forma mais ampla, dentro do campo político-social. Tanto seus alunos como seus professores eram preocupados em desenvolver-se culturalmente, em estar constantemente informados sobre as mudanças que ocorriam no Estado e no país. Eram, sobretudo, mentes críticas que buscaram, dentro do ambiente escolar, seu crescimento como elites. Elites que atuaram muitas vezes em campos diferentes da sociedade, mas que compartilharam de uma mesma formação (Nogueira, 2011, p. 108-109).

Esse poder das elites, expresso na história do Gymnasio Leopoldinense, também é percebido pela pesquisa iconográfica, através das fotos de época (Figura 6). Nela, nota-se a figura central do diretor José Botelho Reis, de terno branco, ladeado pelos professores da instituição. A postura dos sujeitos, em sua identidade coletiva, assim como o vestuário, reproduzem uma relação de poder marcada por hierarquias, frequentemente naturalizadas no espaço escolar.

Esta identidade coletiva se expressou também na atuação em outros espaços além dos muros da instituição. Seja através da participação em Sociedades e Associações, viabilizando a manutenção do poder local, seja através do controle direto de seus representantes (Oliveira, 2016, p. 248-249).

Figura 6 - Foto do Diretor (José Botelho Reis) e corpo Docente do Gymnasio Leopoldinense



Fonte: Blog José do Carmo *apud* Oliveira, 2016, p. 248.

3.2 A ESCOLA POR ELA MESMA

O Gymnasio Leopoldinense, atual Escola Estadual Professor Botelho Reis, foi fundado em 3 de junho de 1906, pelos irmãos José Monteiro Ribeiro Junqueira, advogado, e Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira, médico. Naturais da região, ambos eram representantes da oligarquia local, com ampla influência política e prestígio social na Zona da Mata Mineira, sendo também conhecidos em círculos internacionais. À época, para a elite política e econômica local, era necessário um estabelecimento de ensino que contribuísse para a formação acadêmica de seus filhos, distanciado do modelo de educação existente em outras instituições, voltado às classes populares.

Não se pensava numa escola comum, mas grandiosa em sua arquitetura e imponente em seu currículo, capaz de moldar o ideário de poder e *status* que essa elite buscava, uma vez que o seu recente passado de região produtora de café

encontrava-se ameaçado pela concorrência de São Paulo. Seria uma escola que se desejava presente e importante no cenário regional da Zona da Mata Mineira, resgatando esse passado de glórias, e que fosse capaz de alavancar a política e a economia da região através de uma proposta educacional inovadora, baseada nas que eram oferecidas nos grandes centros urbanos.

Essa escola, em sua magnitude, atraiu não apenas os filhos da elite local, como também os da elite regional para ingressarem em suas modalidades de ensino e ultrapassou fronteiras, pois estudantes de outras áreas do País – e até fora dele, como o poeta português Miguel Torga – compuseram o corpo discente do Gymnasio. Não faltou, porém, a oferta de cursos para as classes populares, pois, na visão da elite política e econômica de Leopoldina, era necessário também “moldar” os valores das classes trabalhadoras que prestariam seus serviços à elite.

À medida em que o Gymnasio Leopoldinense tornava-se uma referência regional em excelência acadêmica, a partir de 1909 houve necessidade de reformas no seu espaço físico para atender à demanda por novas matrículas e, conseqüentemente, novos cursos. Do antigo sobrado, oriundo da farmácia que cedeu lugar à escola, ergueu-se uma monumentalidade em blocos, com uma nova construção em estilo neoclássico, denotando a função da instituição como “templo do saber”. O formato de seu corpo principal em “U” impressionava pela busca da renovação, da estabilidade e do progresso.

A fonte de inspiração para o projeto arquitetônico deveu-se a um livro apresentado ao engenheiro civil Ormeu Junqueira Botelho, responsável por uma das reformas e ampliação do prédio. Ele também era empresário de grande influência no cenário econômico da região e fundador da Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina. O livro, impresso na Itália e voltado aos estilos arquitetônicos de origem neoclássica, moldou, pela mente do engenheiro, em colunas e arcos, a fachada do Gymnasio.

Em 1926, com a morte do diretor e professor José Botelho Reis, encerrava-se um dos mais importantes ciclos de reforma e reestruturação do espaço escolar.

Sua arquitetura em estilo neoclássico, tornou o Gymnasio Leopoldinense uma obra monumental, que não apenas vem deixando um legado para as gerações futuras, mas se firmando, em imponência, na história da educação em Leopoldina e região.

Não se pode rememorar essa história sem fazer referência à grandiosidade desta escola.

3.3 O ENSINO E OS MÉTODOS UTILIZADOS NA ESCOLA

3.3.1 O Método Intuitivo

Esta pesquisa, como já apontamos aqui, busca entender os ensinamentos matemáticos destinados aos estudantes de uma instituição de ensino, o *Gymnasio Leopoldinense*, no início do século XX, de 1906 a 1922, em Leopoldina/MG. Esta instituição de ensino possuía, nesse período, laboratórios de *Physica*, *Chimica*, *Pharmacologia*, *Microbiologia* e *Historia Natural*, equipados com a mais alta tecnologia para propiciar um ensino baseado no *método intuitivo*, uma inovação pedagógica da época, originado na Europa (especialmente França e Alemanha), expandido para os Estados Unidos e, posteriormente, disseminado no Brasil.

De acordo com Valente (2016), nas décadas finais do século XIX, na Europa, nos Estados Unidos e também no Brasil circulou esse método intuitivo como uma resposta moderna para tratar as questões educacionais, inspiradas pelos escritos de Jean-Jacques Rousseau, Johann Heinrich Pestalozzi, Friedrich Fröebel.

Tudo muda, no entanto, na perspectiva de uma nova cultura pedagógica, vinda como um movimento modernizador, segundo o qual as práticas ligadas à memorização devem ser abandonadas em favor de métodos que haja uma participação ativa do aluno. A psicologia nascente passa, cada vez mais, a respaldar o argumento de que é necessário seguir o desenvolvimento do aluno na sua ordem natural, para que o ensino possa ser eficiente. E essa ordem natural aponta para a intuição sensível da criança. É preciso, portanto, considerar que a primeira forma de conhecimento é intuitiva. Consequentemente, circulam internacionalmente propostas de ensino intuitivo para todas as matérias escolares. E, por certo, a matemática na escola não fica imune a essa vaga intuitiva, a esse movimento modernizador (Valente, 2016, p. 5).

Para Valente (2016), essa nova forma de ensinar enfatizava o aprendizado a partir da experiência concreta e pelo contato direto com objetos, favorecendo e valorizando a percepção sensorial dos estudantes, principalmente nas áreas das ciências e da matemática. Era preciso que a educação formasse um novo indivíduo, adaptado à ordem industrial e capitalista.

A disseminação deste método encontrou grande ressonância entre educadores no Brasil. Dentre eles citamos o jurista, político e educador Rui Barbosa, grande

defensor desse ensino baseado na observação e experimentação e que propôs com a Reforma de 1882 do Ensino Primário, uma educação que, segundo ele, seria a solução para os problemas sociais e o impulso para o progresso e a modernização da sociedade, baseada nessa revolução pedagógica: o método intuitivo. Segundo Machado, Melo e Mormul (2014), Rui Barbosa via a educação - tema de primeira ordem em seus discursos – como elemento estruturante e indispensável ao desenvolvimento e progresso da sociedade brasileira e que deveria ser tratada e debatida em conjunto com outras questões sociais, dentre elas a cidadania, o mundo do trabalho e a industrialização.

O início do século XX foi um período de profundas transformações na educação brasileira, embora com menor intensidade do que em outros países, com o surgimento de instituições que buscavam modernizar o ensino e preparar os jovens para os desafios de uma sociedade em crescente industrialização. O Gymnasio Leopoldinense destacou-se como uma dessas instituições, ao incorporar laboratórios de Physica, Chimica, Pharmacologia, Microbiologia e Historia Natural, baseando-se nas propostas de abordagem desse novo método.

O método intuitivo, que teve influências do positivismo e do movimento educacional europeu, especialmente de Johann Heinrich Pestalozzi e Herbert Spencer, visava proporcionar uma educação ativa, na qual os estudantes pudessem aprender a partir da observação direta e da experimentação. Ao invés de se limitarem à memorização de teorias abstratas, os alunos eram incentivados a lidar com objetos concretos e a desenvolver suas próprias conclusões. Dessa forma, o ensino não se restringia ao aprendizado passivo, mas envolvia uma participação ativa do estudante no processo de construção do conhecimento.

Essa abordagem era especialmente relevante em disciplinas como Física, Química e História Natural, nas quais alguns fenômenos naturais podiam ser observados e reproduzidos nos laboratórios. A adesão a este método, além de refletir as influências das pedagogias europeias no Brasil, destacou também o desejo de transformar a realidade educacional do País em sintonia com o avanço do conhecimento científico e as exigências de uma sociedade em processo de modernização.

Esse modelo educativo visava formar indivíduos não apenas preparados tecnicamente, mas também críticos e capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos em diversas áreas da vida cotidiana e profissional. Ao realizar um experimento, o

aluno não apenas confirmava uma teoria, mas compreendia os fundamentos que levavam àquela conclusão, o que ampliava sua capacidade de resolver problemas de forma independente e criativa.

Além disso, o uso de laboratórios na educação do *Gymnasio Leopoldinense* pode ser visto como uma resposta à crescente demanda por uma educação que preparasse os jovens para o ingresso em profissões científicas e técnicas, que estavam em alta devido à industrialização e ao avanço da ciência no Brasil e no mundo. Tais características, encontradas nessa escola, não se faziam presentes em todos os cantos do País, uma vez que o método intuitivo encontrou aqui alguns desafios em sua implementação, como a falta de formação específica dos professores e as condições limitadas das escolas, que se caracterizavam pelo baixo investimento e por estruturas físicas deficientes, o que dificultava a aplicação plena da metodologia.

No *Gymnasio*, é possível supor que, nos laboratórios de Física, por exemplo, os alunos tivessem a oportunidade de realizar experimentos que demonstrassem as leis do movimento, da eletricidade e do magnetismo. No de Química, provavelmente, poderiam manipular substâncias em reações que permitissem estudar a constituição da matéria. A Farmacologia, por sua vez, poderia aproximá-los do universo da medicina e da biologia, enquanto o de História Natural possibilitasse o contato com espécies animais e vegetais, promovendo um entendimento mais profundo do mundo natural ao seu redor. Ao oferecer esse tipo de ensino, o *Gymnasio Leopoldinense* contribuía não apenas para a formação de seus alunos, mas também para o desenvolvimento regional de Leopoldina e de Minas Gerais, uma vez que formava profissionais qualificados para atuar nas indústrias, nos laboratórios e em outras áreas emergentes.

Entretanto, analisando as fotos (Figuras 7 e 8) dos laboratórios disponíveis ao ensino, na época, observamos, em dois deles, o de Física e o de História Natural, no *Gymnasio*, o acesso para os estudantes em forma de arquibancada, o que sugere um ensino centrado na passividade e na observação: o estudante ficava numa posição de espectador, e não de participante ativo do processo, conforme preconizavam as diretrizes do método intuitivo.

Figura 7 - Foto do Gabinete de Physica



Fonte: Reis (1925, p. 80).

Figura 8 - Foto do Museu de História Natural



Fonte: Reis (1925, p.87-88).

Encontramos, em contrapartida, nos laboratórios de Química (Figura 9) e de Farmacologia⁴, uma disposição diferente dos dois primeiros. No lugar das arquibancadas, temos as mesas de trabalho que sugerem uma metodologia de ensino baseada no fazer dos estudantes, condizentes assim com as premissas do método intuitivo.

⁴A foto do Laboratório de Pharmacologia encontra-se na página 41, Figura 1.

Figura 9 - Foto do Laboratório de Química



Fonte: (Reis, 1925, p.101-102).

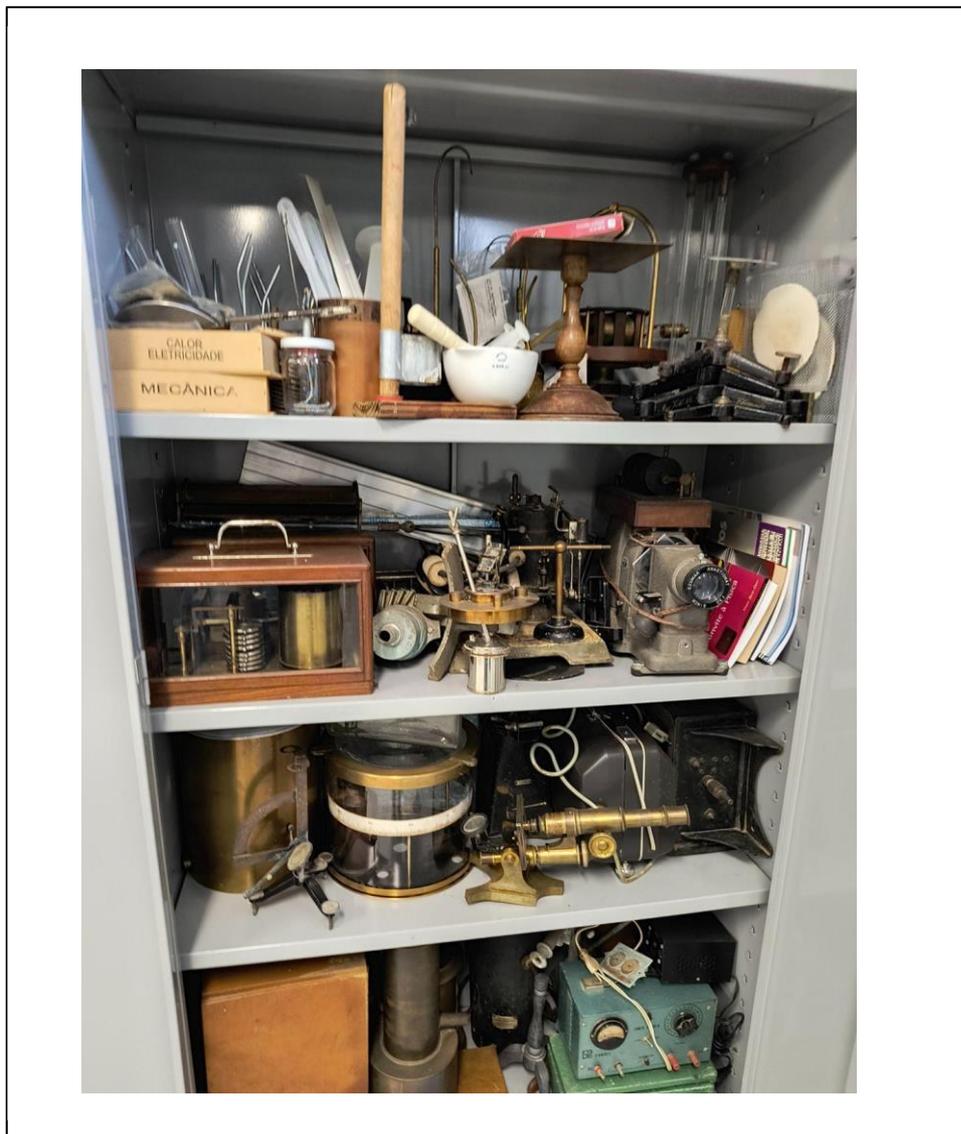
Nesses laboratórios, percebe-se também a preocupação em oferecer um acervo de materiais, os mais modernos da época encontrados dispostos nos armários e sobre as bancadas de trabalho.

Muitos desses materiais dos laboratórios, ainda estão presentes no acervo da escola, mas, devido ao tempo e à qualidade das fotografias, fica difícil inferir com absoluta certeza o que esses espaços de observação e experimentação realmente continham. Pensamos que num futuro próximo, em um outro estudo mais direcionado, seja possível analisar mais profundamente para se entender o fazer pedagógico – em se tratando dos ensinamentos científicos – presente nesses espaços de aprendizagem de outrora.

Apresentamos, nas figuras a seguir, localizados em um dos espaços na escola atualmente, e guardado em armários, o acervo que restou da coleção dos aparatos de ensino presentes nos laboratórios da época (Figura 10) e , observando a Figura 11, favorece-nos a convicção de que pelo menos uma boa parte desses materiais

ainda esteja presente neste acervo atual, pois percebe-se, claramente, no laboratório de História Natural (Figura 8) , a imagem do armário que continha um espécime natural (esqueleto humano) e alguns animais empalhados, usando técnicas de taxidermia, para observação nas aulas práticas que aconteciam nesse espaço:

Figura 10 - Foto dos materiais remanescentes dos laboratórios do GL do início do século XX



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Figura 11 - Fotos de outros objetos remanescentes do acervo



Fonte: Acervo da Autora (2025).

Ao aprofundarmos nesses temas: método intuitivo e ensinios no Gymnasio Leopoldinense, levantamos algumas questões: sua inserção no Brasil, especialmente, com o apoio de Rui Barbosa, tinha o propósito de tornar a educação mais relevante e formadora de cidadãos mais preparados para suas futuras colocações nos diversos espaços da sociedade, condizentes com as exigências de uma sociedade em processo de modernização:

Em 1886, foi publicada, no Rio de Janeiro, a versão de Rui Barbosa sobre a obra de Norman Allison Calkins (1886), intitulada *Primary Object Lesson. Primeiras Lições de Coisas* foi uma das obras de educação mais extensas publicadas por Rui Barbosa. Ele adaptou à linguagem nacional as ideias de Calkins, com o intuito de propagar o método intuitivo, que considerava eficaz para a formação geral dos indivíduos, sobretudo na preparação para a vida em sociedade (Machado; Melo; Mormul, 2014, p. 322-323).

E não podemos deixar de enfatizar que o método intuitivo deixou um legado significativo, influenciando práticas pedagógicas ao longo do século XX e estimulando discussões, debates que se sucederam à aplicação do método pelas escolas – e por que não dizer o mesmo sobre as reformas educacionais que vieram a seguir?

Desse modo, estudar as concepções de Rui Barbosa sobre a educação, bem como os fundamentos das *Lições de Coisas* ou

método intuitivo, se faz importante para a compreensão do pensamento pedagógico envolto nas práticas educativas desenvolvidas em um importante momento histórico da educação brasileira: o final do século XIX. Nesse período, considerado por muitos estudiosos da educação como um importante marco na definição de mudanças em diferentes aspectos da organização do ensino [...] (Machado; Melo; Mormul, 2014, p. 329).

A instituição, ao adotar essa prática, colocava-se na vanguarda da educação moderna, alinhando-se com as tendências pedagógicas internacionais da época, que reconheciam o papel fundamental da ciência no desenvolvimento social e econômico. Dessa forma, o Gymnasio Leopoldinense também colaborava com o progresso local e estadual, ao preparar mão de obra especializada para os setores em expansão da época.

Nogueira (2011) mostra-nos em sua narrativa, que o Gymnasio Leopoldinense assumiu uma proposta polivalente: oferecia um local em que conviviam os filhos das oligarquias e também aqueles jovens que faziam parte das camadas médias consolidando-se como espaço de aceitação e formação de mão de obra qualificada e que atendesse às necessidades do mercado de trabalho da região. Ele formaria aqueles que se dirigiriam aos postos de comando e de destaque na sociedade e que teriam a possibilidade de ingressar nas faculdades brasileiras e estrangeiras do período e, também, uma outra parcela da população, de técnicos, incorporando, promovendo e propagando o sistema de domínio, controle e influências locais.

3.4 AS MATEMÁTICAS PRESENTES NA ESCOLA ENTRE 1906 E 1922

3.4.1 O *Ementario* da Escola – Primeiras Análises

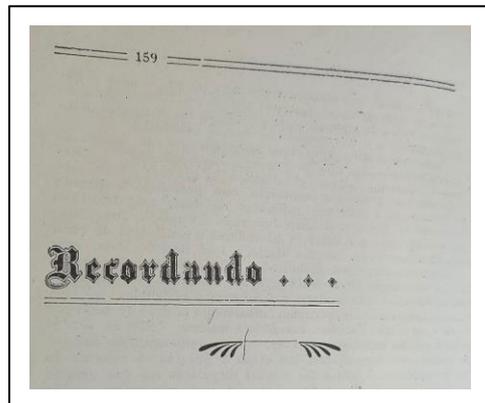
Essa fonte histórica, denominada *Ementario*, tem significado – segundo o dicionário *online* de português (Ementario, s.n) – de livro de ementas, livro de lembranças, rol e agenda. A partir de sua leitura, da linguagem utilizada e algumas expressões ali encontradas, optamos, ao nos referirmos a ele, considerá-lo com um “livro de lembranças”.

Figura 12 - Foto da “Parte Geral” do Ementario



Fonte: Reis (1925, p. 150).

Figura 13 - Foto de um dos Tópicos da Parte Geral



Fonte: Reis (1925, p. 159).

Essa escolha deve-se a um de seus tópicos “Recordando”, da “Parte Geral”, nas páginas 159 e 160 – reforçamos aqui que o *Ementario* divide-se, podemos dizer, em duas partes: a primeira composta da apresentação, seus diretores, matrículas dos alunos, corpo docente, matriz curricular dos cursos oferecidos, fotos dos espaços da escola, notas dos alunos; e uma segunda, denominada “Parte Geral”, onde encontramos relatos sobre a escola e a cidade de Leopoldina, poema, hino, impressões diversas de alunos, inspetores, professores da escola e visitantes, além

do índice alfabético. Escrita por Columbano Duarte (bacharel em Ciências e Letras⁵ pelo Gymnasio Leopoldinense), temos esta consideração:

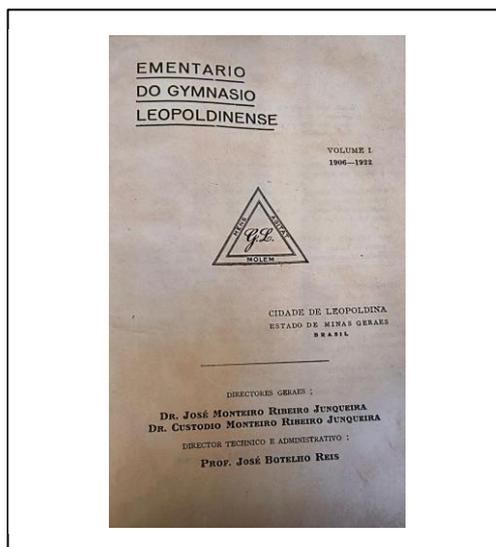
Hoje, ao entrar, após longa ausencia, no Gymnasio, um mundo de recordações se avoluma dentro de mim. Cada canto dessa casa, onde eu vivi feliz e contente durante largos annos, tem uma fala conhecida, que me evoca na memoria a lembrança de dias passados e dos companheiros que se foram pelo mundo além, empós de um mundo ideal inatingivel, na lucta pela existencia (Reis, 1925, p.159).

O escritor, imbuído de expressões de carinho e agradecimento, deixa clara a sua forte ligação com o espaço compartilhado com os companheiros, exaltando momentos e mencionando a recordação que carrega em seu íntimo – enaltece-o, ao falar da saudade que tais lembranças trazem.

Na contracapa, temos os nomes das figuras que compunham a diretoria da instituição, seu diretor técnico e administrativo, professor José Botelho Reis, que se define como organizador e também o responsável pela publicação deste Ementario, delimitando o recorte das informações sobre a escola, desde a sua inauguração, em 1906, a 1922 (inclusive).

⁵ O Colégio Pedro II, marco do ensino secundário brasileiro no Império, acabou impondo um modelo curricular padrão para esta modalidade ao restante das escolas do país. Há indícios de que o Gymnasio Leopoldinense adotou este modelo, baseado no Regulamento n. 8, de 31/01/1838, daquela instituição. Em seu art 234, cap. X, do título V, permitia-se ao estudante, que concluísse o Ensino Secundário, o título de Bacharel, conforme afirma Zotti (2005). Columbano concluiu seus estudos no GL, de 1909 a 1915 (Reis, 1925, p.62).

Figura 14 - Foto da contracapa do Ementário



Fonte: Reis (1925, p. 159).

Figura 15 - Foto do Professor e Diretor José Botelho Reis



Fonte: Reis (1925, p. XII).

Os objetivos para essa empreitada, a de manter vivos na memória os tempos passados na escola, manifestam-se como uma forma de os alunos que por ali passaram guardarem a lembrança de sua trajetória pela escola, dos companheiros de estudos e de seus mestres. Isso reforça ainda nossa escolha do “livro de lembranças”.

O *Ementário* reúne textos sobre a fundação da escola, o corpo administrativo, os cursos ofertados desde o Primário e o Secundário, passando pela Escola Normal, as Escolas de Pharmacia e Odontologia, o Aprendizado Agrícola até o de Instrução

Militar. Em cada uma dessas modalidades, detalha-se a gênese – as leis e os decretos de autorização de funcionamento, inclusive os decretos de equiparação da Escola Normal com a do Estado de Minas Gerais e o do Ensino Secundário com o Ginásio Nacional⁶, suas nomenclaturas, bem como seus objetivos pedagógicos e ementas com as disciplinas que as compõem (por série).

Nessa descrição abrangente, temos ainda a relação do corpo docente efetivo, a relação dos alunos matriculados, das turmas diplomadas (Escola Normal, Pharmacia e Odontologia), a relação dos paraninfos e homenageados (Escola Normal, Pharmacia e Odontologia), dos alunos que estudaram e completaram os exames preparatórios e dos resultados de aprovação desses exames – com análise estatística por disciplina. Ainda constam os nomes das autoridades escolares, que, por determinação do Governo do Estado, fiscalizam a instituição, e das bancas examinadoras nomeadas pelo Conselho Superior de Ensino.

Encontramos também um quadro – ou resumo estatístico – dos alunos matriculados e diplomados no Primário e Secundário, nas Escolas de Pharmacia e Odontologia nos cursos de Aprendizado Agrícola e de Instrução Militar; e dos alunos que concluíram os exames preparatórios, além de um outro quadro que resume o total geral das matrículas nos diversos cursos, abrangendo todo o recorte temporal do livro.

O *Ementario* contém fotos dos fundadores, do diretor que ocupava o cargo em 1925 – o terceiro na linha do tempo – e dos outros dois que o antecederam; fotos da estrutura física do Colégio: lavatórios; dormitórios; laboratórios de Physica, Chimica, História Natural, Microbiologia e Pharmacologia.

Ainda, como forma de justificar sua estrutura, menciona-se que não é grande o número de assuntos tratados na publicação, devido à extensão do recorte temporal, “[...] pois só a relação geral dos alumnos matriculados, – nome por nome, anno por anno, curso por curso, - toma bôa parte do EMENTARIO” (Reis, 1925, pré-textual).

Uma observação, no mínimo curiosa, é que, em relação ao curso de Aprendizado Agrícola, além das normas de funcionamento, finalidades e objetivos, traz ainda a forma de admissão dos estudantes. Estes eram recolhidos dentre os filhos de operários, pequenos lavradores, de preferência os menores desprovidos de

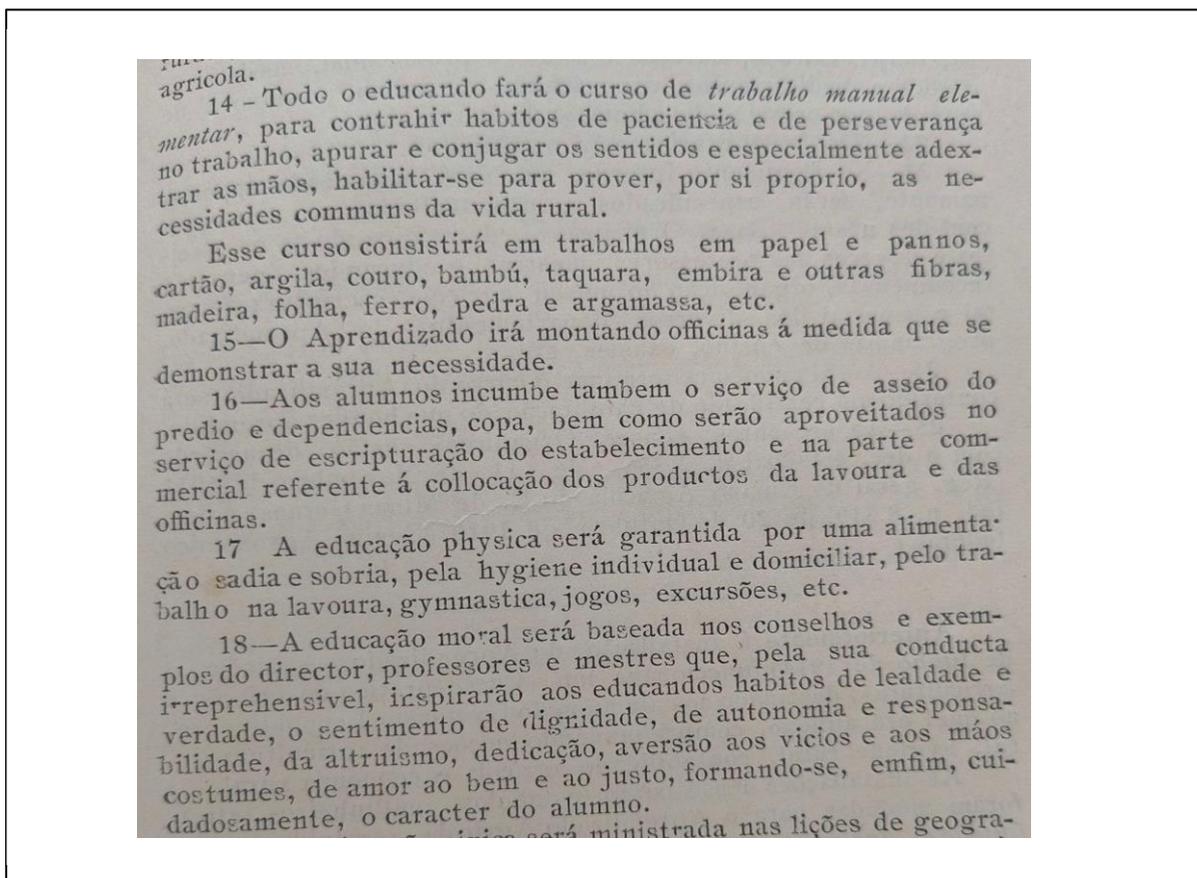
⁶ Segundo Mendonça *et al* (2013, p.985) O Colégio Pedro II, criado, em 1837, teve seu nome alterado para Ginásio Nacional, no início da República, em 1890, voltando a sua denominação original em 1911.

assistência natural como órfãos “desvalidos”, meninos desassistidos, cujos genitores tinham sido privados do pátrio poder ou não podiam custear a educação dos filhos, pela sua situação de pobreza.

Entrava-se pelo regime de internato, sendo necessário apresentar, obrigatoriamente, documentos como certidão de idade (maior de 10 anos e menor de 14 anos), autorização de juiz (para o órfão), certidão de vacina e atestado médico que constasse que a criança não sofria de doença infectocontagiosa nem de deficiência que a impossibilitasse de exercer o trabalho na lavoura. Exigia-se também uma declaração do pai ou responsável, junto com o requerimento de internação, o que o obrigava a manter a criança no estabelecimento, respaldando a instituição no caso de expulsão ou por moléstia incurável.

Além dessa parte burocrática — referente à inserção do estudante no curso — , há ainda uma descrição sucinta (Figura 16) de todo o curso, contemplando aspectos como a área de atuação; o ensino prático; as aulas teóricas; a educação física, moral e cívica; o curso de “trabalhos manuais”, destinado a incutir nos alunos hábitos de paciência e perseverança no trabalho; e outras atribuições fora do curso, como o asseio, a limpeza da copa e de outros recintos, bem como serviços de escrituração/comercial da escola.

Figura 16 - Foto das bases orgânicas do curso: da instrução e do regime escolar



Fonte: Reis (1925, p.140).

E a escola forneceria ao aluno, além do ensino, roupa, calçado, material escolar e profissional, assistência médica e medicamentos, excetuando o enxoval de entrada. A esses estudantes não era assegurado o direito às férias escolares.

Isso não acontecia nos demais cursos ofertados, uma vez que, por ocasião das férias escolares, os demais alunos oriundos ou não de outras localidades, partiam para os seus respectivos lares. Durante as férias escolares, Leopoldina literalmente esvaziava-se: “Começa o exodo. Todas as manhãs, a hora da partida do comboio, bandos de meninos, de rapazes e de moçoilas, pela porta passam em demanda da gare. Vão gozas férias...” (Gazeta de Leopoldina, 1912 *apud* Nogueira, 2011, p. 90).

Na “parte geral”, retirada do álbum comemorativo do sétimo aniversário, que denota as impressões sobre o estabelecimento de ensino, temos o que poderíamos denominar uma “escrita panorâmica”, que define uma apresentação, que hoje se pareceria como uma apresentação de filme e áudio – usando as mídias mais modernas –, como se fosse a imagem de um drone sobrevoando e captando os

melhores ângulos da construção. Ela assim se inicia: “Na Praça Visconde do Rio Branco, a mais central da cidade de Leopoldina, avulta o edifício do Gymnasio, grande sobrado [...]” (Reis, 1925, p.152).

Essa narrativa continua a descrever esse percurso, ao adentrar em seus domínios físicos, desde a sua fachada aos ambientes internos, da ala direita ao centro numa descrição sucinta de todos esses recintos, seu mobiliário, equipamentos pedagógicos como murais, quadros-negros, aparelhos que facilitam o ensino intuitivo, pois a modernização que se pretendia na educação da época se opunha ao tradicional modelo de memorização; utilizavam-se materiais que facilitassem o manuseio e a experimentação por parte dos estudantes, manipulando objetos distintos nos diversos laboratórios que compunham a parte física da escola.

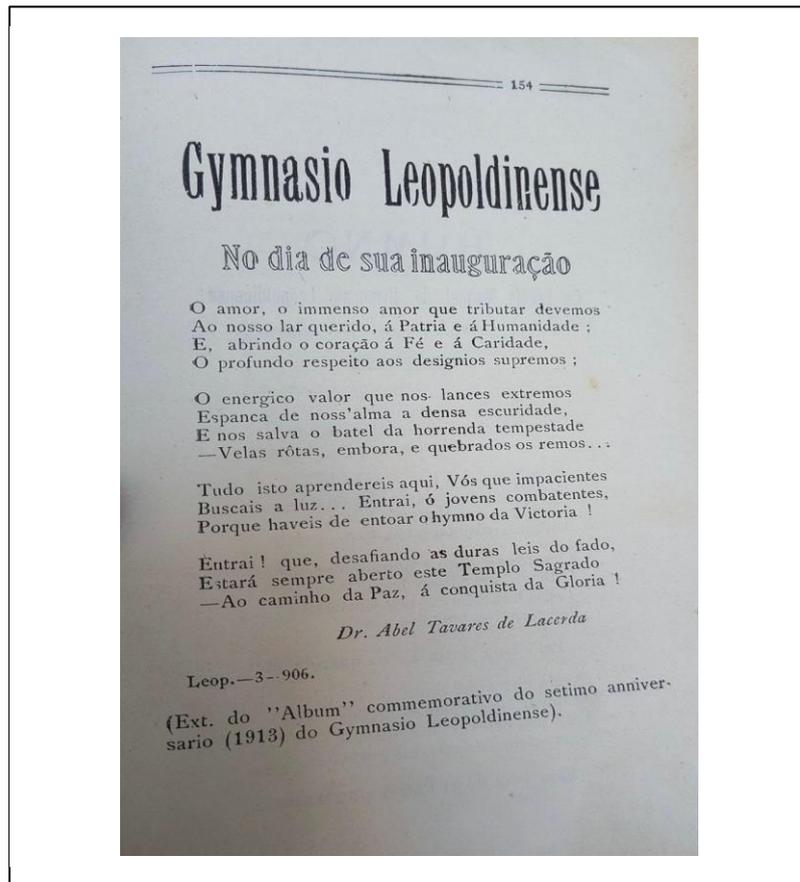
O autor, Custódio de Almeida Lustosa, em sua “Descrição do Gymnasio Leopoldinense, em 1913” deixa claro em sua narrativa que a escola estava bem equipada para as suas funções de ensino e aprendizagem, pois as salas eram munidas de carteiras magníficas e outros aparatos. Elogiou, com eloquência, o espaço destinado para as várias atividades desenvolvidas no recreio e os dormitórios – pela ampla circulação de ar – que garantia a higiene do espaço e demais materiais que propiciassem aos docentes as facilidades para “alcançar os mais brilhantes resultados”:

Todas estas salas são munidas de carteiras magnificas, como apenas vi em raros collegios do Rio. Os quadros-negros, os mappas muraes, os aparelhos variadissimos, para o ensino intuitivo, estão sempre á disposição do professorado, que assim dispõe de todas as facilidades para alcançar os mais brilhantes resultados (Reis, 1925, p.152-153).

Ao final de suas observações, declara que o pedido solicitado a respeito das suas impressões sobre o estabelecimento de ensino foi exercido de forma sincera: nem contra e nem a favor.

Outra impressão que denota a importância dessa escola na memória dessas pessoas, está na página 154: um poema: “Gymnasio Leopoldinense No dia de sua inauguração”, de Dr. Abel Tavares de Lacerda, evidenciado na foto da Figura 17.

Figura 17 - Poema “Gymnasio Leopoldinense No dia de sua Inauguração”

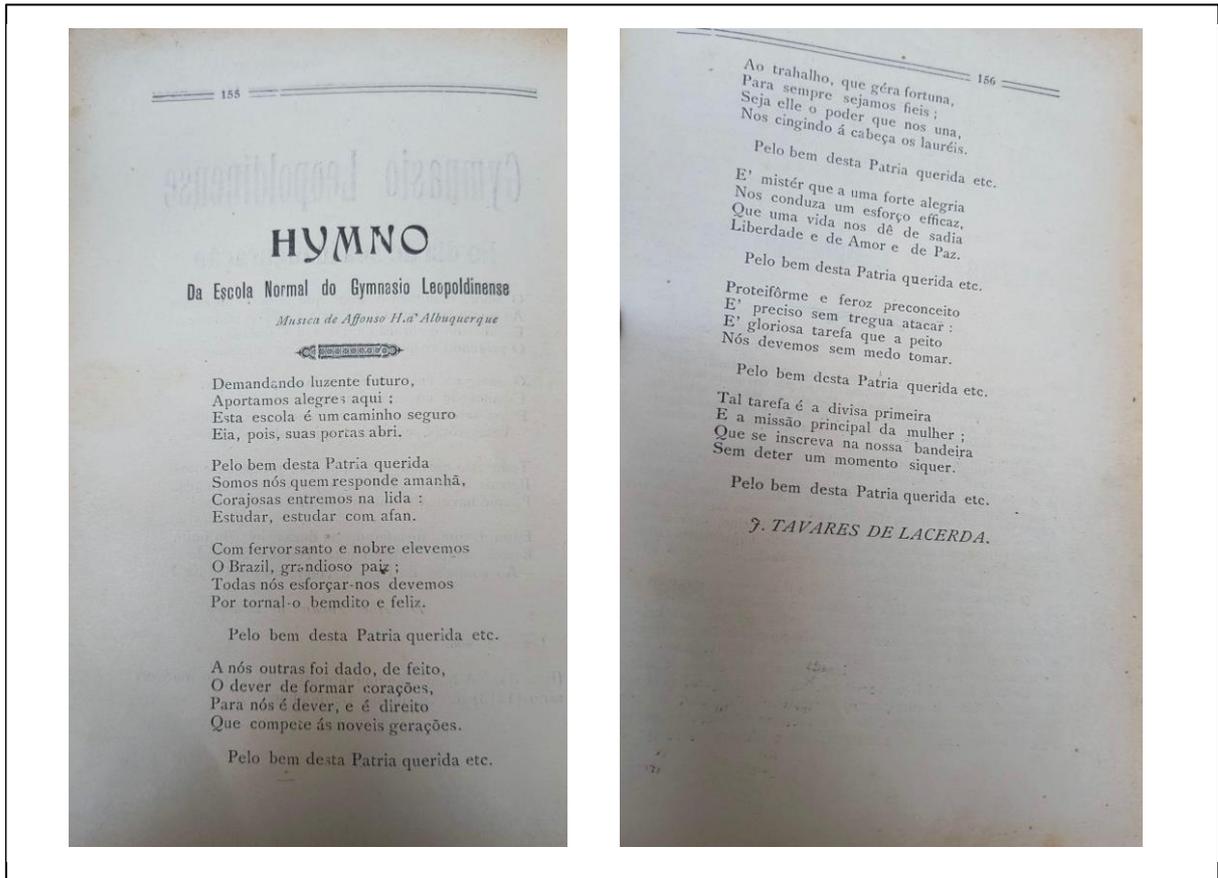


Fonte: Reis (1925, p.154).

O poema faz referência à importância da escola no cenário educacional da época, como um farol que se instala a iluminar os caminhos de quem se propuser a desbravar o mar da ignorância em busca da luz e da glória do conhecimento.

Em seguida, temos na Figura 18 o “HYMNO da Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense”, com música de Affonso H.a' Albuquerque:

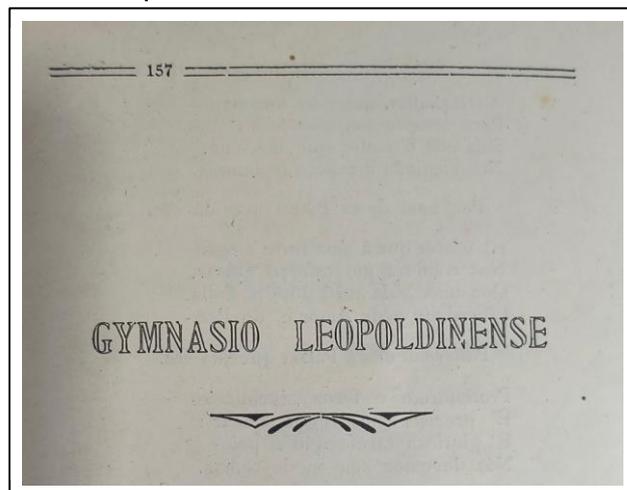
Figura 18 - “HYMNO Da Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense”



Fonte: Reis (1925, p.155-156).

O hino é uma homenagem ao “fazer” da mulher que se lança na tarefa de conduzir as futuras gerações, com alegria e esforço para o futuro glorioso da Pátria.

Figura 19 - Foto de um dos tópicos da Parte Geral: “GYMNASIO LEOPOLDINENSE”



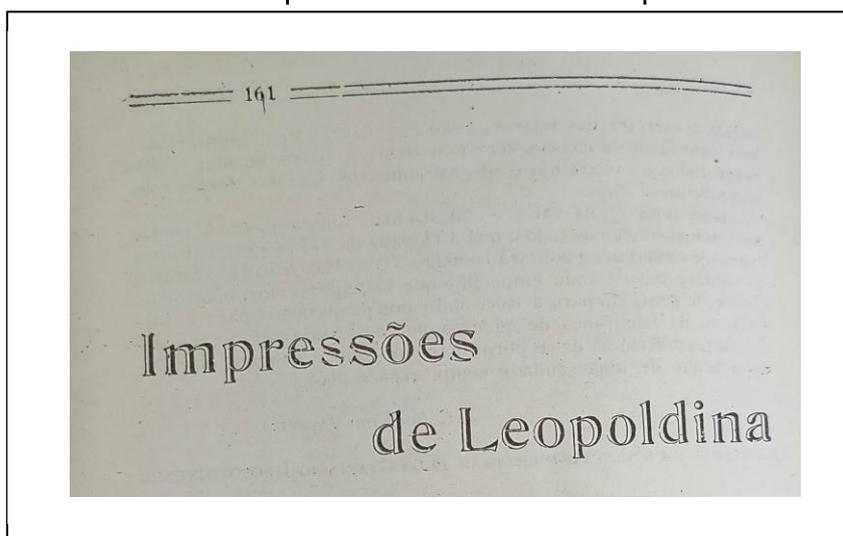
Fonte: Reis (1925, p.157).

Extraído das páginas 157 e 158 – encontradas na “parte geral”, no tópico: “Gymnasio Leopoldinense” da *Revista do Ensino Mineiro* –, de 15 de fevereiro de 1914, dirigida pelo prorecto professor Lindolfo Gomes, inspetor regional de ensino, o texto enaltece, por ocasião da ampliação do curso de Aprendizado Agrícola, a educação que os alunos receberam na instituição, além de propagar os feitos e as obras de ampliação para garantir e consolidar o seu lugar de destaque na educação do estado de Minas Gerais.

Exalta os diretores, os professores, os egressos que se encontram cursando as universidades do País e também as professoras normalistas, em face da reforma do ensino primário, interferindo com sua competência e seu devotado serviço nessa tarefa. Percebe-se, assim, a valorização atribuída aos estudantes que estiveram em contato com a proposta educacional e sociopolítica da instituição e que, agora, encontravam-se atuando nos diversos locais e espaços sociais, dentro e fora do estado.

O Gymnasio Leopoldinense não é unicamente uma conquista patriótica e civilisadora destinada a circumscrever-se ao meio que a viu surgir e triumphar. E' antes um dos mais bellos expoentes do desenvolvimento e aperfeiçoamento da instrução mineira em todos os seus departamentos, effectivando esse moderno ideal pedagógico - a integralisação do ensino e quasi realizando o do ensino universitario, a que chegará, pois não devemos duvidar da energia, da persistencia de acção, do patriotismo e da competencia dos benemeritos directores geraes do grande instituto e de seu incansavel e illustre director tecnico, auxiliado brilhantemente por n na pleiade, selecta e distincta, de educadores seguramente affeitos aos labores profissionais e á causa da educação, que em Minas vai apaixonando todos os espiritos e interessando os nossos estadistas (Reis, 1925, p. 157-158).

Figura 20- Foto de um dos tópicos da Parte Geral: “Impressões de Leopoldina”



Fonte: Reis (1925, p. 161).

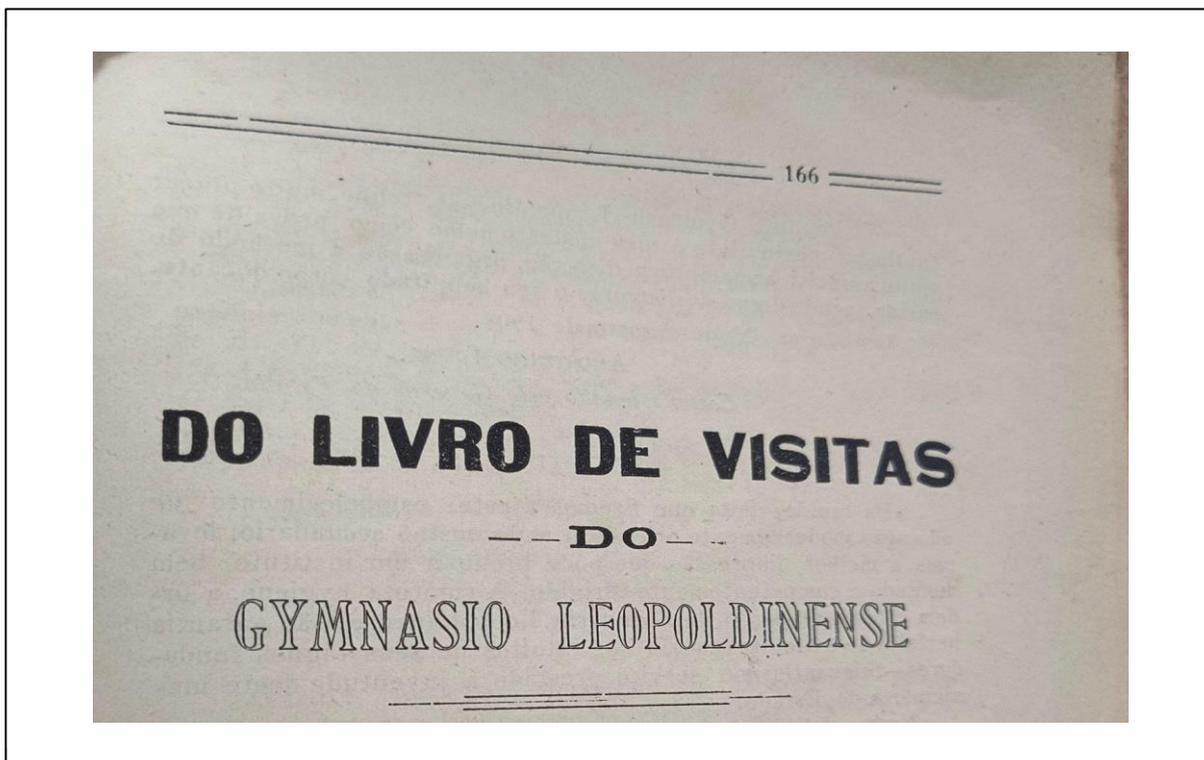
Nas páginas finais (161 a 164) do *Ementario*, na seção: “impressões de Leopoldina”, temos a narrativa de Waldemiro Potsch – professor do Colégio Pedro II, evidenciando uma Minas Gerais que se preocupa com a educação, tendo em vista a quantidade de instituições como os liceus, o corpo docente, as escolas normais e os estabelecimentos de ensino superior, bem como a escolha dos prédios onde esses se instalam. Ele chega a tratar o município de Leopoldina como a cidade dos estudantes, situado na Zona da Mata mineira, a qual denomina a região mais progressista do estado. Destaca a imparcialidade nos chamados “pedidos de proteção⁷”, os cursos, a ordem, a disciplina, dentre outros (Reis, 1925).

Ainda nas páginas finais deste livro de lembranças, visualizamos o tópico (Figura 21): “do livro de visitas - do - Gymnasio Leopoldinense”, com as impressões das visitas de inspetores técnicos de ensino, de professores do Colégio Pedro II ao secretário do Conselho Superior de Ensino, J. B. Paranhos da Silva. Termina, finalmente, com o “Índice alfabético do volume 1 - 1906 - 1922”, dando a impressão de continuidade, mas, ao que tudo indica, até o momento, apesar do desejo de outras

⁷ “Um outro ponto em que o Gymnasio Leopoldinense, e também os outros collegios do interior, destôam dos desta Capital, é no que diz respeito aos pedidos de protecção. Nem os politicos, nem os professores apparecem com os célebres cartões a pedir uma palavrinha em particular ao doutor examinador... Directores e corpo docente se mantêm completamente alheios aos trabalhos dos exames, deixando que aqueles que vão julgar cumpram as suas obrigações de examinadores imparciais” (Reis, 1925, p. 163-164).

publicações em outros recortes temporais⁸, não encontramos vestígios de que tenha sido redigido um outro volume desse *Ementario*.

Figura 21 - Foto de um dos tópicos da Parte Geral: “DO LIVRO DE VISITAS DO GYMNASIO LEOPOLDINENSE”



Fonte: Reis (1925, p.166).

3.4.2 O *Ementario* da Escola: indícios das matemáticas presentes

Nesta análise, direcionamos a busca para encontrar e perceber as matemáticas presentes nos cursos oferecidos, suas permanências ou não e a forma como elas se apresentavam na organização curricular nas diferentes modalidades de ensino ofertadas pela escola. Construiremos nossa narrativa separando os diversos cursos ofertados pelo Gymnasio Leopoldinense, à medida que esta análise identifique essas

⁸ Em janeiro de 1925, assinado pela diretoria do GL, encontramos a respeito de prováveis erros na publicação do *Ementario*, anunciando: “A’quelles que os notarem, pedimos communicar-os á directoria do Gymasio, para que sejam corrigidos e ressaltados no proximo volume (1923-1925) do *Ementario*, cuja publicação pretendemos fazer brevemente” (Reis, 1925, pré-textual).

matemáticas, seja em tabelas e quadros, sejam em menções presentes no texto do *Ementario*. As matérias, chamadas ensinos, evidenciadas por esta análise serão grafadas em negrito, tal qual se encontram no *Ementario*, e algumas delas estão entre parênteses para evidenciar que estavam atreladas a outros ensinos e/ou conhecimentos.

Aqui apresentaremos, de forma sintética, os cursos ofertados pela escola no período. Optamos por ordená-los de acordo com o ano de sua oferta:

Quadro 2 -Cursos presentes no “Gymnasio Leopoldinense”

CURSO	ANO DE INÍCIO
Primário	1906
Secundário	1906
Curso Normal	1907
Cursos Preparatórios	1909
Curso Agrícola/Aprendizado Agrícola ⁹	1912/1914
Curso de Farmácia	1912
Curso de Odontologia	1913
Instrução Militar	1918

Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

3.4.2.1 Curso Primário

Compreendia o jardim de infância e os cursos de adaptação,¹⁰ sendo que, apenas no jardim de infância eram “admitidas, como externas, somente as crianças de quatro a sete anos” (Reis, 1925, p. 14). É provável que, ao considerar as crianças como externas, dissesse respeito ao não pertencimento delas ao regime de internato.

Este curso dividia-se em três graus e compreendia o ensino das seguintes disciplinas: escripta, lingua patria, **arithmetica**, geografia e historia do Brasil,

⁹ Anteriormente à instalação do Aprendizado Agrícola de acordo com o Ementario (Reis, 1925), em junho de 1914, funcionava o “Curso prático de criação e agricultura”, destinado aos alunos dessa escola e compreendia noções de “*agricultura geral, hygiene rural, contabilidade agrícola e economia rural*”.

¹⁰ O curso de adaptação tem por fim o preparo de alumnos para o curso secundário, podendo a matricula ser feita em qualquer época, sendo o aluno classificado segundo o seu adiantamento (Reis, 1925, p.14).

instrução moral e cívica, **geometria elementar e desenho**, lições de cousas, musica vocal, gymnastica callisthenica e instrução militar.

3.4.2.2 *Curso Secundário*

Sua finalidade, expressa no *Ementario*, tinha por objetivo preparar os alunos de ambos os sexos para exames de matrículas em todas as escolas superiores da República em que poderiam ser classificados, sem preocupação com a seriação e, sim, com seu grau de adiantamento. Compreendia o estudo das matérias: Portuguez, Francez, Allemão, Latim, Geographia geral e do Brasil e Cosmographia, Historia geral e do Brasil, **Arithmetica, Algebra, Geometria e Trigonometria**, Physica e Chimica, História Natural, **Logica** e Psychologia, Historia da Philosophia, **Desenho**, Gymnastica, Musica e Instrução militar.

Uma observação, a título de curiosidade, era que os alunos poderiam ser matriculados em qualquer época, mas só poderiam prestar os exames preparatórios aqueles que efetivassem sua matrícula até o dia 31 de março.

3.4.2.3 *Exames prestados junto às Bancas Examinadoras concedidas pelo Conselho Superior de Ensino*

Encontramos, na análise das matérias cobradas nesses exames, tabelas de resumo em que também constava a quantidade de alunos aprovados, reprovados e faltosos, de 1916 a 1922. Em 1916 e 1917, são citadas: Arithmetica, Algebra, Geometria e Trigonometria e, a partir de 1918 até a última observada em 1922, a Trigonometria é extinta nos exames e aparecem apenas: Arithmetica, Algebra e a Geometria.

Encontramos ainda, nessas tabelas, as colunas de aprovados que se distinguem pelos termos “simplesmente”, “plenamente” e “com distinção”: “Eram utilizados os termos: aprovado com **distinção, plenamente e simplesmente, para designar os alunos**, que entre a média de 0 a 10 tiravam notas superiores a 9, entre 5 e 9 e entre 1 e 5, respectivamente” (Oliveira, 2016, p.150, grifo nosso).

3.4.2.4 Curso Normal

No ano de sua instalação, a Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense tinha duração de três anos e compreendia a educação intelectual, física, moral e profissional necessária ao preparo de professores primários, com as qualidades fundamentais ao magistério público.

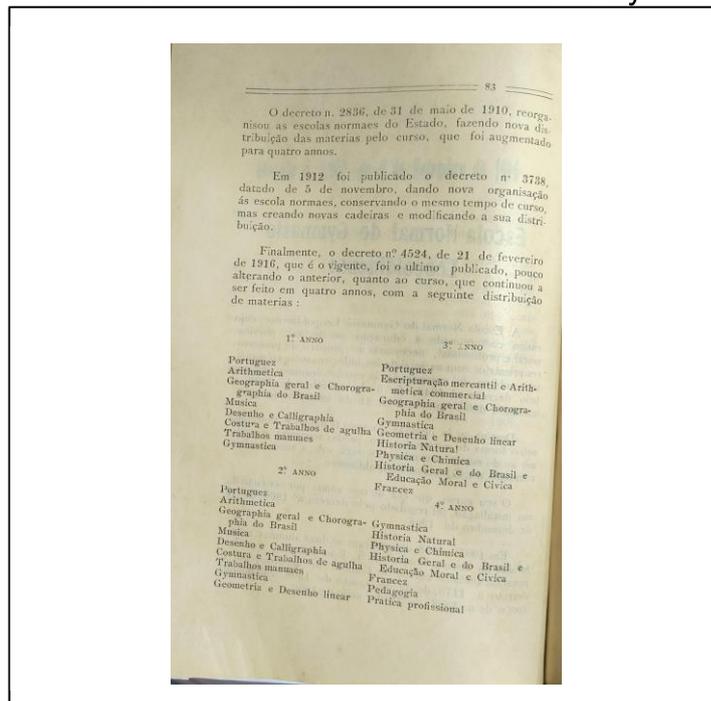
Destinava-se às pessoas do sexo feminino, em regime de externato e, embora funcionasse em prédio separado, estava sob a administração do Gymnasio Leopoldinense.

No 1.º Ano, encontramos, como disciplinas ofertadas relativamente às matemáticas, **Arithmetica e (Desenho e Calligraphia)**.

No 2.º Ano, encontramos novamente a **Arithmetica (Desenho e Calligraphia)**, além da **(Geometria e Desenho linear)**.

No 3.º Ano, novamente, a **(Geometria e Desenho linear) e (Escripturação mercantil e Arithmetica commercial)** – estamos utilizando os parênteses como maneira de mostrar que as disciplinas estavam nomeadas dessa forma (em bloco) – e, no 4.º Ano, não encontramos, nas disciplinas oferecidas, nenhuma marca de matemáticas ofertadas. Entretanto, numa disciplina intitulada “prática profissional”, talvez, pudesse conter um saber prático relativo à Arithmetica e/ou Geometria.

Figura 22 - Foto da Matriz Curricular da Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense



Fonte: Reis (1925, p.83).

A Figura 22 representa o “quadro de matérias” — denominação utilizada no *Ementário* —, que aqui denominamos matriz curricular, a fim de facilitar o entendimento e as reflexões *a posteriori*. Optamos por empregar essa nomenclatura, por se tratar de um termo amplamente utilizado na atualidade para designar a organização sistemática dos conteúdos e disciplinas, o que permite ao leitor estabelecer relações mais claras entre a estrutura curricular da época e as concepções educacionais vigentes.

3.4.2.5 As Outras Modalidades de Ensino

Na análise deste *Ementário*, volume 1, ao examinar os cursos de Instrução Militar e também o de Pharmácia, não foi possível perceber traços matemáticos em seus ensinamentos ofertados. Já a matriz do curso de Odontologia, não foi encontrada no documento.

Os alunos aprovados em Instrução Militar obtinham, assim, a “caderneta de reservistas do Exército Brasileiro”.

Já no curso de Ensino Agrícola – destinado aos “desvalidos”, órfãos, filhos de pequenos lavradores e outros que não podiam “curar” seus estudos –, os “ensinos”, em nossa análise, baseavam-se no caráter prático dos conhecimentos.

Concluimos, após leitura atenta, que o objetivo era o “ensino do fazer”, conforme as finalidades pedagógicas eram apresentadas. Citamos algumas habilidades e competências que deveriam ser alcançadas: preparo da terra, plantio, irrigação, alimentação dos animais, pequenas construções rurais, economia rural, contabilidade agrícola e outras, levando-nos a pensar numa matemática prática, das operações básicas, da confecção de modelos (desenho), medidas e das proporções.

Os alunos aprovados no Ensino Agrícola, ao final do curso, recebiam um certificado de habilitação referente aos conhecimentos e habilidades adquiridos (Reis, 1925).

3.4.3 A *Gazeta de Leopoldina* e as matemáticas no *Gymnasio Leopoldinense* entre 1906 e 1922

Vamos esclarecer alguns pontos que consideramos importantes, antes de adentrar nos ensinamentos matemáticos disponibilizados aos estudantes do *Gymnasio Leopoldinense* – no período de 1906 a 1922. Este recorte foi pensado a partir da investigação, ao pesquisar a disponibilidade de acesso a um documento preservado nesta instituição de ensino - o *Ementario* -, que sintetiza toda a dinâmica escolar dessa escola nesse período. E, assim, lembramos aqui, embora já mencionado anteriormente, que o objetivo da publicação do *Ementario* em 1925, foi uma forma de manter vivas na lembrança das pessoas e, em especial, dos estudantes, as memórias dos bons momentos vivenciados no estabelecimento

Visámos enfeixar em um unico volume o movimento escolar desse periodo, afim de que os nossos ex-alumnos guardem uma lembrança da sua passagem pelo estabelecimento, dos seus companheiros de estudo e de seus mestres (Reis, 1925, Prefácio).

A partir daí, buscamos encontrar outras fontes, documentos, que deem mais corpo a este presente estudo, que o enriqueçam com novos dados, como livros utilizados nos cursos ofertados, professores, matrizes curriculares, instruções de conteúdo e também metodológicas que subsidiem a nossa pesquisa, uma vez que o acervo encontrado na escola e o *Ementario* não conseguem, sozinhos, responder a algumas questões para o encaminhamento desta pesquisa.

O objetivo geral deste estudo consiste em saber mais sobre o ensino da matemática, nesse contexto do início do século XX, nessa região mineira, a Zona da Mata, para construir uma representação, visando responder a seguinte questão de pesquisa: que saberes matemáticos estiveram presentes no *Gymnasio Leopoldinense*, no início do século XX, entre 1906 e 1922?

Para essa empreitada, elencamos um objetivo específico: procurar vestígios sobre esses saberes, para falar desse passado, construindo uma narrativa que responda ou tente responder a nossa pergunta norteadora.

Ao procurar esses vestígios, encontramos uma outra fonte histórica: o jornal a *Gazeta de Leopoldina*¹¹. Debruçamo-nos sobre essa publicação desde a fundação do *Gymnasio Leopoldinense*, em 3 de junho de 1906¹², uma vez que ela trazia em seu interior uma secção especial denominada “*Gymnasio Leopoldinense*”, que tratava de assuntos diversos sobre a instituição, desde avisos simples ao regimento interno.

Apresentamos a seguir, na Figura 23, o registro fotográfico do primeiro exemplar encontrado no acervo da Biblioteca Municipal, após a inauguração do *Gymnasio Leopoldinense*:

Figura 23 - Foto da “*Gazeta de Leopoldina*” em 10/06/1906



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Leopoldina.

Muitos exemplares, ora separados em blocos encapados com papel branco, ora encadernados, categorizados por ano de publicação, encontram-se, hoje, no acervo da Biblioteca Municipal de Leopoldina, em prédio próprio e localizada no centro da cidade. Bastante deterioradas, muitas dessas publicações são quase impossíveis

¹¹ Segundo Oliveira (2016), apesar de não ter sido o jornal mais antigo do município, foi o de maior longevidade: de 1895 até 2004, englobando ao longo desse período, 3.115 exemplares publicados.

¹² O Jornal *Gazeta de Leopoldina* era representativo dos interesses do Partido Republicano Mineiro. Ele congregava diversos aliados, dentre eles seus redatores, que eram, em sua maioria, professores do Ginásio Leopoldinense, que também atuavam como profissionais liberais. Este impresso, dirigido por José Monteiro Ribeiro Junqueira, foi assim o principal meio de produção intelectual destes docentes (Oliveira, 2016, p.130).

de manusear, sem que se esfurem ou rasguem. Vale ressaltar a ausência de diversos exemplares, o que compromete a continuidade das análises e a sequência de registros ao longo do tempo. Na Figura 24, temos uma noção de como se encontram esses exemplares.

Figura 24 - Fotos de exemplares (compilados) do jornal a Gazeta de Leopoldina



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Leopoldina.

Conforme aponta Oliveira (2016, p.135), “a ênfase dada à rotina das instituições escolares do período, em especial do Ginásio Leopoldinense [...]”, constituiu-se na primeira e principal razão para escolher esse periódico como fonte para aprofundamento e busca de elementos novos sobre os saberes matemáticos nessa instituição de ensino, como a estrutura organizacional dos diversos cursos ofertados, estatutos, programas de ensino e outros mais.

Iremos tratar agora, nos próximos tópicos, sobre o que encontramos em nossas pesquisas, embasado, principalmente, nos exemplares da *Gazeta de Leopoldina*. Entretanto, sempre que necessário, para enunciar, expandir e, quem sabe, explorar um determinado dado, ideia ou conjectura, iremos utilizar outras fontes para o intento – que é aprofundar e entender sobre esses saberes presentes nos diversos cursos oferecidos pelo Gymnasio Leopoldinense. Optamos por enunciá-los, quando for o caso, pela sua ordem cronológica de funcionamento. Oliveira (2016) deixa claro que nem sempre a data de criação do curso esteve atrelada ao seu início de funcionamento: a Escola Normal, equiparada às escolas normais oficiais em 6/9/1906,

pelo decreto nº 1942, foi organizada em 16/12/1906, pelo decreto nº 1960 e instalada definitivamente - o que entendemos ter sido iniciada e posta em funcionamento - em 21/2/1907 (Reis, 1925, p. 82).

Assim organizados nessa configuração escolhida, ao mesmo tempo, procuramos entendê-los, em sua essência e, também, como seus ensinamentos foram escolhidos, selecionados e aplicados com o intuito de formar a elite que se perpetuaria no poder: o *Gymnasio Leopoldinense* “era o ‘viveiro de homens dignos e superiormente instruídos” (Nogueira, 2011, p. 75). E o que se pretendia, com a fundação da escola, começa a se evidenciar:

Traçava-se o perfil de uma elite dominadora, superior, em busca da coisa pública, do bem comum. A esta elite estava destinada a direção do país. Ribeiro Junqueira, através do Ginásio, recrutava jovens leopoldinenses e de outras localidades para formarem uma nova força política, uma nova elite, digna de ser tida como tal: ela é culta, é empreendedora e formada dentro dos padrões de conduta moral preestabelecidas pelo seu criador. Desse grupo, saíram, futuramente, políticos, artistas, escritores, profissionais liberais, professores, que ocupariam um lugar de destaque dentro da sociedade e deteriam tanto capital cultural quanto econômico (Nogueira, 2011, p. 76).

Podemos enriquecer essas evidências, citando Cunha (2007, p.157), quando afirma que a Primeira República evidenciou um aumento na procura do ensino secundário por parte dos latifundiários. E isso decorreu do valor que se dava, na época, à formação dos filhos destes nos cursos superiores, primeiramente, em razão da possibilidade de oferecer-lhes uma educação e formação desejáveis para o desempenho de suas atividades políticas; e, segundo, visando ao aumento do prestígio da família no seu espaço de influência.

3.4.3.1 O Curso Secundário

Antes de adentrarmos nos ensinamentos secundários dessa instituição, iniciados em 1907, vamos refletir e tecer algumas considerações sobre a conceituação de Ensino Secundário:

Por ensino secundário, entendemos o nível de escolarização intermediário entre o primário e o superior, que se constituiu no Brasil como estudos de formação geral. Ao longo do século XX, o secundário passou por diversas alterações e mudanças de denominação. Durante a Primeira República, o termo foi utilizado tanto para designar os cursos regulares cuja duração oscilou de cinco a sete anos de

duração, quanto para os exames parcelados e cursos preparatórios para o ensino superior (Carvalho; Gonçalves Neto, 2019, p. 389).

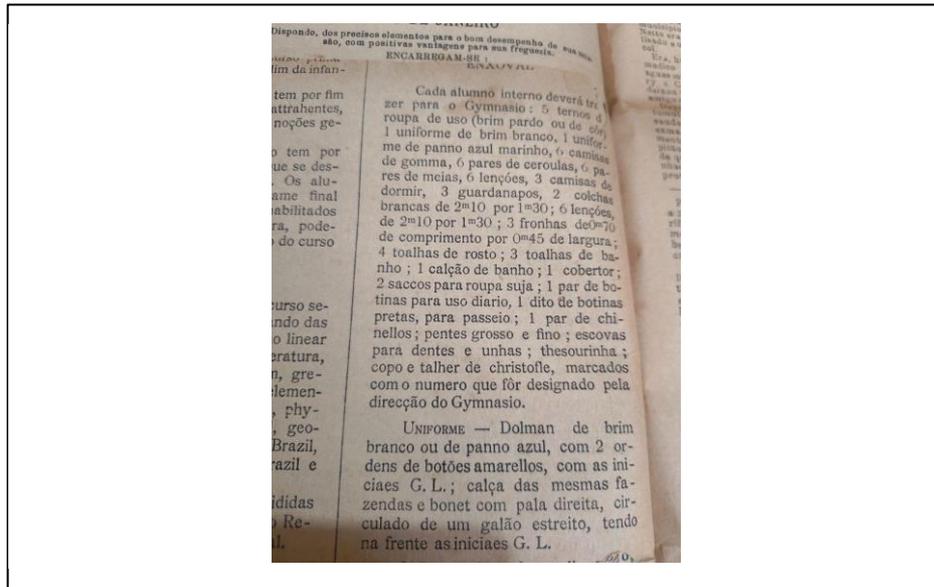
No Gymnasio Leopoldinense a primeira turma de formandos deu-se em 1910 e no ano seguinte, com a finalidade de absorver esses estudantes, foram criadas as faculdades de Pharmacia e Odontologia. O Curso Secundário, de acordo com Oliveira (2016), tinha a finalidade de atender pessoas de ambos os sexos, mas, foi voltado, desde o seu início, à formação do sexo masculino, mesmo que uma ou outra aluna o frequentasse. Essa observação sobre gêneros torna-se necessária ou pertinente nesta análise sobre os ensinamentos matemáticos, uma vez que evidencia a distinção econômica entre os estudantes.

Além da distinção de gênero, a distinção de classes também se dava internamente através dos uniformes. Estes podiam ser disponibilizados pelo Ginásio Leopoldinense por preços distintos entre os feitos de brim, que eram mais baratos, e os de pano azul (Oliveira, 2016, p.148).

Ainda segundo Oliveira (2016), um dado relevante que evidencia a consonância entre o Gymnasio Leopoldinense e o modelo adotado pelo Colégio Pedro II refere-se à oferta das modalidades de externato e internato. Nessa última modalidade, os estudantes internos dispunham, ao longo do dia, de cinco refeições, organizadas da seguinte forma: café da manhã com pão e manteiga, almoço, merenda, jantar e, ao final do dia, chá acompanhado de pão e manteiga.

E o enxoval exigido, outro elemento de diferenciação do secundário do estabelecimento, era acessível apenas às famílias abastadas, devido à quantidade e variedades de exigências. Temos o enxoval, publicado na Gazeta, conforme a ilustração da Figura 25.

Figura 25 - Foto das instruções para os uniformes dos estudantes



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Leopoldina.

A forma de ingresso para essa instituição, em seu primeiro ano de funcionamento, consistia nos exames de admissão, e vamo-nos ater somente às exigências de arguições e às provas escritas sobre conhecimentos matemáticos:

Noções de [...] Aritmética[...]eram realizados na forma escrita e oral. [...]Aritmética, limitada às operações e transformações relativas aos números inteiros e às frações ordinárias e decimais. [...] arguição sobre aritmética, sistema métrico, morfologia geométrica,[...] (Gazeta de Leopoldina, 1906-1907 *apud* Oliveira, 2016, p. 149).

Consideramos relevante e simbólico registrar a primeira matrícula realizada no Gymnasio Leopoldinense (Figura 26). O aluno “Edson Moura de Oliveira Guimarães”, do sexo masculino, foi matriculado em três de junho de 1906, no Curso Secundário, sob a condição de aluno externo.

Figura 26 - Foto da primeira matrícula efetuada no Gymnasio Leopoldinense

N.º da Matrícula	NOME	Idade	Filiação	Classificação	Numeração
3-6-06	Edson Moura de Oliveira Guimarães	15	Dr. João de Deus		
	2 Ely de Lacerda Hirsch	7	Gra. Emilia Hirsch		

Fonte: Acervo da Autora (2025).

Em 1907, as turmas do secundário tinham que se submeter aos exames finais, sendo o de Aritmética e Álgebra, no 2.º ano; e Álgebra e Geometria, no 3.º ano, que se realizavam em dezembro, ao final do ano letivo, frente a uma comissão – a banca examinadora –, constituída por professores da própria instituição, mas sob a fiscalização do governo. Além do exame de Aritmética, uma prova gráfica de desenho era exigida (Gazeta de Leopoldina, 1906 -1907 *apud* Oliveira, 2016, p. 149).

Os resultados dos exames, bem como as faltas diárias dos alunos (Gazeta de Leopoldina, 1918 *apud* Oliveira, 2016), deveriam, em cumprimento à legislação vigente, ser também publicados na imprensa. Os estatutos do Gymnasio Leopoldinense apontam que o Curso Secundário, após 1917, assumiu caráter exclusivamente preparatório para as escolas superiores da República, possibilitado pelo decreto federal nº 11530, de 18/03/15. Nele constava que os exames preparatórios voltassem a ser realizados no próprio estabelecimento, válido em todo território nacional (Gazeta de Leopoldina, 1917 *apud* Oliveira, 2016).

Ainda de acordo com Oliveira (2016), o programa do Gymnasio Leopoldinense seguia aquele que a Reforma Benjamin Constant¹³ preconizou para o Colégio Pedro II¹⁴, e nele constavam, para os ensinamentos matemáticos, as seguintes disciplinas: Matemática, Astronomia e Desenho, de acordo com o Decreto nº 981, de 08 de novembro de 1890. Essas matérias seriam ministradas em sete anos de curso, e Oliveira (2016) cita também os livros elencados para esses ensinamentos: Couturier (*Aritmética*); Olavo (*Cadernos para Desenho*); F. I. C. (*Aritmética*); Trajano (*Aritmética progressiva*); Vianna (*Aritmética*) e Serrasqueiro (*Álgebra*).

¹³ O autor da reforma é um militar de formação positivista que esteve à frente do primeiro ministério criado para cuidar das questões educacionais (ministério da instrução pública e dos correios e telégrafos). Os princípios orientadores da reforma eram: liberdade e laicidade do ensino e gratuidade da escola primária. A organização escolar estruturava-se da seguinte forma: a) escola primária organizada em dois ciclos: 1º grau para crianças de 7 a 13 anos; 2º grau para crianças de 13 a 15 anos; b) escola secundária com duração de 7 anos; c) ensino superior reestruturado: politécnico, de direito, de medicina e militar (Filho, 2005, p.2). E, segundo Bomeny (2019), ele defendia que o ensino primário não fosse apenas preparatório, mas facilitasse essa ascensão, priorizando a formação científica em detrimento da abordagem literária, que, em sua visão, limitava o progresso educacional. Sua reforma estruturou o ensino seriado, ampliou o currículo e incentivou o enciclopedismo. Influenciado pelo positivismo de Comte, Constant rompeu com a tradição jesuítica ao substituir o modelo acadêmico clássico por um currículo mais abrangente, com ênfase nas disciplinas científicas.

¹⁴ Conforme afirma Bomeny (2019), mesmo antes da promulgação da Constituição de 1891, Benjamin Constant definiu o Ginásio Nacional como referência para o ensino secundário e tornou obrigatórios os exames de maturidade para ingresso no ensino superior.

Esses exemplares, adotados pelo Ginásio Nacional, eram disponibilizados para venda na sede da *Gazeta*, conforme se observa na Figura 27.

Figura 27 - Foto dos livros disponíveis para compra na Livraria da *Gazeta*



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Leopoldina.

Pelos títulos das obras adotadas, entendemos que essa Matemática aborde os ensinamentos de Aritmética e Álgebra. É importante salientar, conforme afirma Andrade (2023), que somente em janeiro de 1929, pelo Decreto nº 18.546, a aritmética, a geometria e a álgebra – antes ensinadas de maneira separada – passaram a constituir-se como disciplina única – a matemática. Esse decreto contou com a anuência de mais de dois terços dos professores do Colégio Pedro II.

Em 1917, baseado na Reforma do Ensino de 1915¹⁵, o Ginásio Leopoldinense encontrava-se organizado com os seguintes ensinamentos matemáticos: Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria e Lógica e Psicologia.

¹⁵ Ministro da Justiça do governo Venceslau Brás, Carlos Maximiliano promoveu em 1915 mais uma reforma educacional que voltou atrás em decisões tomadas pela Reforma Rivadávia Correia e estabeleceu outros tantos encaminhamentos. Os pontos mais importantes desta

De acordo com Cunha (1986, p.172-173), a Reforma Benjamim Constant, além de expandir os canais de acesso ao ensino superior, também possibilitou que condições legais fossem criadas para que escolas particulares que disponibilizassem o nível superior concedessem diplomas com o mesmo valor que aqueles expedidos pelas faculdades federais, desde que estas incluíssem nos currículos as mesmas disciplinas presentes nos currículos das escolas oficiais.

Em relação a esta constatação, e que interessa às nossas futuras análises para o nosso estudo sobre essa instituição, o Gymnasio Leopoldinense, que tinha caráter particular e oferecia dois cursos superiores, o de Farmácia e Odontologia, era assim regulamentado:

Em dois de janeiro de 1891, foram publicados dois decretos com providências nesta direção. O decreto 1.232-G criava o Conselho de Instrução Superior com a competência para aprovar os programas de ensino das escolas federais, e das que lhes fossem equiparadas; de propor ao Governo Federal, os regulamentos para a inspeção dos estabelecimentos federais e das faculdades livres (Palma Filho, 2005, p.2).

Segundo o *Ementario* (Reis, 1925), o Gymnasio Leopoldinense, desde sua fundação, em três de junho de 1906, buscou organizar-se – com o intuito de equiparação ao Ginásio Nacional – de acordo com dois decretos: o federal, nº 3.890, de 1 de janeiro de 1901 (Código Epitacio), e o decreto nº 3.914, de 26 de janeiro de 1901, que regulamentou o Ginásio Nacional. Com este objetivo traçado, conseguiu a nomeação de um fiscal federal, em novembro de 1906 – o Dr. José Tavares de Lacerda –, e esta equiparação efetivou-se através do decreto federal nº 7.193, de 26 de novembro de 1908.

Entendemos que, como até então, quem quisesse frequentar um curso superior teria que se deslocar até o Colégio Pedro II para realizar os exames que o faria apto a frequentar uma universidade no País, esta equiparação agrega um prestígio ainda

reforma podem ser assim sintetizados: a) foram restaurados os certificados de conclusão do curso secundário expedidos pelo Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, reconhecidos pelo governo federal; b) foi reinstituída a possível equiparação de outros estabelecimentos de ensino ao Colégio Pedro II, desde que fossem estabelecimentos públicos estaduais; c) foram reinstituídos os exames preparatórios parcelados, pelos quais os estudantes não matriculados em escolas oficiais poderiam obter certificados de estudos secundários reconhecidos pela União; d) foi mantida da reforma anterior apenas a eliminação dos privilégios escolares. Além de possuir um certificado de conclusão reconhecido pela União ou um certificado de aprovação nos exames preparatórios, para entrar no curso superior o aluno teria que prestar também um exame vestibular. A Reforma Carlos Maximiliano, portanto, reoficializou o ensino, restabelecendo a interferência do Estado eliminada pela reforma anterior (Bomeny, 2019).

maior para a instituição leopoldinense: além de fornecer uma educação baseada nos mais modernos modelos, ainda possibilitava esse ingresso em cursos superiores, inclusive na própria instituição, que oferecia dois deles: o de Farmácia e o de Odontologia.

O Gymnasio Leopoldinense funcionava nos moldes do Ginásio Nacional até a publicação da Lei Rivadavia¹⁶ (Lei Orgânica do Ensino, de 06 de abril de 1911):

Na vigencia da 'Lei Rivadavia', o GYMNASIO LEOPOLDINENSE passou por uma nova organização, tendo sido lecionadas, em cinco annos de curso secundario, tão somente as materias exigidas nos exames de admissão para as matriculas nas diversas escolas superiores do Paiz, perante as quaes os alunos se submettiam, em exames de conjuncto, ás respectivas provas (Reis, 1925, p.14).

A partir de 1916, o Gymnasio Leopoldinense voltou a promover os preparatórios, embasados no decreto nº 11.895, de 14 de janeiro de 1916, e passou a requerer as bancas examinadoras ao Conselho Superior de Ensino, conseguindo-as de 1916 a 1922 (Reis, 1925).

Uma observação a respeito do alinhamento do Gymnasio Leopoldinense com o Colégio Pedro II elenca as disciplinas dispensadas nesse estabelecimento mineiro

O curso gymnasial é idêntico ao do Gymnasio Nacional, cujo regulamento e programa serão fielmente observados, e constará de seis annos, comprehendendo as disciplinas seguintes: desenho, portuguez, literattura, francez, inglez, allemão, latim, grego, mathematicas elementares, elementos de mechanica e astronomia, physîca e chimica, historia natural, geographia, especialmente do Brasil, historia, especialmente do Brasil, e logica (Gazeta de Leopoldina, 1906).

¹⁶ Reforma Rivadávia Correia (1911) – Ministro da Justiça do governo Hermes da Fonseca, Rivadávia Correia foi o responsável pela Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental, aprovada pelo Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911, que revogou formalmente a reforma anterior, de Epitácio Pessoa. A nova lei eliminou o exame de madureza e a equiparação dos estabelecimentos de ensino secundário ao Colégio Pedro II. Por ela, o Estado retirou toda e qualquer interferência no setor educacional. Ficou estabelecido um ensino completamente livre, e foi abolido o reconhecimento oficial de certificados dos cursos secundários das escolas equiparadas. Foram também abolidos os certificados de conclusão do Colégio Pedro II, expedidos por quase um século, e extintos os exames preparatórios parcelados feitos junto às faculdades, que de certa maneira atestavam os estudos secundários. Dali em diante, não seria mais preciso comprovar estudos secundários. As faculdades interessadas em receber alunos promoveriam o exame de admissão[...]. (Bomeny, 2019).

A seguir, os Quadros 3 e 4 expõem as disciplinas do primeiro ao sexto ano, conforme o regulamento do Gymnasio Leopoldinense. Além das disciplinas de matemática, o quadro também inclui a carga horária total de outras matérias listadas. Adotamos essa abordagem para embasar nossas considerações posteriores sobre a relevância atribuída aos saberes matemáticos, objeto desta pesquisa. A inclusão do número de aulas das demais disciplinas permite uma análise proporcional dessa distribuição. Em alguns casos, como no 1.º Ano, as aulas de matemática correspondem a mais de 40% da carga horária total, enquanto no 2.º e 3.º Anos ultrapassam 30%, o que pode indicar a ênfase dada a essa área do conhecimento.

Quadro 3 - Regulamento do “Gymnasio Leopoldinense”, com as disciplinas do 1º ao 3º Anos (novembro de 1906)

1º Anno		2º Anno		3º Anno	
Disciplinas	Nº de Aulas	Disciplinas	Nº de Aulas	Disciplinas	Nº de Aulas
Arithmetica	4	Algebra	3	Geometria	4
Desenho	3	Arithmetica		Algebra	
-	-	Desenho	3	Desenho	3
Total (matemáticas)	07	Total (matemáticas)	6	Total (matemáticas)	7
Outras Disciplinas	10	Outras Disciplinas	12	Outras Disciplinas	11
Total Geral	17	Total Geral	18	Total Geral	18

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Quadro 4 - Regulamento do “Gymnasio Leopoldinense”, com as disciplinas do 4º ao 6º Anos (novembro de 1906)

4º Anno		5º Anno		6º Anno	
Disciplinas	Nº de Aulas	Disciplinas	Nº de Aulas	Disciplinas	Nº de Aulas
Trigonometria	4	Mecânica e Astronomia	3	Matemática	2
Geometria		-		Lógica	3
Algebra		-		-	-
Desenho	2	-		-	-
Total (matemáticas)	6	Total (matemáticas)	3	Total (matemáticas)	5
Outras Disciplinas	17	Outras Disciplinas	21	Outras Disciplinas	21
Total Geral	23	Total Geral	24	Total Geral	27 ¹⁷

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

A análise dos saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense, a partir dos quadros apresentados, permite identificar a distribuição e a importância desses conteúdos ao longo dos seis anos de estudo:

1. 1º Ano, a disciplina de Arithmetica aparece com 4 aulas semanais, enquanto o Desenho conta com 3, totalizando 7 aulas dedicadas aos ensinamentos matemáticos. Esse número representa aproximadamente 41% do currículo total deste ano, que possui 17 aulas semanais;
2. No 2º Ano, há uma diversificação dos conteúdos matemáticos, com a introdução da Algebra, que se soma à Arithmetica. Contudo, o número total de aulas de matemática reduz-se para 6, enquanto as demais disciplinas somam 12, resultando em uma proporção menor em relação ao ano anterior, aproximadamente, 33%;

¹⁷ Encontramos, em nossas incursões ao acervo da Gazeta, o total de 26 aulas, mas optamos por apresentar no quadro o valor 27, pois pensamos se tratar, provavelmente, de um erro de escrita (Gazeta de Leopoldina, 1906).

3. No 3º Ano, a carga horária da matemática volta a aumentar, com a introdução da Geometria, que recebe 4 aulas semanais, saindo a Arithmetica. O total de aulas dedicadas à matemática chega novamente a 7, mantendo-se relevante dentro do currículo. As demais disciplinas totalizam 11 aulas, o que indica uma maior equiparação entre os conteúdos e a proporção sobe para, aproximadamente, 39%;
4. No 4º Ano, nota-se a substituição da Arithmetica e Algebra pela Trigonometria, acompanhada do Desenho, resultando em 6 aulas matemáticas semanais. O total geral de aulas aumenta para 23, reduzindo proporcionalmente a representatividade da matemática no currículo, agora em 26%, aproximadamente;
5. No 5º Ano, a carga horária de matemática é significativamente reduzida, com apenas 3 aulas semanais, dedicadas à Mecânica e Astronomia. Acreditamos ter saberes matemáticos envolvidos nessas disciplinas. Esse é o ano em que a matemática apresenta sua menor presença no currículo, correspondendo a apenas 12,5% das 24 aulas totais;
6. No 6º Ano, a matemática retoma certa relevância, com 5 aulas semanais. No entanto, há distribuição específica dos conteúdos, pois aparece o termo matemática, sem o detalhamento nos anos anteriores, como Algebra, Arithmetica, Geometria e Desenho, aparecendo somente nesse “Anno”, a Logica. O total de aulas gerais aumenta para 27, tornando a participação matemática proporcionalmente menor do que nos primeiros anos – apenas cerca de 18,5%;

No Curso Secundário, observa-se uma estrutura curricular mais ampla e variada em termos de conteúdos matemáticos, com disciplinas como Arithmetica, Algebra, Geometria, Trigonometria e até mesmo Logica. De maneira geral, os conteúdos matemáticos mais recorrentes são Arithmetica, Algebra, Geometria e Desenho, com ênfase maior nos anos iniciais. Nos três primeiros anos, as matemáticas ocupam papel de destaque, com carga horária significativa e conteúdos que avançam do concreto ao abstrato, denotando uma formação mais sistemática do raciocínio lógico e da linguagem simbólica. Importante salientar que o “Desenho” apresenta a maior frequência, aparecendo nos quatro primeiros anos. Nos anos finais, contudo, essa presença se reduz, com a entrada de disciplinas voltadas a áreas mais específicas, como Mecânica e Astronomia, que, embora não identificadas

exclusivamente como matemáticas, exigem domínio conceitual e técnico da área, refletindo, talvez, um direcionamento mais técnico e científico nos anos finais do *Gymnasio Leopoldinense*.

3.4.3.2 *O Curso Normal*

Assim como procedemos, ao discutirmos sobre os ensinamentos matemáticos no curso secundário, iniciaremos também fazendo um esclarecimento sobre o que se pretendia com os cursos normais e sua conceituação à época de sua implantação.

Para isso, lembramos que a primeira delas foi estabelecida na Província do Rio de Janeiro, em Niterói, pela Lei n. 10, de 1835, que determinava, dentre outros:

Haverá na capital da Província uma escola normal para nela se habilitarem as pessoas que se destinarem ao magistério da instrução primária e os professores atualmente existentes que não tiverem adquirido necessária instrução nas escolas de ensino mútuo, na conformidade da Lei de 15/10/1827. A escola seria regida por um diretor, que exerceria também a função de professor, e contemplaria o seguinte currículo: ler e escrever pelo método lancasteriano; as quatro operações e proporções; a língua nacional; elementos de geografia; princípios de moral cristã (Tanuri, 2000, p. 64).

Nos anos seguintes a essa criação, foram se propagando instituições semelhantes em outras províncias do país e, em Minas Gerais, no ano de 1835. E foi instalada, em 1840, a Escola Normal de Ouro Preto.

Entendemos que esses preâmbulos, bem anteriores ao nosso recorte, sejam necessários para entender os processos da gênese, as finalidades e as transformações do Curso Normal ao longo das décadas do século XIX, para subsidiar nossas discussões sobre esse curso, mais especificamente o que se inseria no GL. Pensamos que alguns processos que se estabeleceram na esfera macro (País) possam ter encontrado ressonância no micro (o *Gymnasio Leopoldinense*).

Após a segunda metade do século XIX, com novas ideias circulando, a educação passou a ser vista como fator decisivo para uma sociedade mais desenvolvida, e as escolas normais vieram a gozar de um currículo mais ampliado; e antes espaço exclusivamente masculino, possibilitou o ingresso de mulheres. Anteriormente, segundo Tanuri (2000), algumas características comuns a esses estabelecimentos eram uma organização didática simples, em que um ou dois professores ministravam todas as disciplinas com a duração de dois anos.

A inserção das mulheres nesses estabelecimentos, dentre outros fatores, já evidenciava a participação que se destinava a elas no cenário do ensino brasileiro, e o magistério agora ofertado a elas solucionava o problema de mão de obra com pouca procura pelos homens, devido à baixa remuneração – para a escola primária (Tanuri, 2000).

A Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense, que passou a funcionar em 1907, em um prédio separado e próximo ao do Curso Secundário em regime de externato, destinava-se às pessoas do sexo feminino. No ano de sua instalação, sua duração era de três anos, regulado pelo decreto de n. 1960, de 16 de dezembro de 1906 (Reis, 1925).

Conforme o *Ementario* (Reis, 1925), em 1907, o corpo docente destinado a esse curso era constituído por sete professores – 6 do sexo masculino e 1 do sexo feminino –, e as matrículas resumiam-se a 54 alunos para o 1.º Ano: 49 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, para o 3.º Ano (Regime Antigo), 1 aluno do sexo masculino e para o 4.º Ano (Regime Antigo), 2 alunos do sexo feminino, totalizando 57 alunos matriculados em seu primeiro ano de funcionamento. Da lista de professores que lecionavam para o Primário (6 professores do sexo masculino), para o Secundário (10 professores, todos do sexo masculino) e para o Curso Normal (7 professores), encontramos uma interseccção de 6 deles, todos do sexo masculino, lecionando simultaneamente em dois níveis de ensino. No entanto, não é possível afirmar com precisão quais conteúdos eram efetivamente lecionados por esses profissionais, uma vez que foram descritos de maneira generalizada, sem especificar as disciplinas.

A primeira diplomação aconteceu no ano de 1908 – referente a uma das alunas matriculadas em 1907, no 4.º Ano, pelo Regime antigo. Dos alunos que realizaram sua matrícula em 1907 no 1.º Ano e diplomados em 1910, constam 14 alunos, todos do sexo feminino.

Encontramos, distribuídos em “CADEIRAS” - conforme a Figura 28 -, os ensinamentos matemáticos destinados ao Curso Normal para as escolas equiparadas: a “2.ª CADEIRA”, nomeada “Aritmethica, geometria e escripturação mercantil”, para o 1.º, 2.º e 3.º Anos, respectivamente, e a “6ª CADEIRA”, nomeada de “Desenho”.

Figura 28 - Foto da nomenclatura das cadeiras 2 e 6



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Leopoldina.

Para facilitar, elaboramos alguns quadros com esses ensinamentos, publicizados no periódico: *A Gazeta de Leopoldina* (1908), referentes à 2.^a e 6.^a Cadeiras, para os ensinamentos matemáticos:

Quadro 5 - Quadro sobre os ensinamentos da 2.^a Cadeira, do 1.^o Anno (Arithmetica)

PRIMEIRO ANNO (ARITHMETICA)
<ul style="list-style-type: none"> ● Idéa de grandeza, quantidade e unidade. ● Medida das grandezas por comparação directa. ● Idéa de numero e suas diversas especies. Numeração decimal e systema de numeração romana. ● Numeração das quantias Problemas sobre a numeração. ● Operações fundamentais. ● Addicção e Subtracção de numeros inteiros. Complementos arithmeticos. Multiplicação e divisão de inteiros. Problemas relativos às 4 operações. Propriedades elementares dos numeros deduzidas do estudo das 4 operações. Caracteres de divisibilidade. Restos e provas das 4 operações. ● Numeros primos: - decomposição dos numeros em factores primos, calculo dos divisores de um numero. Divisão por cancellamento. Maximo commum divisor e menor multiplo commum ● Fracções ordinarias e suas propriedades; reducção à expressão mais

simples e ao menor denominador commum. Operações sobre as fracções ordinarias. Problemas.

- Numeros decimais e suas operações. Conversão das fracções ordinarias em decimaes e vice-versa. Dizimas periódicas.
- Quadrado e raiz quadrada de numeros inteiros e fracionários.
- Cubo e raiz cubica de inteiros e fracionarios
- Systema metrico decimal completo . Medida do tempo e do angulo
- As diversas unidades ainda em uso e suas equivalencias metricas. Unidades monetarias. Razões, equidiferenças e proporções. Regra de 3 simples e composta e problemas pelo methodo de redução à unidade. Divisão proporcional.

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Quadro 6 - Quadro sobre os ensinios da 2ª Cadeira, do 2º Anno (Geometria)

SEGUNDO ANNO (GEOMETRIA)

- Idéa de volume, da superficie, da linha e do ponto geometrico. Plano. Posição das rectas em um plano. Angulos planos. Comparação por juxtaposição da grandeza de dous angulos. Bissetriz.
- Angulos adjacentes e verticalmente oppostos
- Triangulos. Casos mais simples de egualdade
- Propriedades dos triangulos isosceles
- Perpendiculares e obliquas. Egualdade dos triangulos rectangulos. Rectas paralelas e. Angulos cujos lados são parallelos e perpendiculares.
- Somma dos angulos de um triangulo e de um polygono . Parallelogrammos. Circumferencia, circulo, dependencia mutua dos arcos e das cordas.
- Secantes e tangentes condicções de contacto e de intersecção de dous circulos. Medidas das linhas rectas. Divisão da circumferencia.
- Medidas dos angulos, angulos inscriptos.
- Conhecimento e uso dos instrumentos no traçado das figuras geometricas
- Problemas de construcões graphicas e exercicios numericos;
- Polygnos regulares. Relação entre a circumferencia e o diametro. Areas dos polígonos e do circulo. Figuras equivalentes.
- Recta e plano perpendiculares, Tecta e plano parallelos. Planos parallelos.

Angulos diedros.

- Planos perpendiculares. Angulos triedros.
- Polyedros em geral. Volume do parallelepipedo e do prisma. Pyramides.
- Semelhança dos Poliedros. Cone, cylindro e esfera, e medida de seus volumes.
- Problemas e exercicios meramente praticos
- Noções geraes sobre algumas curvas usuaes.

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Quadro 7 - Quadro sobre os ensinios da 2ª Cadeira, do 3º Anno (Arithmetica Commercial e Escripuração Mercantil)

TERCEIRO ANNO (ARITHMETICA COMMERCIAL E ESCRIPTURAÇÃO MERCANTIL)

- Revisão do systema metrico. Taboa de pesos e medidas estrangeiros. Taboa de moedas nacionaes e estrangeiras. Porcentagem. Juros simples. Problemas resolvidos pelo methodo de reducção à unidade. Desconto. Commissões. Sociedade Commercial. Cambios indirectos e normais de varios países. Calculo. Noções de progressões de logarithmos; uso practico das taboas.
- Juros compostos, annuidade e amortizações.
- Explicação das taboas. Problemas de seguro de vida.
- Idèa do commercio. Diferença entre commercio de importação e exportação. Sociedades. Contratos.
- Dissolução de sociedade. Liquidação. Fallencia. Companhias e sociedades Anonymas Escripuração. Partidas simples, mixtas e dobradas.
- Livros comerciais. Registro de lettras e obrigações a receber e a pagar. Exercícios. Activo e Passivo. Debito e credito. Mercadorias.
- Titulos, suas acepções e seus fins. Acções e apolices. Facturas. Commissões. Consignações. Despesas geraes. Cauções. Endossos.
- Hypothecas. Frete. Corretagem.
- Contascorrentes. Empregados. Lucros e Perdas. Titulos diversos. Matriculas e registros. Lettras de cambio. Modelos. Balanço em geral. Redacção comercial

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Os três quadros (5, 6 e 7) elencam todos os assuntos que deveriam ser tratados nos ensinamentos matemáticos desta “cadeira” específica para o 1º, 2º e 3º Anos do Curso Normal e preconizavam: “um ensino prático, intuitivo e aplicado às artes e ofícios, abstendo-se, a princípio de definições abstratas e demonstrações científicas” (Gazeta de Leopoldina, 1908).

Em relação aos exames e à prática profissional dessa cadeira – relativa a esses saberes matemáticos –, a prática seria realizada nos grupos e também nas escolas isoladas, de acordo com o “Programma do Primário”. A lição de cada assunto seria introduzida pelo professor, com a participação de suas alunas, e estas reproduziriam nos próximos dias esses assuntos tratados. No que se refere aos exames, o de arithmetica se realizaria no 1º ano, o de geometria no 2º ano e, o de arithmetica commercial, no 3º, conforme a *Gazeta de Leopoldina* (1908).

O professor era a figura central dessa dinâmica de trabalho, e essas aulas práticas eram uma reprodução do que foi ensinado pelo professor, como uma cultura de padronização para essa formação. Esses procedimentos, pensados em seus detalhes, corroboram

as ideias que impulsionaram a criação dessas escolas, o projeto político-educacional que o sustentava, estavam pautados, ainda, em ideias liberais, como próprio nome diz – visava formar pessoas de acordo com a norma – ajudando, assim, a consolidar a hegemonia do grupo conservador que queria direcionar a formação da sociedade (Aratany, 2019, s.n).

Quadro 8 - Quadro sobre os ensinamentos da 6ª Cadeira, do 1º Ano (Desenho)

PRIMEIRO ANNO (DESENHO)
<ul style="list-style-type: none"> ● Cópia, ao natural, sem sombra e sem perspectiva, de objectos isolados, communs e usuaes, em cuja formula predominem linhas rectas, como sejam: reguas, lapis, o quadro negro, uma lousa, livros, uma caixa de charutos etc. ● traçar um angulo igual a outro dado, bissetriz de um angulo, uma perpendicular a uma recta, por um ponto dado na mesma e fóra della. ● Cópia, ao natural, sem sombra e sem perspectiva, de objectos communs e usuaes bem simples, formados de linhas rectas e curvas, como sejam: um balde, uma garrafa, um copo, uma chicara, um vaso de flores, etc.

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Quadro 9 - Quadro sobre os ensinios da 6ª Cadeira, do 2º Anno

SEGUNDO ANNO (DESENHO)
<ul style="list-style-type: none"> ● Cópia, ao natural, com sombra, de cousas inorganicas simples, em que predominem linhas rectas, depois rectas e curvas. ● Traçar perpendiculares ao meio e por um dos extremos da recta, e dividir uma recta em certo numero de partes. ● Construir triangulos e quadrados diversos. ● Cópia, ao natural, com sombra, de cousas organicas, como flores, folhas, fructas etc.

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Quadro 10 - Quadro sobre os ensinios da 6ª Cadeira, do 3º Anno

TERCEIRO ANNO (DESENHO)
<ul style="list-style-type: none"> ● Cópia, ao natural, de cousas animadas, com sombra, a principio de formas simples, depois complexas. ● Cópia, ao natural, de objectos inanimados e animados, com sombra e perspectiva, aperfeiçoando estas mais a mais, a crayon, a fusain e aquarela e a oleo ● Exercicios variados de planos, de efeitos de luz, côres e tons na pintura de paisagens, flores, fructas, caça, agua, animais etc. ● Cópia ao natural, ao ar livre.

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

A prática profissional para essa cadeira, em específico, segue o mesmo modelo da cadeira 2 (mencionado anteriormente), e os exames serão realizados no 3º Anno.

No Curso Normal, os conteúdos matemáticos estão organizados em uma sequência que vai da Arithmetica e do Desenho no 1.º ano, passando pela Geometria e Desenho no 2.º, até alcançar a Arithmetica Commercial e a Escripuração Mercantil no 3.º ano. Trata-se de uma progressão que associa fundamentos da matemática elementar à sua aplicação prática no campo profissional, aparentando um viés, talvez, utilitário. A presença de conteúdos como a Escripuração Mercantil aponta para a valorização das competências voltadas à organização, ao cálculo e aos registros contábeis, essenciais à docência nas escolas primárias e, eventualmente, à

administração de atividades escolares. O Desenho, por sua vez, embora presente em todos os anos, aparece como instrumento complementar, relevante para a transmissão do saber em contextos escolares com escassez de materiais impressos, além do estímulo a noções espaciais e simétricas importantes ao ensino da geometria.

Vamo-nos ater, agora, a algumas considerações sobre esses saberes — o Desenho — presentes em todos os anos nesta prescrição de procedimentos para o Curso Normal. No final do século XIX e início do século XX, o ensino de Desenho nas escolas brasileiras passou por transformações significativas, influenciadas por reformas educacionais que buscavam modernizar o sistema de ensino e alinhá-lo às necessidades socioeconômicas emergentes, refletindo aqui o que se discutia nos quatro cantos do mundo: o Desenho deveria ser considerado uma disciplina fundamental, não apenas como expressão artística, mas como ferramenta essencial para o desenvolvimento de habilidades técnicas e cognitivas. Além disso, Almeida (2017) afirma que o ensino de Desenho visava preparar os alunos para profissões técnicas e industriais, refletindo a ênfase na formação de mão de obra qualificada para atender às demandas do mercado de trabalho da época.

O estudo de Trinchão (2016) nos revela o papel primordial do desenho – ser o suporte para a mudança desse novo homem, mais conformado com o novo panorama social. Serviria como um moderador dos ânimos e precisava ser introduzido nas escolas, atendendo assim à precariedade das nações em relação à mão-de-obra especializada, bem como à sociedade de modo geral (Almeida, 2017, p. 28).

A inclusão do Desenho na formação de normalistas também refletia a preocupação com uma educação mais completa e integrada, em que as artes visuais contribuíam para o desenvolvimento estético e cultural dos professores e, conseqüentemente, de seus futuros alunos. Almeida (2017) aponta que as alunas utilizariam a observação de espaços ao ar livre, exercendo sua liberdade de interpretação ao fazer seus desenhos – do traço simples aos mais complexos – e, finalmente, chegariam aos desenhos em perspectiva. Essas habilidades seriam empregadas em diversas atividades, ultrapassando os limites escolares.

Refletimos e ponderamos que os futuros docentes deveriam ser proficientes nessa disciplina para utilizá-la como recurso pedagógico em sala de aula. O domínio do Desenho permitiria aos professores ilustrar conceitos, elaborar materiais didáticos e estimular a criatividade dos alunos,

[...] pois o programa de ensino trazia o ensino de desenho linear e à mão livre, enfatizando uma formação inclinada à arte que despertasse a capacidade inventiva e criativa das futuras professoras. Aponta-se para uma educação estética e dos sentidos (Almeida, 2017, p. 37).

Esta “prescrição” de conteúdos sofreu críticas no interior do próprio estabelecimento - o *Gymnasio Leopoldinense* - e, não necessariamente, foi seguida à risca no ambiente escolar.

Um dos aspectos mais criticados, de acordo com Oliveira (2016), relacionava-se ao prazo curto para o cumprimento de todo o programa, considerado extenso, pois foi reduzido a três anos para a preparação do futuro professor.

3.4.3.3 O *Jardim de Infância*

O registro que se tem do primeiro *Jardim de Infância* no Brasil é de 1875, com a fundação do *Colégio Menezes Vieira*, na cidade do Rio de Janeiro, e segundo Pereira e Leite (2024), isso estabeleceu-se como marco do protagonismo do setor privado – no segmento da educação pré-escolar –, voltado para a elite e sob parâmetros *froebelianos*. Temos em seguida a *Escola Americana*, em São Paulo, e, em 1896, foi a vez do *Jardim de Infância Caetano de Campos*, de caráter público, mas que atendia aos filhos da burguesia: “ nos primórdios da criação dessas instituições infantis, a discriminação já estava enraizada, os *Jardins de Infância* eram reservados para as classes altas e as escolas maternas, destinadas a população de baixa renda” (Pereira; Leite, 2024, p. 342).

No Brasil, a partir de Faria Filho e Vidal (2000), o desenvolvimento social, aliado às reivindicações da população, impôs a necessidade de se criar um sistema de ensino primário – ou elementar – no qual o espaço e o tempo escolares pudessem interiorizar comportamentos e representações sociais que constituíssem um sistema de valores favoráveis ao cumprimento, pela escola, de suas funções sociais enquanto instituição educacional. A organização escolar, com seus métodos pedagógicos, turmas, classes e espaços, refletia na simbologia cultural e ideológica da instituição. No ensino primário, espaços e tempos foram pensados e representados a partir de uma ordem social e escolar que se refletia na materialidade de seus objetos (quadros,

horários, relógios, entre outros) e na necessidade de institucionalizar-se a escola, conferindo-lhe uma força educativa e uma centralidade na esfera social.

Ainda conforme os autores citados anteriormente, desde a segunda metade do século XVIII e até meados da última década do século XIX, havia um debate acerca dos espaços escolares como expressão de “escolas-monumento”. Isso esteve aliado no Brasil, no final do século XIX e princípio do século XX, a um dos ideais republicanos de constituir um projeto educativo exemplar/espetacular.

A construção do *Gymnasio Leopoldinense* inseriu-se neste período. Sua monumentalidade refletia na sua concepção como um “templo de saber”, cujo projeto político-educativo projetava a sociedade para um futuro no qual a ordem e o progresso seriam condições para romper com um passado que não se queria mais – o passado imperial – e resgatar a força de uma elite econômica e social afetada pelas crises do setor cafeeiro. Seu estilo arquitetônico também foi pensado para “(...) incutir nos alunos o apreço à educação racional e científica, valorizando uma simbologia estética, cultural e ideológica” (Faria Filho; Vidal, 2000, p. 25).

Os autores ainda discorrem que o tempo escolar não era uma realidade comum a todas as crianças. Muitas delas submetiam-se ao trabalho infantil, o que comprometia sua permanência na escola.

A criação e a iniciação, em 1910, desse nível de ensino neste estabelecimento, o GL, justificam-se pelos debates sobre um espaço educativo que pudesse oferecer um tratamento diferenciado entre dois sujeitos: a criança e o adulto. O termo Jardim de Infância tinha por objetivo abarcar os estudantes matriculados nas escolas isoladas ao redor e também nos grupos escolares, oriundos das classes abastadas, e propunha, nesse intento, oferecer uma nova proposta de ensino, mais moderna, além de propiciar meios para o curso secundário e normal – caráter preparatório (Oliveira, 2016). As vagas eram destinadas apenas às crianças do sexo feminino. Mas percebia-se, através de fonte iconográfica – fotografia¹⁸ – uma diferenciação entre os alunos do Jardim de Infância e os do curso preparatório.

Com efeito, no município de Leopoldina, onde, em 1909, foi criado um Grupo Escolar de caráter público, começava a se consolidar um novo discurso educacional. A criação desse curso, na perspectiva do *Gymnasio Leopoldinense*, estava alinhada à ideia de que as escolas públicas deveriam, prioritariamente, atender crianças de

¹⁸ Foto do Curso Primário (Nogueira, 2011, p.107).

famílias pobres. Diante dessa perspectiva, surgia a necessidade de elaborar um programa diferenciado para aqueles que não se encaixavam nesse perfil, garantindo-lhes uma alternativa educacional mais adequada às suas condições sociais.

Essa diferenciação caminhava lado a lado com as propostas de manutenção da hierarquização social, ou seja, havia um ensino para os ricos e outro para os pobres. E isso é percebido com a criação do Curso de Aprendizado Agrícola, voltado para o atendimento a essa parcela da população: menores órfãos e pobres (Oliveira, 2016).

Os ensinamentos matemáticos elencados para esse nível de ensino eram: aritmética, geometria elementar, desenho e lições de coisas e, em seu primeiro ano de funcionamento, foram organizados também para essa modalidade de ensino, os denominados “*cursos práticos*” para o estudo de economia e contabilidade rural, canteiros e estábulos e aulas de preparação comercial (Gazeta de Leopoldina, 1910).

Essa forma de aprendizagem focada em aulas ao ar livre e associada à prática mostra a preocupação em inovar ou inaugurar novas modalidades de ensino para os diversos cursos que a instituição oferecia.

3.5 ENFIM... O QUE PODEMOS DIZER SOBRE AS MATEMÁTICAS NO GYMNASIO LEOPOLDINENSE ENTRE 1906 E 1922?

Uma situação bastante peculiar se apresenta quando o historiador adentra nos campos da pesquisa. Encontra-se ele numa via onde placas de sinalização se apresentam evidenciando percalços, entraves e dificuldades que se estabelecem no ato da busca, das separações, do estabelecimento de possibilidades de escolha e também dos critérios de análises.

Para o historiador, ao analisar documentos históricos

[...] é possível identificar impressões do período em que foram produzidos, mesmo que da forma mais subjetiva possível, tornando os acontecimentos imortais aos olhos dos que analisam esses fragmentos. Porém, **o documento torna-se histórico diante dos argumentos ou da pergunta que é feita pelo historiador/pesquisador, do significado e da interpretação que lhe é atribuído**, como por exemplo, a Carta de Pero Vaz de Caminha ou o Diário de Anne Frank (Carli, 2013, p. 189, grifo nosso).

Para Carli (2013), independentemente do recorte ou da abordagem adotados, a atuação do historiador está intrinsecamente ligada à análise de documentos, registros e vestígios de diferentes naturezas, oriundos de pessoas que viveram em outros tempos e podem, ou não, estar escritos.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos (Febvre, 1949, p. 428 *apud* Le Goff, 1990, p. 540).

Burke (2004) afirma que, ao utilizar as imagens como evidências históricas, é preciso considerar que equívocos podem ser gerados nessa ação, mas que elas também podem evidenciar aspectos da realidade social que, talvez, os textos não abordem a respeito de espaços e épocas. Ele também, em seu estudo sobre a análise das imagens, afirma que elas entregam visões contemporâneas do fato e que devem ser colocadas sob contextos diversos, pluralizados, como os culturais, e/ou políticos e que sempre é necessário observar os detalhes, por menores que eles se apresentem – estas observações não se dirigem apenas às imagens, mas aos textos também.

Podemos citar ainda outros “problemas” que associamos acima, como placas de trânsito a impor atenção no trajeto de historiadora, além de uns tantos outros. Mencionamos alguns que ocorreram nesse trajeto de entender os ensinamentos de matemática priorizados para essa instituição de ensino, o *Gymnasio Leopoldinense*, no início do século XX: fragmentação e ausência de exemplares do jornal utilizado – a *Gazeta de Leopoldina* –, limitações de material iconográfico, quer seja pela qualidade de imagens de textos e fotografias da época, quer pelos tantos outros desafios impostos nessa empreitada.

A partir da escrita sob enfoque da História Cultural,

[...] não há mera pretensão por parte dos historiadores em ostentar a convicção de que estudam os fatos e que o passado estava lá, bem organizado para revelar a sua totalidade, cabendo a ele apenas interpretar com objetividade, sem nenhuma intervenção subjetiva. Essa relação mudou, ou seja, a relação do historiador com o seu objeto certamente muda, a produção do conhecimento histórico é bem

mais complexa, posto que envolve inúmeras e profícuas discussões e problematizações, especialmente no que tange ao principal instrumento utilizado pelo historiador, isso é, as fontes que são produzidas e margeadas pelos interesses de quem as produziu, para o tempo em que as produziu (Kmitta, 2022, p. 59).

Não conseguimos localizar a matriz curricular de todos os cursos ofertados pelo GL - a partir de evidências do *Ementario* e também da *Gazeta*. Caso contrário, algumas lacunas e “silêncios” poderiam ter sido preenchidos.

Evidenciou-se que a escola, ao buscar sempre a equiparação com as escolas oficiais (Colégio Pedro II e a Escola Normal Oficial), trazia em suas disciplinas, mesmo numa região distante dos centros urbanos da época, uma busca pelo que de mais moderno pudesse se apresentar em termos de oferta de ensinosa, nessas terras e em tempos distantes – os chamados “*Sertões Proibidos*”, já mencionados anteriormente. Esse era um diferencial que essa instituição desejava evidenciar ao trazer, para o interior, as propostas e o fazer pedagógico que se realizavam nos grandes centros e nos colégios de ponta da época.

As matrizes curriculares voltadas aos ensinosa matemáticos, em todos os níveis observados, estavam em consonância com os currículos das escolas oficiais renomadas e apresentavam, ao menos no que estava proposto, uma matemática que possibilitasse a educação diferenciada oferecida pelo estabelecimento de ensino, notadamente pela amplitude dos conteúdos, pela diversidade dos cursos e pela infraestrutura de apoio ao ensino, não muito comuns nas demais escolas da região:

O Ginásio Leopoldinense era apenas mais uma escola, com instalações simples e com grandes propostas, que visavam aumentar a qualidade do ensino da região. Dez anos depois ele se havia expandido, tinha novas instalações, aumentou o número de vagas e seus cursos se diversificaram. Atendia desde crianças com 5 a 6 anos de idade até jovens que desejavam um diploma universitário (através dos cursos de Farmácia e Odontologia). No final da década de 1920, tornara-se uma instituição monumental (Nogueira, 2011, p. 83).

Nogueira (2011) afirma que, nesse município, a expansão das escolas particulares foi magnífica e reencarnava o desejo de um futuro próspero, seguindo à risca o seu passado de glórias a partir da cultura cafeeira. Mas, com o passar dos anos, principalmente os estabelecimentos mais modestos ou aqueles cuja sede estava nos distritos, não conseguiram sustentar e competir com as instalações ampliadas, modernas e monumentais, além dos demais serviços educacionais

oferecidos pelo Gymnasio Leopoldinense. O GL, dentro do costume citadino local, assumiu primordial papel. Antes de sua inserção como instituição funcional que assumia a educação de seus filhos, a cidade nunca recebeu um fluxo de pessoas tão pungente, estabelecendo um estímulo econômico, tal como hoje se verifica em centros universitários.

Esses diferenciais trazem para esse estabelecimento de ensino o que pretendia seus idealizadores: “[...] o papel de uma escola particular, principalmente em um período tão rico em acontecimentos, como foram as três primeiras décadas do século XX, extrapola o espaço limitado da educação formal para invadir um campo social muito mais complexo” (Nogueira, 2011, p. 84).

Os diretores do Ginásio Leopoldinense enquanto chefes locais foram além, no sentido de utilizar essa instituição como uma estratégia para expandir seus esquemas de atuação [...]. Esta instituição de ensino se configurou como um aparelho institucional que em certa medida colocava o estado a seu serviço (Oliveira, 2016, p. 93).

A reconstrução da matemática ensinada no Gymnasio Leopoldinense durante o período delimitado por esta pesquisa requer uma análise aprofundada de diversas fontes e comparações com instituições similares, além do estudo das práticas pedagógicas que caracterizaram a proposta educacional da época. Entretanto, a pesquisa enfrenta desafios inerentes à escrita da História, especialmente, no campo da História Cultural em que a escassez de documentos impõe limites à reconstituição dos saberes escolares.

Conforme Ayala e Zevallos (2001), as limitações inerentes à pesquisa histórica em educação, a escassez de fontes e a necessidade de reconstrução do passado impõem desafios significativos ao pesquisador. Eles destacam que a compreensão das limitações da pesquisa histórica depende diretamente da análise do próprio conceito de história, das diferentes abordagens teóricas, dos acontecimentos do passado, bem como das fontes utilizadas e das críticas a elas dirigidas:

Embora a investigação histórica se realize no terreno da evidência, **é impossível que ela venha a estabelecer certezas sobre o acontecido**. O máximo que a historiografia tem a oferecer é uma narrativa que tenda à redução das incertezas (Ayala; Zevallos, 2001, p. 2, grifo nosso).

A ausência de registros, como cadernos de alunos, planejamentos docentes e diretrizes institucionais para o ensino de matemática evidencia a fragilidade da materialidade disponível, resultado do próprio processo de dispersão e perda documental ao longo do tempo. Além disso, o tempo exíguo para a realização desta pesquisa no âmbito do mestrado impõe recortes metodológicos que, embora necessários, restringem a abrangência da análise pretendida.

Dessa forma, a pesquisa busca, dentro das possibilidades documentais e teóricas acessíveis, lançar luz sobre os elementos que compõem a cultura escolar e a matemática ensinada nesse contexto reconhecendo, ao mesmo tempo, as lacunas que permeiam a investigação histórica.

O que percebemos foram vestígios do que se pretendia nessa instituição para os ensinamentos matemáticos, no mesmo nível de ensino que outros - e citamos como exemplo o grupo escolar público, presente na cidade – o Grupo Ribeiro Junqueira¹⁹. Enquanto a matriz curricular dos cursos pesquisados no GL denotava uma abundância de conteúdos alinhados aos modelos vigentes à época e também a forma como o estudante deveria proceder durante as aulas, o que se esperava do grupo escolar era apenas ler, contar e realizar pequenos cálculos (Oliveira, 2016). Na Escola Normal, encontramos em Oliveira (2016), outro exemplo que trazemos à discussão, que diz respeito ao espaço destinado a seu funcionamento: possuía três salas de aula, sendo uma delas composta por um pequeno museu, destinada aos estudos práticos, com carteiras diferenciadas com espaço moveleiro acoplado a elas para anotações. Esta organização dava-se nos mesmos moldes do *Pedagogium*²⁰, que preceituava a

¹⁹ Este foi criado em 14 de janeiro de 1907 pelo decreto nº 2112 e inaugurado em 09 de março de 1908, recebendo o nome de Grupo escolar de Leopoldina. [...] a construção do Grupo escolar não apresentava a monumentalidade atribuída às instituições públicas primárias criadas no período. Logo nos primeiros anos de seu funcionamento apresentou a necessidade de reformas em suas instalações, devido às condições precárias de suas paredes, sendo necessária a sua transferência para outro prédio, mais afastado de sua região central (Oliveira, 2016, p.98).

²⁰ O Museu Pedagógico Nacional – *Pedagogium* foi fundado em 1890 e organizado pelo Decreto nº 981, o qual previa a reforma das instruções primária e secundária. Era função da instituição oferecer ao público e aos professores, principalmente, os meios de instrução profissional, a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado, inclusive, oferecendo formação de diferentes tipos. Para tanto, era essencial que a instituição cumprisse algumas exigências: manter a exposição permanente de um museu pedagógico; oferecer cursos científicos; expor e montar gabinetes e laboratórios de Ciências Físicas e História Natural; organizar exposições escolares anuais; dirigir uma escola primária modelo; oferecer uma classe para trabalhos manuais; organizar coleções e modelos para o ensino concreto nas escolas públicas e publicar uma revista pedagógica (Marchi, 2020).

oferta de uma instrução profissional através de aperfeiçoados métodos e materiais didáticos. Eram essas professoras – formadas nesse estabelecimento – que seriam inseridas nas escolas da região para cuidar da educação das crianças.

Ainda destacamos, com Oliveira (2016), que mesmo após a perda do *status* de equiparação ao Colégio Pedro II, em 1911, o programa de ensino do GL foi mantido nos mesmos moldes da referida instituição oficial e buscou abarcar todos os cursos estabelecidos numa única instituição, com o objetivo de oferecer uma formação integral aos “filhos da terra”, dentre fazendeiros e profissionais liberais, para garantir uma suposta distinção social.

Esses indícios que carregavam a vontade de seus idealizadores de oferecer um espaço de distinção em sua estrutura física, a oferta de vários idiomas (francês, inglês, latim, alemão e grego), os museus amplamente equipados, os espaços para refeição, exercícios físicos e os de descanso e repouso, a exigência na contratação de professores e os modelos pedagógicos adotados – todos eles apontam que os saberes matemáticos faziam parte desse “pacote” que se desejava impor à sociedade, solidificando sua posição no cenário educacional e no imaginário do município como instituição modelo. Esse intento foi tão observado nesse estudo que até uma bomba d’água – movida a eletricidade – foi enviada da Europa para suprir as necessidades do estabelecimento para o Ensino Agrícola, e houve uma pretensa criação de um lago para a realização de competições de vela – as regatas –, semelhantes às realizadas em universidades estrangeiras.

Numa outra etapa, para caracterizar os saberes matemáticos praticados no GL, entramos a seguir nas obras escolhidas para esse intento e encontramos referências, na *Gazeta de Leopoldina*, sobre os livros didáticos adotados nessa instituição, para o ensino secundário e curso normal²¹. Vamos tratar de uma obra, a *Arithmetica Elementar*, de Antônio Bandeira Trajano²². Sua escolha baseou-se no forte apelo ao método intuitivo que nela se observava, nas evidências de uma tentativa de

²¹ De acordo com A Gazeta de Leopoldina (1906) eram os livros de: Aritmética elementar, de Trajano; Arithmetica, F.I.C. e Arithmetica de Couturier.

²² Segundo Matos (2004, *apud* Oliveira, 2019, p.8-9), Antonio Bandeira Trajano, nascido em 30 de agosto de 1843, imigrou para o Brasil ainda jovem e teve uma trajetória significativa na educação presbiteriana e, como seminarista, lecionou Geografia e Aritmética nas escolas paroquiais. Essa experiência na docência abriu caminhos: de pastor a escritor de livros, ao mesmo tempo possibilitando-o desenvolver-se em outras atividades profissionais. Foi criador e chefe de jornal (O Puritano) e conselheiro de administração financeira de hospital (O Hospital Evangélico Fluminense). Trajano fez o ensino primário e secundário em Portugal, seu país natal.

apropriação que ia além do modelo pedagógico americano - o ensino intuitivo – mas, também, no modelo de fazer livros escolares conforme afirma Oliveira (2019).

Amparado pelas orientações teórico-metodológicas de autores como Choppin (2007), Lebrun (2007), Gerard e Roigiers (1993) e Valdemarin (2004), foi possível identificar princípios pedagógicos do método intuitivo na condução do ensino de Aritmética (Oliveira, 2019, p. 7).

Conforme aponta Oliveira (2019), “como objeto cultural, o livro didático é fruto e elemento configurador da cultura escolar” (Chervel *apud* Oliveira, 2019, p. 14), e sua análise permite a identificação de práticas pedagógicas que se deseja executar ao mesmo tempo em que se documentam as iniciativas voltadas à organização do ensino. Segundo Oliveira (2013), para além disso, ela fornece indícios e evidências que possibilitam ao pesquisador uma aproximação com o cotidiano escolar de épocas remotas, permitindo uma análise mais aprofundada sobre os métodos e as concepções educacionais daquele contexto histórico.

Dos anos finais do século XIX às primeiras décadas do século XX, segundo Oliveira (2019), a “trilogia de Trajano”²³ foi considerada como uma maneira de responder à busca pela renovação nos ensinamentos relacionados a Aritmética. O autor destaca que os livros foram pioneiros ao defender um ensino mais visual, com ilustrações, exercícios contextualizados e aplicação prática dos conteúdos matemáticos. E, para além dos conteúdos, o formato editorial das obras seguia os padrões modernos pela “identificação dos elementos metodológicos que se configuram como projeto inovador e modernizador para se ensinar aritmética escolar” (Oliveira, 2019, p. 15). Como exemplo dessas inovações, citamos a presença de ilustrações na capa que mostram a ação do homem na natureza.

Além do valor didático-pedagógico, os livros de Trajano revelam o esforço de construção de uma pedagogia nacional da matemática escolar que, ao mesmo tempo, dialogava com modelos internacionais e respondia às demandas internas de um país em processo de institucionalização de seus sistemas educacionais: “como se sabe, à época, a escola primária brasileira passava por uma modernização pedagógica” (Oliveira, 2019, p. 13).

²³ Aritmética Primária, Aritmética elementar ilustrada e Aritmética progressiva.

Oliveira (2019) relata ainda que a proposta metodológica contida nos livros de Trajano rompia com o ensino tradicional, centrado na memorização e na repetição de regras, fundamentando-se agora no princípio de proporcionar aos alunos elementos concretos e perceptíveis, de modo a favorecer a observação direta e a construção do conhecimento por meio da experiência sensorial e da interação com os objetos de estudo.

Alguns elementos presentes na obra de Trajano caracterizavam a utilização de pressupostos do método intuitivo – uma renovação pedagógica da época – como as ilustrações presentes, cujo objetivo era “o uso da natureza para extrair o conhecimento e para desenvolver as faculdades inatas no sujeito de julgar, comparar, refletir, perceber e o uso dos sentidos para cheirar, ouvir, tocar e ver as coisas que estão na natureza” (Oliveira, 2019, p. 17).

Partindo desses e de outros pressupostos que elencaram as obras de Trajano como “documento/monumento que informa sobre um passado educacional, em especial o modo de se ensinar aritmética, dos anos finais dos Oitocentos e início dos Novecentos” (Oliveira, 2019, p. 17), podemos supor que a presença da obra de Trajano no currículo do Gymnasio Leopoldinense não deve ser vista como mera reprodução de um modelo dominante, mas como sinal da inserção da escola em uma rede de circulação de saberes e práticas escolares modernas, que visava formar uma elite letrada, disciplinada e racional. A aritmética, nessa perspectiva, ultrapassa seu papel instrumental, sendo compreendida como parte de um projeto de formação moral e intelectual da juventude.

Ao adotar Trajano, o Gymnasio adere a uma proposta que valoriza o raciocínio lógico, a progressividade dos conteúdos e a aplicação prática dos conhecimentos matemáticos, elementos essenciais para a constituição de uma educação moderna e eficaz.

Também adotada pelo Gymnasio Leopoldinense em seus ensinamentos, a obra *F.I.C – Frères de l’instruction Chrétienne*²⁴, embora não abarcasse o que de mais moderno se apresentava para os ensinamentos matemáticos, era também adotada pelo Colégio Pedro II (Andrade, 2023). E isso reforça o alinhamento do Gymnasio Leopoldinense

²⁴ Segundo Andrade (2023) os livros F.I.C - coleção de livros franceses - foram introduzidos no Brasil e, inclusive traduzidos para o português, pelo professor Eugênio Raja Gabaglia.

com essa instituição ímpar, que conseguiu manter sua excelência pedagógica em dois períodos importantes na história do Brasil, o Império e o início da República, e adotou essa obra até o final do século XIX, ou seja, foi amplamente usada em seus ensinamentos matemáticos (Andrade, 2023).

De acordo com Valente (2024 *apud* Andrade, 2023), os manuais *F.I.C.* influenciaram fortemente o ensino da matemática, ao organizarem os conteúdos por áreas distintas – atribuídas em suas partes: aritmética, geometria, álgebra, e outras – e reforçarem a prática por meio de muitos exercícios, substituindo os antigos livros baseados apenas em lições e que priorizavam a memorização de exemplos do professor.

Para ilustrar, destacamos que o *F.I.C.* foi substituído por uma coleção mais moderna, elaborada por Euclides Roxo – *Lições de Arithmetica* – em 1922, marco importante apresentando mudanças significativas, ao serem estruturados os novos programas para os ensinamentos matemáticos (Andrade, 2023).

A partir da segunda metade do século XIX, ecoava um discurso: “[...] para bem ensinar, o professor deveria ser capaz de educar a criança pelo treinamento dos sentidos para a observação” (D’Esquivel, 2019, p. 76).

Neste contexto, a obra de Olavo Freire - outra publicação adotada pelo Gymnasio Leopoldinense com inúmeras reedições -, destaca-se como obra de referência, compondo-se, assim, no repertório necessário para o ensino de Geometria, evidenciando talvez, como principal ferramenta de trabalho do professor para o curso primário, o desenho geométrico (D’Esquivel, 2019). Olavo Freire propõe, em sua obra, uma geometria (prática) reunindo conhecimentos básicos de geometria aliados, quando propõe a resolução de problemas de Desenho Geométrico. E ainda, como recurso e ferramenta didática para ensinar geometria, o desenho transforma-se em elemento principal em sua publicação.

Afirma D’Esquivel (2019) que, no contexto francês, o ensino de uma geometria prática — articulada por meio do desenho geométrico — ganhou destaque especialmente na virada do século XIX, quando se consolidou como uma ferramenta pedagógica fundamental. Ao incorporar essas referências em sua obra, Olavo Freire não apenas reconhece a importância dessa abordagem, mas assume, com convicção, a tarefa de torná-la acessível e relevante no cenário educacional brasileiro.

Nas primeiras décadas do século XX, o desenho geométrico passou a ocupar um lugar de maior destaque nos programas de ensino no Brasil, refletindo uma

valorização crescente dessa prática como instrumento didático. Nesse cenário, a obra de Olavo Freire desponta como referência oficial para o ensino da geometria na escola primária, sendo legitimada por normativas que reconhecem seu valor pedagógico. É o desenho geométrico que se torna o verdadeiro protagonista desse processo educativo, configurando-se como a principal via de acesso à compreensão dos conceitos geométricos (D'Esquivel, 2019).

Analisando essas ideias, podemos pensar que a presença desse manual nos programas de ensino do *Gymnasio Leopoldinense* pode ser lida como um indicativo de sua inserção em um movimento mais amplo de modernização do ensino, especialmente no interior de Minas Gerais, em que instituições de prestígio buscavam não apenas acompanhar, mas também protagonizar inovações didático-pedagógicas. A escolha da obra de Freire, marcada pela organização lógica dos conteúdos e pela valorização do exercício prático e progressivo, demonstra uma preocupação com a formação intelectual e técnica da elite local.

Desse modo, ao adotar esse manual, o *Gymnasio* se afirmava como uma escola que compreendia o papel do ensino da matemática — especialmente da geometria e do desenho — como eixo estruturante de uma formação moderna, técnica e socialmente valorizada. Para ilustrar e esclarecer sobre esse método – o ensino da geometria à luz do desenho geométrico e frente às novidades pedagógicas que se apresentam ao longo das épocas –, em 1905, segundo Silva (2014), o “*casamento*” duradouro entre as matérias desenho e geometria se desfaz pelo Decreto nº 1.281, de 24 de abril,

Ou seja, o estudo da Geometria, suas figuras, definições e construções empregadas como forma inicial no processo de condução ao traçado de desenhos gerais serão reavaliados e criticados. O artigo destaca a importância do método denominado natural, caracterizado por valorizar o cotidiano das crianças e dirigir as atividades para objetos e seres que o cercam (Silva, 2014, p. 67).

Portanto, pode-se afirmar que o *Gymnasio Leopoldinense*, ao incorporar em seu ensino as obras mais inovadoras e difundidas da época, posicionava-se como uma instituição de vanguarda, comprometida com os ideais pedagógicos que guiavam a reforma do ensino no Brasil. A adoção da obra de Trajano e Freire, por exemplo, é um forte indício do projeto educativo que ali se desenvolvia: um projeto voltado à

excelência, à formação de sujeitos instruídos segundo os moldes da modernidade e à afirmação da escola como espaço de prestígio e distinção cultural na região:

Foi o Ginásio Leopoldinense, instituição de caráter particular, que teve seu prédio dotado de arquitetura própria, com intuito de permitir a funcionalidade dos métodos pedagógicos, revestindo-se da monumentalidade que encarnava os ideais republicanos de progresso (Oliveira, 2016, p.108).

A escola almejava atingir dois objetivos principais com sua inserção no cenário educacional de Leopoldina e região. De acordo com Nogueira (2011), o primeiro era ser *monumento*, para deixar sua marca ou uma promessa de transformação da realidade, um novo tempo para os seus cidadãos – a esperança talvez de dias melhores. Já o segundo objetivo estava relacionado à valorização do protagonismo de seus idealizadores, que, por meio de iniciativas próprias, procuravam demonstrar a viabilidade de uma educação acessível aos membros das camadas médias e aos fazendeiros, capaz de formar homens com elevado nível de instrução.

3.5.1 Análise Comparativa dos saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense

Neste tópico, apresentamos dois quadros comparativos elaborados a partir dos saberes matemáticos identificados nas fontes *Ementario* e *Gazeta de Leopoldina* (Quadro 11 e Quadro 12). O primeiro refere-se aos cursos Primário e Normal; o segundo, aos cursos Secundário e Normal.

Ao identificar permanências e mudanças nos saberes matemáticos podemos refletir: *o que se mantém de um curso para o outro? Há um saber matemático que se consolida como base comum?* Isto pode contribuir para um aprofundamento de como certos conhecimentos são considerados essenciais para a formação profissional (Normal) e a formação de uma elite apta à matrícula nos cursos superiores do País e do mundo (Secundário). Ao compreender a hierarquização e finalidade dos cursos, podemos refletir: *O Curso Normal tem conteúdos semelhantes ao primário porque prepara professores para esse nível? Ou aproxima-se mais do secundário, por formar futuros docentes com uma base sólida para ensinar e se distinguir socialmente?* Esta análise pode mostrar a intencionalidade da formação docente como mediadora entre o ensino elementar e o modelo ideal de escolarização da elite. Ao analisar a

constituição de uma cultura escolar matemática em cada curso, pensamos poder entender: *Quais práticas e saberes são legitimados em cada matriz? Há conteúdos mais práticos no primário e mais abstratos no secundário? Como o Curso Normal se posiciona neste aspecto?* Isto pode evidenciar diferentes funções atribuídas à matemática: utilitária no primário, disciplinar no secundário e didática no Normal. Ao entender o papel da matemática na formação de professores e na distinção social, podemos perceber: *O ensino da matemática era pensado como instrumento de ascensão social? Como se articulava ao projeto de modernização e civilidade da época?* Esta perspectiva reforça, talvez, o interesse em compreender os saberes matemáticos como parte da construção de um modelo educacional de prestígio. E ainda: *Como eles se apresentam: isolados ou interligados, com fins teóricos ou práticos?*

Buscamos identificar a partir destas análises, questionamentos e reflexões e mais evidências sobre esses saberes presentes no Gymnasio Leopoldinense, nesses três cursos oferecidos - o Primário, o Secundário e o Normal.

Quadro 11 - Quadro sobre os saberes identificados no Curso Primário e no Curso Normal

Disciplina	Curso Primário	Curso Normal	Presentes em Ambos ?
Aritmética	Sim	Sim	Sim
Álgebra	Não	Sim	Não
Geometria ²⁵	Sim	Sim	Sim
Desenho ²⁶	Sim	Sim	Sim
Escrita Mercantil e Aritmética Comercial	Não	Sim	Não
Prática Profissional	Não	Sim	Não
Lições de Coisas	Sim	Não	Não

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

²⁵ Optamos, na escrita, englobar as disciplinas Geometria Elementar e Geometria por Geometria.

²⁶ O mesmo aconteceu com as disciplinas Desenho Geométrico, Desenho Linear e Desenho e Caligrafia, simplesmente por Desenho.

A comparação entre os saberes matemáticos do Curso Primário e do Curso Normal evidencia permanências fundamentais e também diferenças estruturais que acompanham as funções específicas de cada curso. O primário voltado para a formação inicial que visava preparar os alunos para a próxima etapa, o nível secundário, através dos saberes elementares da Aritmética, Geometria Elementar e do Desenho e da chamada “*Lições das Coisas*” - associada à prática pedagógica do método intuitivo que permitia um contato sensorial através das noções de número, forma e medida, provavelmente. Desejava-se, assim, o domínio das operações básicas e a resolução de problemas do cotidiano e, embora não tenhamos encontrado conteúdos detalhados, evidencia-se a presença de uma formação básica voltada à alfabetização matemática.

O Curso Normal por sua vez - destinado à formação de futuros professores primários - retomava parte desses saberes (Aritmética e Desenho), porém com nível mais avançado exigindo o domínio prático mas, também, a compreensão teórica. Some-se a isso os saberes da Álgebra, que não constava no currículo do Curso Primário, indicando uma preocupação com uma formação mais sólida do futuro professor, habilitando-o a “ensinar” com segurança, talvez, os fundamentos do ensino elementar.

Aritmética, Geometria e Desenho aparecem nos dois cursos, demonstrando, talvez, continuidade entre a base formativa e a formação docente. O Desenho parece apresentar um papel mais introdutório no Primário e com estrutura gradual e progressiva no Normal. A presença da Caligrafia, associada ao Desenho no Normal, reflete um esforço estético para ajudar na formação. A ausência da Álgebra reforça o caráter introdutório do Primário e o Curso Normal não inclui *Lições de Coisas*, embora apareça a Prática Profissional como um elemento pedagógico agregador de conceitos matemáticos importantes à docência, como Álgebra e Aritmética.

Os conteúdos comuns articulam-se, assim, com a função do Curso Normal: preparar o docente para ensinar os saberes do Primário e parece cumprir pelo menos em parte essa função. A presença da Escrituração Mercantil no Normal indica que essa modalidade operava com conteúdos ampliados, voltados à prática docente e administrativa, forte componente da matemática aplicada à economia, reforçando o viés prático-profissional da formação docente.

Quadro 12- Quadro sobre os saberes identificados no Curso Secundário e no Curso Normal

Disciplina	Curso Secundário	Curso Normal	Presentes em Ambos?
Aritmética	Sim	Sim	Sim
Álgebra	Sim	Sim	Sim
Geometria	Sim	Sim	Sim
Trigonometria	Sim	Não	Não
Desenho	Sim	Sim	Sim
Lógica	Sim	Não	Não
Escrita Mercantil e Aritmética Comercial	Não	Sim	Não

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

O Curso Secundário incorpora elementos progressivos do Primário, indicando saberes diversificados (Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria) - exigência nos exames preparatórios para os cursos superiores da República. No Curso Normal, entretanto, a reconfiguração de saberes insere-se sob o prisma da didática, sugerindo uma preocupação com a formação do professor e sua prática docente diária.

Saberes como a Trigonometria, não tem correspondência na formação oferecida pelo Curso Normal, não de forma explícita, indicando uma separação entre a formação de uma elite letrada para frequentar as universidades e uma outra para a formação do magistério, evidenciando uma hierarquização desses saberes e das funções sociais da escola.

Embora sem especificar os conteúdos na íntegra, no Secundário, há uma preocupação com um currículo robusto e preparatório para os exames superiores e os saberes convergentes nos dois cursos nos campos da Aritmética, Álgebra e Geometria, sugerem enfoques variados: enquanto o Normal privilegia sua aplicação prática e intuitiva (voltada à docência), o Secundário se direciona à abstração para os exames - seu objetivo principal.

O Desenho, presente não apenas nesses cursos em análise, mas também no Primário, com funções técnicas, gráficas e artísticas, demonstra sua importância

transversal no currículo: no Secundário mais técnico e acadêmico e no Normal com ênfase formativa e estética.

Os saberes relativos à Escrituração Mercantil e à Aritmética Comercial são exclusivos do Curso Normal, denotando um claro desalinhamento entre os fins pedagógicos dos dois cursos. Enquanto, no Normal, evidencia-se uma preocupação com a formação de um docente que domina saberes aplicáveis ao cotidiano das instituições e da economia - dimensão esta que parece ausente no Secundário -, neste último o foco estava voltado à erudição e ao prestígio nos exames nacionais.

Esses contrastes revelam não apenas as distintas expectativas quanto aos perfis formativos, mas também os projetos sociais e políticos subjacentes aos currículos, configurando uma cultura escolar concebida e estruturada para atender a objetivos educacionais, sociais, culturais, econômicos e políticos bem definidos.

O Gymnasio Leopoldinense, ao estabelecer esses recortes, contribuiu para estruturar caminhos distintos para a elite leopoldinense e para a profissão docente, confirmando essa priorização dos saberes e das funções sociais atribuídas e gestadas dentro da escola.

4 REFLEXÕES FINAIS SOBRE O ENSINO DE MATEMÁTICA NO GYMNASIO LEOPOLDINENSE

Este trabalho propôs-se a construir uma representação dos elementos que constituíram os saberes matemáticos no Gymnasio Leopoldinense, entre os anos de 1906 e 1922, investigando, também, as relações estabelecidas entre esses saberes e os projetos de formação das elites locais. Ao percorrer essa trajetória, buscou-se compreender de que maneira a matemática, como disciplina escolar, integrou-se às estratégias educacionais voltadas para a consolidação de um grupo social que aspirava à afirmação de sua posição e influência nos diversos contextos da sociedade local e mineira.

Neste tópico final, serão apresentadas as reflexões decorrentes deste percurso investigativo, os principais resultados alcançados, as limitações encontradas durante o desenvolvimento da pesquisa e as possibilidades de desdobramentos futuros.

Com base em Bonin (2020), é possível compreender que, no caso do Gymnasio Leopoldinense, a monumentalidade da instituição pode ser interpretada como estratégia para expressar a força coletiva popular, reviver tradições e relações locais, além de ocupar o imaginário social, reafirmando, o poder simbólico associado à escola.

Desde sua fundação, observa-se que o objetivo da instituição de adequar-se, em todos os aspectos — físicos, estruturais, curriculares e metodológicos — aos modelos educacionais tidos como os mais modernos da época, demonstra o desejo de diferenciação da instituição em relação às demais: as equiparações às Escolas Normais Oficiais e ao Colégio Pedro II e o empenho em manter os exames parcelados dentro de seus muros, reforçam a busca por essa distinção.

Com a sua fundação, o Gymnasio Leopoldinense transcende o ato puramente relacionado ao ensino e traz transformações mais práticas, além de causar um *frenesi* na economia local. Conforme afirma Nogueira (2011), a cidade de Leopoldina nunca recebeu um fluxo tão grande de pessoas que para lá se deslocavam para frequentar essa instituição de ensino. Imagina-se que o comércio deva ter apresentado um aquecimento, tal qual acontece, nos tempos atuais, em cidades universitárias: as pensões são reorganizadas, novos comércios são implementados ou são reformulados os que já existiam.

Esse projeto de formação das elites, atrelado aos ensinamentos prestados, teve que ser muito bem tecido, desde suas formas mais complexas às mais simples – como uma colcha a ser confeccionada, onde os “pontos” mais complexos se uniriam aos mais simples. Além de ministrar uma educação para os filhos das oligarquias ou representantes das médias camadas da sociedade local e adjacências, forneceu, pela educação, mão de obra especializada adequada ao mercado de trabalho da época, ou seja, formaria homens para os altos cargos (políticos, inclusive) e também prepararia, dentro das camadas pobres, aqueles que seriam igualmente necessários à propagação dos ideais gestados dentro dos muros da escola, preenchendo, assim, todas as lacunas para que esse sistema político e ideológico obtivesse êxito. Assim, na lógica desse projeto, não se deixava ninguém para trás: todos, em diferentes posições, eram incorporados à engrenagem que sustentava a ordem social e política desejada.

No recorte temporal desta pesquisa, o *Gymnasio Leopoldinense* destacou-se pela ampla diversidade de cursos que oferecia à comunidade local e regional. A instituição disponibilizava formação desde o curso primário, secundário, normal, técnico agrícola, instrução militar, até alcançar o ensino superior, com a criação dos cursos de Farmácia e Odontologia.

A análise da distribuição curricular da matemática no *Gymnasio Leopoldinense*, no início do século XX, revela a importância atribuída a essa área do saber nos primeiros anos da formação secundária. Observa-se um destaque especial no 1.º e 3.º anos, quando a carga horária semanal dedicada à matemática – somando disciplinas como Aritmética, Álgebra, Geometria e Desenho – representou aproximadamente 41% e 39% do total de aulas, respectivamente. Esse dado evidencia que, nos primeiros anos, os fundamentos matemáticos eram considerados essenciais para a formação do aluno, possivelmente como base para os conhecimentos científicos dos anos seguintes. A presença significativa do Desenho como parte dos conteúdos matemáticos também sugere uma valorização do aspecto prático e técnico da formação, alinhado às exigências educacionais da época.

Entretanto, ao longo dos anos, notou-se uma oscilação na presença da matemática, com reduções progressivas, especialmente no 5.º ano (curso secundário), quando a área aparece com apenas 12,5% da carga horária, vinculada a disciplinas como Mecânica e Astronomia. Essa oscilação pode indicar uma reorganização das prioridades curriculares, favorecendo áreas como Humanidades e

Línguas nos anos finais, o que está em consonância com as análises educacionais do período, que apontam para uma formação intelectual e moral voltada à elite dirigente. Assim, embora a matemática possuísse um papel estruturante nos anos iniciais - e, nesse sentido, contribuísse para a formação da elite ao lado de outros saberes -, sua função parecia ser instrumental e preparatória, cedendo espaço a outras áreas, conforme o aluno avançava no curso.

A análise das matemáticas presentes no *Gymnasio Leopoldinense* permitiu compreender que, no conjunto, os saberes matemáticos escolares ultrapassavam a função meramente instrucional, integrando-se a projetos de formação social e cultural da elite local, em consonância com os ideais de modernização e progresso que marcaram as primeiras décadas do século XX em Minas Gerais. Essa escola, ao consolidar-se como uma instituição monumental, desempenhou papel central na redefinição do espaço urbano, no estímulo à economia local e na construção de distinções sociais, conforme apontam Nogueira (2011) e Oliveira (2016). Nesse contexto, a matemática assumiu função estratégica, sendo associada a valores como a racionalidade e a disciplina e ao progresso, características consideradas essenciais à constituição de um cidadão moderno e apto a ascender socialmente.

Os quadros comparativos e suas respectivas análises, permitiram não apenas sistematizar os saberes matemáticos identificados nos cursos oferecidos pelo *Gymnasio Leopoldinense* entre 1906 e 1922, como também aprofundar a compreensão sobre os sentidos atribuídos ao ensino da matemática em cada uma dessas formações. Ao evidenciar tanto as permanências quanto as rupturas entre os cursos Primário, Normal e Secundário, a análise revelou intencionalidades distintas: no Curso Primário, a matemática se apresenta como instrumento de alfabetização e inserção inicial no mundo letrado; no Curso Normal, como saber profissional e didático. Já em se tratando dos Cursos Secundário e Normal, as análises apontam diferenças entre os dois percursos formativos, evidenciando que, no contexto republicano, o ensino de matemática era adaptado às finalidades sociais e pedagógicas de cada formação. O Curso Normal privilegiava a utilidade prática e a aplicação didática, enquanto o Secundário consolidava uma matemática teórica, abstrata e propedêutica, voltada à construção de um capital escolar valorizado nas carreiras superiores. Essas considerações apontam para os fins do *Gymnasio Leopoldinense*: proporcionar educação para o bom desempenho dos discentes como homens e cidadãos; preparar para a inserção de seus estudantes nos cursos

superiores do País, para o bacharelado em letras e ciências e também para formar professores para o exercício do magistério, como pondera Nogueira (2011).

Esses movimentos e alguns outros evidenciam que a escola não se limitava a reproduzir conteúdos, mas se articulava a dinâmicas mais amplas de poder e construção de identidades sociais. A comparação entre os saberes do Curso Normal e do Secundário é especialmente reveladora para a proposta desta pesquisa, pois explicita uma matemática que opera em duas direções: de um lado, aquela voltada à docência, marcada por sua funcionalidade e aplicação prática no cotidiano escolar e institucional; de outro, uma matemática abstrata, teórica e exigente, voltada à formação de uma elite intelectual que aspirava aos espaços universitários e aos quadros administrativos do País. Ainda que tal distinção não surpreenda, considerando a própria finalidade específica de cada curso, ela evidencia uma hierarquia nos saberes escolares que ecoa os projetos de modernização e civilidade do início do século XX, nos quais o domínio da matemática, mais do que um fim em si, representava um meio de distinção social e cultural.

A expansão do Gymnasio Leopoldinense, seu prestígio e sua capacidade de atrair estudantes de diversas regiões mostram que o ensino ali ofertado estava inserido em um projeto político e cultural de afirmação local e regional, atravessado pelas heranças da cultura cafeeira e pelas expectativas de renovação social por meio da educação. Dentre suas características, citamos:

- a) Estudantes e professores empenhavam-se em seu aprimoramento cultural, mantendo-se atualizados sobre os acontecimentos no estado e no mundo, segundo Nogueira (2011);
- b) A primeira conclusão (formatura) de uma turma do curso secundário deu-se em 1910 e, no ano seguinte, idealizaram-se os cursos de Farmácia e Odontologia para absorver esses estudantes e evitar seu deslocamento para os grandes centros urbanos – esses rituais cerimoniais eram divulgados e marcados por apresentações artísticas, musicais, reforçando uma formação de indivíduos diferenciados (cultos e civilizados) pela escola, de acordo com Oliveira (2016);
- c) Para Oliveira (2016), observa-se que a criação do Jardim de Infância, em 1910, não possuía ainda a designação oficial que hoje lhe é atribuída. Naquele contexto, o chamado Jardim de Infância correspondia, na prática, a um curso primário que, sob a justificativa de proporcionar uma educação mais moderna do que aquela oferecida pelo Grupo Escolar Ribeiro Junqueira (público), visava

absorver estudantes em formação inicial. Além disso, tinha como função preparar esses alunos para a continuidade de seus estudos nos cursos secundário e normal;

- d) O Gymnasio Leopoldinense funcionava nos regimes de externato e internato, sendo que, aos alunos internos, eram oferecidas cinco refeições diárias, assim como ocorria no Colégio Pedro II;
- e) Ao incorporar em seu cotidiano escolar obras consagradas, como as de Antônio Trajano e Olavo Freire (adotadas também pelo Colégio Pedro II), o Gymnasio Leopoldinense não apenas demonstrava sintonia com as práticas pedagógicas mais reconhecidas nacionalmente, mas, ao mesmo tempo, afirmava sua intenção de conferir prestígio e excelência à formação oferecida, legitimando-se como espaço de qualidade educacional da época.

A investigação sobre as práticas matemáticas desse período exigiu um olhar atento às fontes disponíveis e aos seus silêncios, pois a escassez de documentos escolares diretos — como cadernos de alunos, provas e registros pedagógicos mais detalhados — impôs limites à compreensão e à elaboração de uma representação dos ensinamentos matemáticos e das práticas de ensino a eles associadas. Esse desafio metodológico reforçou a necessidade de adotar uma postura investigativa que reconhecesse, como afirma Carli (2013), que o documento histórico não possui significado intrínseco, mas torna-se eloquente a partir das perguntas e das interpretações formuladas pelo historiador. Assim, a análise realizada buscou extrair dos fragmentos disponíveis — o *Ementario*, legislações educacionais e jornais da época — as impressões, os valores e as intencionalidades que delinearam o ensino da matemática no Gymnasio Leopoldinense. De acordo com Chervel (1990), as disciplinas escolares não são apenas transmissoras de saberes científicos, mas sim construções históricas que assumem funções específicas dentro da escola, modeladas conforme os objetivos sociais atribuídos à formação escolar. Do mesmo modo, Dominique Julia (2001) destaca que o conteúdo das disciplinas deve ser compreendido dentro da cultura escolar, que define o que é legítimo e a quem ensinar e, também, suas finalidades ao ensinar. Tais perspectivas teóricas ajudam a compreender por que os saberes matemáticos, apesar de comuns aos cursos ofertados, assumiram formas e pesos distintos, conforme as expectativas sociais e as finalidades institucionais de cada percurso e também sustentam a ideia de que esses saberes foram organizados de forma a atender aos diferentes papéis sociais que os

cursos desempenhavam na formação da elite e na manutenção da ordem social. Ao mostrar como a matemática era selecionada, distribuída e hierarquizada entre os cursos, esta análise confirma que a escola não apenas ensinava conteúdos, mas legitimava posições sociais por meio deles, reiterando a função da matemática como instrumento simbólico de prestígio, disciplinamento e distinção.

Ao nos aproximarmos do fechamento das considerações finais deste estudo, cuja intenção é evidenciar os saberes matemáticos presentes no centenário *Gymnasio Leopoldinense*, verificamos que, em relação aos cursos de Instrução Militar e aos cursos superiores de Farmácia e Odontologia, não foi possível identificar com precisão quais conteúdos matemáticos foram efetivamente contemplados e, conforme citado anteriormente, a matriz de Odontologia não foi localizada. No que diz respeito aos cursos superiores, a matriz curricular consultada não apresentou, de forma explícita, disciplinas relacionadas à matemática; ainda assim, por dedução fundamentada na natureza dos estudos farmacêuticos e odontológicos da época, é possível inferir que determinados saberes matemáticos teriam sido utilizados como suporte às práticas formativas. Quanto ao curso de Instrução Militar, a ausência de registros documentais que descrevessem sua matriz curricular impossibilitou uma análise mais precisa dos conteúdos de matemática eventualmente nele ofertados ou não. Essa dificuldade de reconstrução curricular é, como alerta Chartier (2002), uma característica intrínseca ao trabalho historiográfico, no qual a ausência de fontes ou a fragmentação documental impõe ao pesquisador o desafio de interpretar indícios, evitando a tentação de preencher lacunas com certezas artificiais.

Esta pesquisa contribui para o campo da história da educação matemática, ao lançar luz sobre uma realidade pouco explorada: o papel dos estabelecimentos de ensino em regiões interioranas na formação de elites locais e na difusão de valores educacionais modernizadores. Ao evidenciar a importância da matemática nesse processo, reforça-se a compreensão de que os saberes escolares atuaram como instrumentos de legitimação social e de reprodução de projetos de poder.

Contudo, permanecem lacunas que merecem ser investigadas por futuras pesquisas, sobretudo no que se refere à apropriação efetiva dos conteúdos matemáticos pelos estudantes e às práticas pedagógicas cotidianas no interior das salas de aula. A busca por novas fontes documentais, a realização de estudos comparativos com outras instituições semelhantes e a análise mais aprofundada da trajetória dos ex-alunos do *Gymnasio Leopoldinense* podem ampliar o entendimento

sobre o impacto da formação escolar na constituição dos espaços sociais locais e externos.

Dessa maneira, ao lançar um olhar investigativo sobre os saberes de matemática no Gymnasio Leopoldinense, reafirma-se a importância de valorizar a memória de instituições educativas que, mesmo distantes dos grandes centros urbanos, desempenharam papel decisivo na história da educação brasileira.

Esperamos, com este trabalho, ter contribuído para que novas interpretações sobre a educação no início do século XX se consolidem, reconhecendo a escola como espaço privilegiado de construção de saberes, sociabilidades e projetos de sociedade.

REFERÊNCIAS

A MATEMÁTICA a ensinar e para ensinar: Os saberes para a formação do educador matemático. Pará: Centro de Formação de Profissionais da Educação Básica do Estado do Pará, 2021. 1 vídeo (2h 16 min 48s). Publicado pelo canal AVACefor Seduc PA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M1fNf1ZI-Wo>. Acesso em: 01 jun. 2024.

ALMEIDA, Andréia Magalhães Dias. **O desenho na reforma João Pinheiro de 1906 em Minas Gerais**. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5808>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ANDRADE, Letícia Genevain. **O ensino de curvas cônicas sistematizado em livros didáticos de matemática para o curso secundário nas décadas de 1930 e 1940**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16676>. Acesso em: 12 abr. 2025.

ARATANGY, Claudia. Um pouco de história da docência no Brasil: a Escola Normal. **Centro de Formação da Vila**, 20 set. 2019. Disponível em: <https://cfvila.com.br/blog/2019/09/20/um-pouco-de-historia-da-docencia-no-brasil-a-escola-normal/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

AYALA, Eduardo Jorge; ZEVALLOS, Martha Aita. A pesquisa histórica: uma abordagem epistemológica. **Cadernos de Educação**, Santa Maria, n. 16, p. 11–26, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4061223.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução aos seus usos historiográficos. **ANPUH**, Histórias e Parcerias. Rio de Janeiro: ANPUH, 2019.

BOMENY, Helena. Reformas educacionais. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; CARVALHO, José Murilo de (Orgs.). **Reformas educacionais na Primeira República**. São Paulo: Editora FGV, 2019. p. 225-251. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REFORMAS%20EDUCACIONAIS%20.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025.

BONIN, Nelson José Zampier. A monumentalidade do Ginásio Leopoldinense em Leopoldina - MG. **Revista Percorso - NEMO**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 63-77, 2020.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida Cunha; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121–136, 2011. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/1220>. Acesso em: 9 abr. 2025.

BURKE, Peter. **O que é a História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARVALHO, Carlos Henrique de; GONÇALVES NETO, Wenceslau (Orgs.). **História da educação em Minas Gerais**: da colônia à república. Uberlândia: EDUFU, 2019. v. 3. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30839>. Acesso em: 17 jan. 25.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. [Tradução de Cristina Antunes]. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade /UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n.2, p. 177-229, 1990.

CUNHA, Luiz Antônio. **A educação e a sociedade brasileira**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**: o Ensino Superior, da Colônia à Era Vargas. 2.ed. rev., ampl. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.

DALCIN, Andreia. **Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história**. 2008. 326 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1607209>. Acesso em: 10 abr. 2025.

D'ESQUIVEL, Márcio Oliveira. A Geometria para ensinar de Olavo Freire: o Desenho Geométrico como ferramenta profissional. **Com a Palavra, o Professor**, Bahia, v. 4, n. 8, p. 74–92, 2019. Disponível em: <http://revista.geem.mat.br/index.php/PPP/article/view/299>. Acesso em: 6 abr. 2025.

EMENTARIO. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ementario/>. Acesso em: 28/04/2024.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 19–34, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rjhxvFpJQ97LDYVJxkXybbD/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sérgio. Tendências temáticas e metodológicas da pesquisa em Educação Matemática. In: FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sérgio. **Investigando a Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FORTALEZA, Francisca Janice dos Santos. **A escolarização da matemática nos grupos escolares paraenses (1899-1930)**. 2017. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13348>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FRANÇA, Iara da Silva. **Do ginásio para as escolas normais: as mudanças na formação matemática de professores do Paraná (1920-1936)**. 2015. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://arquivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/tede/iara.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

FREIRE, Vitória Chérída Costa; PAULA, Karolynne Barrozo de. A institucionalização do método lancasteriano durante o Império Brasileiro. In: **XII Encontro Cearense de História da Educação; II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória Da Educação**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39161/1/2013_eve_kbpaula.pdf. Acesso em: 12 abr. 2025.

GAZETA DE LEOPOLDINA. Leopoldina: Gazeta de Leopoldina, 10 jun. 1906. n. 7, ano 12.

GAZETA DE LEOPOLDINA. Leopoldina: Gazeta de Leopoldina, 1908. n. 101-102, ano 13.

GAZETA DE LEOPOLDINA. Leopoldina: Gazeta de Leopoldina, 1910. n. 78.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9–43, jan./fev. 2001.

KMITTA, Ilsyane do Rocio. O historiador em sua prática cotidiana: teoria e metodologia na pesquisa histórica. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 16, n. 32, p. 52–70, out./dez. 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/15241>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LE GOFF, Jack. **História e memória**. Tradução de Suzana Ferreira Borges, Bernardo Leitão e Irene Ferreira. Campinas: Unicamp, 1990.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MELO, Cristiane Silva; MORMUL, Najla Mehanna. Rui Barbosa e a educação: as Lições de Coisas e o ensino da cultura moral e cívica. **Educação Unisinos**, v. 18, n. 3, p. 320–330, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644344012.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MARCHI, Camila da Silva. **História do Museu Pedagógico Nacional: Pedagogium – um museu de grandes novidades (1890-1919)**. 2020. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C.; LOPES, Ivone Goulart; SOARES, Jefferson da Costa; PATROCLO, Luciana Borges. A criação do Colégio Pedro II e seu impacto na constituição do magistério público secundário no Brasil. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 985-1000, out/dez, 2013.

NOGUEIRA, Natania Aparecida. **Leopoldina**: instrução, mito político e formação de elites na zona da mata mineira (1895-1930). Leopoldina: Edição do autor, 2011.

OLIVEIRA, Marcus Aldenison. **Antonio Bandeira Trajano e o método intuitivo para o ensino de Arithmetica (1879-1954)**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2013.

OLIVEIRA, Marcus Aldenison. Antonio Bandeira Trajano e a atualização pedagógica lida em livros escolares: ensinar aritmética de modo intuitivo (final do século XIX). **História da Educação** (Online), 2019, v. 23: e79977. Disponível em <<<https://www.scielo.br/j/heduc/a/f8wN5q4KKkwXNvbvMD5>>>. Acesso em 18 mar. 25.

OLIVEIRA, Paloma Rezende. **O Gymnasio Leopoldinense e o projeto educativo de formação da elite republicana na Zona da Mata Mineira (1906-1926)**. 2016. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, Terezila Barra Silva. **Escola Estadual Professor Botelho Reis completa 115 anos nesta quinta, 3 de junho**. Leopoldina: O Vigilante Online, 03 jun. 2021. Disponível em: <<<https://www.ovigilanteonline.com.br/site/2021/06/03/escola-estadual-professor-botelho-reis-completa-115-anos-nesta-quinta-3-de-junho/>>>. Acesso em: 02 fev. 2025.

PALMA FILHO, João Cardoso. A república e a Educação no Brasil: Primeira república (1889-1930). **Pedagogia Cidadã, História da educação: Cadernos de formação**. 3. ed. São Paulo, SP: Santa Clara editora, p. 49-60, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/106/3/01d06t04.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2025

PEREIRA, Jaqueline Franco; LEITE, Sandra Fernandes. Breve histórico da Educação Infantil no Brasil: processos históricos e filosóficos para construir a Educação Humanizadora. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v.16, e0240015, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8677365/35443>. Acesso em: 12 abr. 2025.

REIS, José Botelho. **Ementario do Gymnasio Leopoldinense**. v. 1 (1906 – 1922). Leopoldina, 1925.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Pensador**. Portugal, [s.n.]. Disponível em: www.pensador.com/frase/NjQ1Mzc3/. Acesso em: 23 abr. 2025.

SILVA, Maria Célia Leme. Desenho e geometria na escola primária: um casamento duradouro que termina com separação litigiosa. **História da Educação [online]**. Porto Alegre, v. 18, n. 42, jan./abr. 2014.

SOARES, Flavia de Souza; CARVALHO, João Bosco Pitombeira Fernandes de. D. Pedro II e a Matemática: interesses, mestres e estudos. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, Campo Grande, v. 9, n. 21, p. 1–21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/13158/11255>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar**. Curitiba: Editora da UFPR, n.18, p.75-101. 2001.

SOUZA, Thuysa Schlichting de. **Entre o ensino ativo e a escola ativa: os métodos de ensino de aritmética nos grupos escolares catarinenses (1910-1946)**. 2016. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168005>. Acesso em: 10 abr. 2025.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 61–88, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/HsQ3sYP3nM8mSGSqVy8zLqS>. Acesso em: 12 abr. 2025.

VALENTE, Wagner Rodrigues. História da formação do professor que ensina matemática: etapas de constituição da matemática para ensinar. **Boletim Online de Educação Matemática**, v.10, p. 10-24, 2022.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Os movimentos da matemática na escola: do ensino de matemática para a educação matemática; da educação matemática para o ensino de matemática; do ensino de matemática para a Educação Matemática; da Educação Matemática para o Ensino de Matemática? **Pensar a Educação em Revista**. Curitiba/Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 3-23. abr.- jun./2016.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Oito temas sobre história da educação matemática. **REMATEC Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, Natal (UFRN), ano 8, n.12. p. 22-50, 2013.

ZOTTI, Solange Aparecida. O Ensino Secundário no Império Brasileiro: considerações sobre a função social e o currículo do Colégio D. Pedro II. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 18, p. 29-44. jun, 2005.

ANEXO A - Decreto de equiparação da Escola Normal às Escolas Normais
Oficiais

Decreto n. 1.942---de 6 de Setembro de 1906

Concede ao *Gymnasio Leopoldinense*, na cidade de Leopoldina, prerrogativa de Escola Normal.

O dr. Presidente do Estado de Minas Geraes, usando da auctorisação contida no art. 8º da lei n. 318, de 16 de setembro de 1901, e tendo em vista que o *Gymnasio Leopoldinense*, na cidade de Leopoldina, mantido pelo sr. José Monteiro Ribeiro Junqueira, está organizado segundo o plano do ensino normal official, resolve conceder-lhe as prerogativas de que gosam os estabelecimentos officiaes em que é ministrado o mesmo ensino.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior assim tenha entendido e faça executar.

Palacio da Presidencia do Estado de Minas Geraes,
na cidade de Bello Horizonte, 6 de setembro de 1906.

FRANCISCO ANTONIO DE SALLES

Delfim Moreira da Costa Ribeiro

ANEXO B - Decreto de equiparação do Gymnasio Leopoldinense ao Gymnasio Nacional

12

Decreto n. 7.193 --- de 26 de Novembro de 1908

Concede ao Gymnasio Leopoldinense, em Leopoldina, Estado de Minas Geraes, os privilegios e garantias de que gosa o Gymnasio Nacional.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil :

Attenderdo ás informações prestadas pelo Delegado Fiscal do Governo sobre os programmas de ensino e o modo por que são executados no Gymnasio Leopoldinense, com séde na Cidade de Leopoldina, Estado de Minas Geraes, resolve, de accordo com o art. 307 do Codigo dos Institutos Officiaes de Ensino Superior e Secundario, approvado pelo Decreto n. 3.890, de 1 de Janeiro de 1901, conceder ao dito estabelecimento de instrucção, na conformidade do art. 361 do citado Codigo, os privilegios e garantias de que gosa o Gymnasio Nacional.

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1908.—20º da Republica.

AFFONSO AUGUSTO MOREIRA PENNA

Augustó Tavares de Lyra

ANEXO C - Resumo estatístico da matrícula nos cursos primário, secundário
do Gymnasio Leopoldinense, de 1906 a 1922

61

RESUMO ESTATISTICO DA MATRICULA NOS
CURSOS PRIMARIO E SECUNDARIO DO
GYMNASIO LEOPOLDINENSE, DE 1906 A 1922

ANNO	CURSO PRIMARIO			CURSO SECUNDARIO			TOTAL		TOTAL GERAL
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	
1906...	18	—	18	21	—	21	39	—	39
1907...	26	—	26	50	—	50	76	—	76
1908...	22	—	22	50	2	52	72	2	74
1909...	25	1	26	85	6	91	110	7	117
1910...	20	5	25	106	11	117	126	16	142
1911...	16	5	21	131	11	142	147	16	163
1912...	22	8	30	84	7	91	106	15	121
1913...	35	9	44	86	17	103	121	26	147
1914...	48	15	63	107	15	122	155	30	185
1915...	31	9	40	121	10	131	152	19	171
1916...	31	5	36	119	8	127	150	13	163
1917...	21	13	34	158	10	168	179	23	202
1918...	44	7	51	229	18	247	273	25	298
1919...	62	7	69	232	26	258	294	33	327
1920...	88	5	93	223	23	246	311	28	339
1921...	73	3	76	247	34	281	320	37	357
1922...	73	6	79	263	38	301	336	44	380
TOTAL	655	98	753	2312	236	2548	2967	334	3301

M = masculino

F = feminino

ANEXO D - Resumo estatístico da matrícula na Escola Normal do Gymnasio Leopoldinense

101

RESUMO ESTATÍSTICO DA MATRICULA NA
ESCOLA NORMAL DO GYMNASIO LEOPOLDINENSE

	1º ANNO	2º ANNO	3º ANNO	4º ANNO	TOTAL
1907	54	—	1	2	57
1908	23	19	—	1	43
1909	23	14	16	—	53
1910	29	11	14	—	54
1911	44	14	8	—	66
1912	32	22	10	6	70
1913	23	29	17	10	79
1914	29	18	22	15	84
1915	15	21	16	17	69
1916	9	15	23	13	60
1917	13	11	16	22	62
1918	17	13	12	15	57
1919	11	14	14	12	51
1920	18	12	11	11	52
1921	8	20	12	12	52
1922	11	9	19	9	48
TOTAL	359	242	211	145	957

ANEXO E - Resumo estatístico da matrícula no curso de Pharmacia de 1913 a 1922

RESUMO ESTATISTICO DA MATRICULA NO CURSO DE PHARMACIA,
DE 1913 A 1922.

	1º ANNO			2º ANNO			3º ANNO			TOTAL GERAL
	MAS.	FEM.	TOTAL	MASC.	PEM.	TOTAL	MASC.	PEM.	TOTAL	
1913...	11	2	13	—	—	—	—	—	—	13
1914...	14	8	22	9	1	10	—	—	—	32
1915...	9	3	12	13	9	22	—	—	—	34
1916...	15	2	17	10	3	13	10	8	18	48
1917...	5	3	8	13	1	14	9	3	12	34
1918...	7	—	7	5	1	6	12	2	14	27
1919...	26	3	29	7	—	7	5	1	6	42
1920...	30	6	36	18	4	22	4	—	4	62
1921...	20	8	28	21	5	26	13	4	17	71
1922...	31	9	40	13	7	20	19	5	24	84
Total.	168	44	212	109	31	140	72	23	95	447

ANEXO F - Resumo estatístico da matrícula no Curso de Odontologia

121

RESUMO ESTATISTICO DA MATRICULA NO CUR-
SO DE ODONTOLOGIA

	1º ANNO			2º ANNO			TOTAL GERAL
	MASC.	FEM.	TOTAL	MASC.	FEM.	TOTAL	
1913	10	—	10	—	—	—	10
1914	7	—	7	8	—	8	15
1915	5	1	6	6	—	6	12
1916	3	1	4	4	1	5	9
1917	1	—	1	2	1	3	4
	26	2	28	20	2	22	50

Por deliberação da Congregação da Escola e aprovação do Conselho Superior do Ensino, o curso odontológico foi extinto, oficialmente, em 11 de Março de 1921.